



PUC RIO

GLÓRIA MARIA CASTILHO

IMPASSES CLÍNICOS: UM ESTUDO SOBRE O SUPEREU

MESTRADO EM PSICOLOGIA

Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, 28 de abril de 1994.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

N. Chandra: 501 2884 705 3 00

Titulo: Prácticas de Física



ES-2-CENTRAL

1975

GLÓRIA MARIA CASTILHO

IMPASSES CLÍNICOS: UM ESTUDO SOBRE O SUPEREU

Orientadora: Terezinha Féres Carneiro

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, Março de 1994

GLÓRIA MARIA CASTILHO

IMPASSES CLÍNICOS: UM ESTUDO SOBRE O SUPEREU

Dissertação apresentada ao Departamento
de Psicologia da PUC/RJ como parte dos
requisitos para obtenção do título de
Mestre em Psicologia

Orientadora: Terezinha Féres Carneiro

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, Março de 1994

57668

UC58794-3



84953

150
C352a
TESE UC

**A meus pais
e a meus amigos.**

A realização deste trabalho envolveu várias pessoas que, de diferentes formas, contribuíram para a transformação de uma idéia em uma dissertação. Agradeço a cada uma delas e em especial:

À Terezinha Féres Carneiro pela paciência e respeito com que conduziu a orientação.

À Circe N. Vital Brazil por suas intervenções sobre o assunto ao longo do estudo individual.

À Letícia Balbi pelos momentos de interlocução que favoreceram o avanço deste estudo.

Ao Luís Moreira de Barros por suas contribuições e por ter me acompanhado neste percurso.

À Elizabeth Tolipan por me ajudar a sustentar este e outros projetos.

Ao Eduardo Vidal por suas pontuações precisas sobre o assunto.

À Verinha e à Marise pela disponibilidade que têm em esclarecer as dúvidas dos alunos.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

RESUMO

O presente estudo aborda o conceito de supereu na neurose. Encontra seu ponto de partida nas questões suscitadas pelo atendimento aos usuários de drogas ilícitas. Inicialmente apresenta a importância da formulação do conceito de ideal do eu em 1914, acompanhando os desdobramentos assinalados por Freud, que contribuem para a postulação do conceito de supereu em 1923. Situa o supereu com relação a planos diferenciados, ou seja, um plano articulado pela vertente primária da castração e um plano fantasístico, no interior do qual a castração é interpretada como um castigo atribuível a um poder parental. Examina os fatores que influenciam no incremento da severidade do supereu para com o eu, indicando as conseqüências de certas operações como a desfusão pulsional. Assinala o cunho "hipermoral", consciente ou inconsciente, das relações entre o eu e o supereu. Em seguida compara as orientações de Freud, sobre a implicação do eu e do supereu em uma conjuntura que se retroalimenta, com algumas formulações de James Strachey e de Jacques Lacan, em torno da função e do destino da instância moral, em uma análise. Finalmente retoma a clínica com usuários de drogas. Enfatiza em certos casos, frente ao fracasso da relação com as drogas, o caráter fortemente moral do conflito que se instaura para o paciente. Ressalta a conexão entre o cunho moral deste conflito e o grau de crueldade que se estabelece nas relações entre o eu e o supereu, avaliando a direção do tratamento em tais casos.

RÉSUMÉ

Cette étude aborde le concept de surmoi dans la névrose. Son point de départ se trouve dans les questions suscitées par l'écoute de patients qui font usage de drogues illicites. Elle présente, tout d'abord, l'importance de la formulation du concept d'idéal du moi, en 1914, et suit les dédoublements signalés par Freud, lesquels contribuent à la postulation du concept de surmoi, en 1923. Elle situe le surmoi par rapport à des plans distincts, c'est-à-dire un plan articulé par le versant primaire de la castration et un plan fantaisiste, au sein duquel la castration est vue comme une punition relevant d'un pouvoir parental. Elle examine les facteurs qui contribuent à l'accroissement de la sévérité du surmoi à l'égard du moi et indique les conséquences de certaines opérations telles la désunion des pulsions. Elle signale le caractère "hypermoral", conscient ou inconscient, des rapports entre le moi et le surmoi. Elle compare ensuite les indications de Freud sur l'implication du moi et du surmoi, dans une conjoncture qui se rétro-alimente, à l'aide de quelques formulations de James Strachey et de Jacques Lacan, autour de la fonction et du destin de l'instance morale dans une analyse. Elle reprend enfin la clinique avec les usagers de drogues et souligne, pour certains cas, face à l'échec du rapport aux drogues, le caractère fortement moral du conflit qui s'instaure pour le patient. Elle fait ressortir la connexion entre l'aspect moral de ce conflit et le degré de cruauté qui s'établit dans les relations entre le moi et le surmoi, tout en évaluant la direction de la cure pour de tels cas.

PALAVRAS-CHAVE

- psicanálise
- supereu
- pulsões de vida
- pulsão de morte
- castração primária
- identificação primária
- culpa
- angústia
- ambivalência
- plano fantasístico
- defusão pulsional
- necessidade de castigo
- masoquismo moral
- impasses clínicos

SUMÁRIO

I – Introdução	1
II – Dos Ideais ao Supereu	10
1 – O Eu Ideal e o Ideal do Eu	13
2 – Do Ideal do Eu ao Supereu	18
3 – O Supereu e a Identificação Primária com o Pai	27
III – A Crueldade e a Severidade do Supereu para com o Eu	39
1 – Gênese e Função do Supereu	39
1.1 – O Retorno do Recalcado: Os Sintomas	42
1.2 – A Desfusão Pulsional	44
1.3 – A Renúncia Pulsional Primária e a Gênese da Consciência Moral	52
2 – Os Efeitos do Supereu	59
IV – Sobre a Função e o Destino do Supereu em uma Análise	64
1 – O Apaziguamento do Supereu: James Strachey	64
2 – O Ultrapassamento do Campo Regulado pela Instância Moral: Jacques Lacan	78
2.1 – O Sujeito do Desejo: Uma Outra Vertente da Moral	79
2.2 – Édipo: Um Percurso	91
2.3 – A Reordenação das Relações com a Lei	103
V – Conclusões	111
VI – Referências Bibliográficas	120

I – Introdução

"Il s'agit moins de la dépendance à un produit que, de l'envers, de l'imposition symbolique qui commande de jouir. Ce dont nous dépendons, c'est de la grosse voix du Surmoi."

Zafiropoulos

Nosso tema de interesse nesta investigação é o conceito de supereu na neurose e procuraremos situar, ao longo desta introdução, a forma como chegamos a este conceito específico da teoria psicanalítica, partindo de uma prática clínica.

Nossa pesquisa tem sua origem na escuta de pacientes usuários de drogas ilícitas no NEPAD/UERJ, um núcleo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro voltado para o estudo e a pesquisa dos problemas e questões relacionados tanto às drogas ilícitas, como às drogas lícitas. Nossa inserção no setor de assistência terapêutica e, conseqüentemente, a experiência clínica com usuários de drogas ilícitas, nos conduziu a formular algumas questões teóricas.

Trata-se, portanto, de um estudo sobre o conceito de supereu na neurose, que tem como ponto de partida, a escuta de usuários de drogas ilícitas. Tal escuta se configura como uma via privilegiada para suportar nossa investigação sobre o supereu, na medida em que aponta para uma tensão psíquica que se expressa, de forma amplificada, nos relatos de um mal estar sem precedentes, de uma angústia que não se aplaca, de uma compulsão que é incontrolável. Em inúmeros momentos de seu percurso de construção da psicanálise, Freud ressalta a importância desta amplificação para que se possa avançar teoricamente em certas questões:

"De nuevo tendremos que colegir la simplicidad aparente de lo normal desde las desfiguraciones y exageraciones de lo patológico" (1914c, p. 79)

Vejam os aqui alguns aspectos que permitam a articulação entre o conceito de supereu e o uso excessivo de drogas.

Por um lado, constatamos que o fato de haver um uso intenso de drogas, não necessariamente implica em sofrimento psíquico para o usuário. Algumas vezes a queixa está situada do lado dos familiares (o cônjuge, a mãe, o pai ou um irmão) e não do usuário. São situações em que o paciente costuma ser trazido por alguém e nas quais a queixa inicial... "quero parar de me drogar"... pode, eventualmente, ser desdita pelas posteriores articulações do próprio paciente.

Por outro lado, há um segundo grupo de pacientes para o qual o uso de drogas retorna sob a forma de intenso sofrimento psíquico, configurando-se como um uso compulsivo, desregulado, abusivo, marcado por um excesso. Há relatos freqüentes que explicitam a impossibilidade de interromper o uso, o fato de sentir-se "dominado pela droga", angustiado antes, durante e após o efeito da mesma e que referem ainda um forte sentimento de culpa, bem como, auto-recriminações por insistir no uso. Estes pacientes falam de um mal estar generalizado e a busca de ajuda é, muitas vezes, articulada ao reconhecimento, por parte do usuário, de que sozinho não consegue sair da situação em que se encontra: "... quero parar de me drogar mas me drogo sem parar...". Sofrimento e abuso de drogas, nestes casos, parecem formar um círculo vicioso que delinea uma dimensão imperativa do uso de drogas, frente à qual o paciente se localiza em seu discurso, como assujeitado: "... eu não cheiro, sou cheirado..."

É este segundo grupo de pacientes que vem nos levando a interrogar, junto à teoria psicanalítica: qual o estatuto de uma tal dimensão imperativa do uso de drogas?

Os aspectos clínicos acima descritos, somados aos relatos, desses pacientes, de pensamentos que se impõem, de uma voz na consciência que ordena o uso como por exemplo: "Cheira!" ou "sobe o morro!", foram, pouco a pouco, nos conduzindo para um determinado recorte da teoria freudiana (o período a partir de 1920) e mais especificamente para o conceito de supereu, sob a forma da seguinte questão: que

correlação pode ser estabelecida entre a severidade do supereu, seu caráter imperativo e insensato e o uso abusivo de drogas, marcado por um excesso e qualitativamente diferenciado, no discurso dos pacientes, de um uso prazeroso? Será o supereu o ordenador deste assujeitamento ao abuso de drogas?

Em *O Mal Estar na Civilização*, especialmente, acreditamos encontrar em Freud (1930a), um nível de problematização privilegiado do tema que nos ocupa, na medida em que por um lado, ganha destaque o conceito de supereu em toda a sua complexidade e por outro lado, constitui-se como um dos raros momentos, de sua obra, em que Freud fornece algumas indicações sobre a função da intoxicação para o homem.

Neste texto, Freud converge para o conceito de supereu, debruçando-se sobre suas antinomias apenas nos últimos capítulos. Nos capítulos iniciais, aborda as exigências de renúncias pulsionais impostas ao homem, ao longo do processo civilizatório, as quais geram hostilidade pois, "No es fácil comprender cómo se vuelve posible sustraer la satisfacción a una pulsión". (p. 96)

Considera também as vantagens alcançadas, pelo homem, nesta via (as compensações que o homem recebe em troca de suas renúncias) e como seu projeto particular de busca de felicidade é afetado, ou seja, "El hombre culto ha cambiado un trozo de posibilidad de dicha por un trozo de seguridad." (p. 112)

A força deste texto nos parece residir na forma como Freud vai construindo um campo, que é irreduzível à uma leitura maniqueísta da relação do homem com a civilização. Não se trata aqui de avaliar ou não o preço pago pelo homem ao longo desse processo. Acreditamos que Freud coloque em discussão as dificuldades, as antinomias desse campo e os efeitos no particular de uma dualidade pulsional – um mal estar na civilização frente ao qual cada homem responde com uma solução, com um método que lhe é particular:

"... los métodos más interesantes de precaver el sufrimiento son los que procuram influir sobre el propio organismo... El

método más tosco, pero también el más eficaz, para obtener ese influjo es el químico: la intoxicación". (p. 77)

Mais adiante, Freud avalia a função dos tóxicos para o homem:

"Lo que se consigue mediante las sustancias embriagadoras en la lucha por la felicidad y por el alejamiento de la miseria es apreciado como un bien tan grande que individuos y aun pueblos enteros les han asignado una posición fija en su economía libidinal... con ayuda de los "quitapenas" es posible sustraerse en cualquier momento de la presión de la realidad y refugiarse en un mundo propio..." (p. 78)

Acreditamos encontrar nestas citações, algumas importantes indicações sobre a drogadição. Em primeiro lugar, se Freud inicia situando o método químico como aquele que influencia o organismo, o corpo, em seguida aponta que os tóxicos ocupam um lugar permanente na economia da libido de indivíduos e povos. Este cunho libidinal recoloca o problema em um âmbito que é psíquico, explicita que a relação do homem com as drogas ultrapassa a mera influência sobre o organismo, ainda que esta influência deva ser levada em consideração, deva ser interrogada.

Nesta via, a psicanálise aponta para a importância da escuta do usuário de drogas, buscando apreender em seu discurso ou, mais exatamente, no que falha em seu discurso, a função que a droga tem para um sujeito. A consequência imediata disto é uma mudança de acento – da substância para o sujeito – na qual a droga deve ser examinada partindo-se de sua inserção, enquanto significante, no discurso do usuário. Trata-se de levar em consideração que drogas, drogadição, cheirar e se picar são significantes e, enquanto tais, passíveis de serem interrogados por uma via discursiva.

Esta perspectiva, aprofundada por Lacan (1966) ao nos alertar quanto ao muro da linguagem, é decorrente do reconhecimento de que o homem nasce imerso em um universo simbólico. Há uma ordem simbólica que o antecede e que não permite que as relações do homem com o mundo, possam ser pensadas como uma relação entre dois

termos: há uma terceira dimensão – simbólica – que se interpõe e desnaturaliza as relações, por exemplo, do homem com as drogas.

Iniciamos a abordagem deste ângulo da questão, indicando que se trata de uma mudança de acento e nos parece fundamental frisar que ao valorizarmos nos termos drogas, maconha ou cocaína, sua conotação significativa, não pretendemos desconhecer a substancialidade das drogas, o fato de serem consumidas e produzirem efeitos no corpo, afetarem este corpo. Cabe, entretanto, assinalar que a experiência nos mostra que os efeitos de cada droga não são unívocos. Por exemplo, alguns pacientes relatam que o uso de cocaína os conduz à uma introspecção, enquanto outros consideram que sob os efeitos da cocaína, encontram maior facilidade de inserção nos grupos. De qualquer forma, o que refutamos é que se parta da substancialidade das drogas, para determinar os efeitos sobre um sujeito.

Um outro ponto a ser destacado na indicação fornecida por Freud, a respeito da intoxicação, é o caráter de eficácia das drogas na evitação do sofrimento, no afastamento da desgraça, na luta pela felicidade... Freud enfatiza a intoxicação como solução para algo que se coloca para um sujeito: um amortecedor de preocupações que torna possível afastar-se da realidade...

Vejamos um aspecto clínico que, a nosso ver, permite uma leitura nesta direção. Trata-se de alguns relatos segundo os quais após um determinado período de uso eventual de drogas, passa-se, em dado momento, para um uso abusivo, compulsivo. O que nos chama a atenção é que, freqüentemente, esta passagem é marcada na história do sujeito, quer seja por seu casamento, pelo nascimento de um filho, pela perda do emprego ou de alguém próximo... de forma que a substância parece passar a ter outro valor para o sujeito.

Algo de uma mudança qualitativa na relação com o produto, sugere que o sujeito passa a fazer uso da droga como uma solução para algo preciso, específico com que se confrontou. Como diz Freud, o homem se utiliza de métodos para se afastar de algum

grau de sofrimento, de mal estar. A droga neste contexto parece, então, funcionar como um "tampão" que adia, protela, por exemplo, a emergência da angústia.

O fato é que quando o usuário de drogas busca ajuda, o que podemos ouvir de seu relato é que um tal método também fracassou e seu mal estar agora está efetivamente colocado, ainda que deslocado, já que o paciente costuma explicitar em uma entrevista inicial: "... o meu problema é a droga..." Esta forma de colocar a questão nos parece, a um só tempo, abertura e fechamento para um tratamento. É abertura, na medida em que o paciente endereça a alguém, o analista, sua relação com a droga. É fechamento, pelo fato de que sua queixa é, inicialmente, centrada na substância que é suposta responder por todo o seu mal estar.

Por outro lado, em outro momento de seu tratamento, poderá "se ouvir" ao dizer que algo falhou quando procurou na droga uma solução e interrogar esta solução particular frente àquilo com que se defrontou. Neste sentido, consideramos que a via discursiva, ao longo de uma análise, seja o âmbito próprio para que um sujeito possa interrogar, formular uma pergunta sobre a particularidade de sua relação com as drogas, possa produzir algum saber, algum contorno simbólico para aquilo que inicialmente é puro agir, isto é, drogar-se. → *Nessa medida que seria considerada uma patologia do ato?*

Demarcado este campo, é interessante notar que o excesso, o uso excessivo, cuja marca se faz presente em relatos como: "... não aguento mais me drogar tanto..." ou "... estou me drogando demais..." nem sempre se apóia em correspondentes quantidades consumidas. Pode até haver um consumo intenso sim, mas uma tal aproximação não é linear, ou seja, nem sempre o relato de que há um excesso, implica no consumo de quantidades excessivas. O excesso, o que é excessivo, o é sempre para alguém, e não como algo definível a priori.

Cabe aqui interrogar: de que ordem é o excesso de que se fala? Não sendo apenas quantitativo, a que mais se refere? Estará aqui indicada uma tensão psíquica que é irreduzível à substancialidade, bem como à quantidade consumida? E ainda: podemos reconhecer nesta tensão os efeitos, sobre um sujeito, da severidade do supereu?

É dentro do contexto que expusemos acima, que nossa pesquisa sobre o conceito de supereu se mostra fundamental, para avançarmos certos pontos de impasse com que nos confrontamos em nossa prática clínica. O enlace do prazer com o sofrimento expresso, com uma clareza ímpar, pelo paciente que diz ..." a droga é um prazer infernal...", nos leva a interrogar, a partir da obra de Freud: em que medida o conceito de supereu se articula a um prazer de outra ordem, excessivo, que implica em sofrimento e frente ao qual o paciente se localiza, em seu discurso, como assujeitado?

O ponto de partida deste estudo é a escuta de usuários de drogas. Vimos acima, a presença de um excesso no relato dos pacientes, seja de angústia, seja de mal estar, seja de culpa por insistir no uso. Cabe assinalar, entretanto, que esta amplificação não se configura como uma particularidade da clínica com usuários de drogas. Veremos no texto de Freud, o grau de severidade e de crueldade a que podem chegar as relações entre o eu e o supereu. Veremos também engendrar-se um circuito no interior do qual o eu extrai uma satisfação, implicada no sofrimento, que retroalimenta a severidade do supereu. Acompanharemos ainda, a forma como este conjunto de relações se articula aos obstáculos com que Freud se confronta em sua clínica e que o conduzem à progressiva demarcação de um irreduzível mal estar na civilização.

Procurando evidenciar o destaque conferido por Freud, às complexas relações que se estabelecem entre o eu e o supereu, dedicaremos os dois primeiros capítulos às articulações de Freud.

No primeiro capítulo, *Dos Ideais ao Supereu*, abordaremos as condições de precipitação do conceito de supereu, em 1923. A que conjunto de problemas e questões este conceito vem responder? Em torno desta pergunta, seguiremos o fio do pensamento de Freud desde *Introdução ao Narcisismo*. Neste texto, Freud afirma o caráter libidinal do eu, a ocorrência de diferenciações no eu e o fato de que a parte diferenciada a partir do eu, ideal do eu, se comporte de forma coercitiva para com o restante do eu. Acompanharemos algumas conseqüências que Freud extrai destas formulações, nos textos *Luto e Melancolia* e *Psicologia das Massas e Análise do Eu* e procuraremos avaliar: porque é que Freud lança mão de mais um conceito em 1923 – o

de supereu – se já dispõe desde 1914, do conceito de ideal do eu? O conceito de supereu expressa uma dimensão que extrapola o plano dos ideais?

Em seguida, em uma primeira aproximação geral do conceito de supereu, examinaremos as conexões entre o supereu e a instância paterna. Acompanharemos os efeitos, na estruturação subjetiva, da identificação com o pai em diferentes planos.

No segundo capítulo, *A Crueldade e a Severidade do Supereu para com o Eu*, situaremos três linhas, a partir das quais Freud procura examinar o conceito de supereu – a gênese, a função e os efeitos do supereu no psiquismo. Quais são os fatores que influenciam no incremento da severidade, da crueldade do supereu, com relação ao eu? Veremos que Freud ressalta, como diretamente relacionados à severidade do supereu, a desfusão pulsional, o retorno do recalado (os sintomas) e a gênese da consciência moral. Examinaremos de que forma, cada um destes aspectos contribui para incrementar a crueldade do supereu. Além disto, quais são os efeitos sobre o eu desta conjuntura? Em suas relações com o supereu, o eu é passivo ou há algo de uma participação do eu no circuito que o vitima? Constataremos que, para Freud, há uma implicação específica do eu nas proporções a que chegam suas relações com o supereu. Veremos a importância de conceitos como sentimento inconsciente de culpa, necessidade de castigo, masoquismo moral, reação terapêutica negativa, angústia da consciência moral, conceitos que abordam, desde diferentes ângulos, um mesmo conjunto de relações.

Neste capítulo, recorreremos a diferentes textos de Freud, de um modo geral, posteriores à "virada de 1920", posteriores, portanto, à postulação de uma nova dualidade pulsional – pulsões de vida e de morte. Dentre os textos que examinaremos, cabe destacar *O Eu e o Isso*, *O Problema Econômico do Masoquismo*, *O Mal Estar na Civilização* e a *31ª Conferência*. Nestes textos encontramos um minucioso estudo de Freud sobre as questões aqui abordadas.

No terceiro capítulo, *Sobre a Função e o Destino do Supereu em uma Análise*, veremos como o pensamento de Freud suscita desdobramentos diversos, em James

Strachey e Jacques Lacan. Por um lado, ainda que de diferentes formas, ambos conferem destaque ao conceito de supereu, na discussão sobre a direção do tratamento analítico. Por outro lado, a argumentação destes autores, segue rumos opostos. Qual o destino do supereu em uma análise? Strachey em *Naturaleza de la Acción Terapéutica del Psicoanálisis*, propõe que haja um apaziguamento do supereu, ao longo de uma análise. Lacan em *O Seminário 7. A Ética da Psicanálise*, indica, ao contrário, a importância do ultrapassamento de um campo regulado pela instância moral, pela constelação do supereu.

Compararemos a posição de cada um destes autores, com as orientações de Freud que serão apresentadas nos dois primeiros capítulos.

Na conclusão, retomaremos algumas articulações que serão desenvolvidas ao longo deste estudo, assim como, algumas pontuações sobre nossa própria clínica. Procuraremos avaliar se o uso abusivo de drogas pode corresponder a um efeito das injunções do supereu.

II – Dos Ideais ao Supereu

Um rastreamento na obra de Freud das noções precursoras do conceito de supereu, nos conduz a textos muito iniciais. A noção de censura, por exemplo, aparece na carta a Fliess de dezembro de 1897. É desenvolvida em *A Interpretação dos Sonhos*, de 1900 e na 26ª Conferência é articulada à instância de observação de si:

“A la instancia de observación de si la conocemos como el censor yoico, la conciencia moral; es la misma que por las noches ejerce la censura sobre los sueños”... (1916-17, p. 390)

Também a idéia de um sentimento inconsciente de culpa aparece esboçada por Freud (1907b) já no texto *Ações Obsessivas e Práticas Religiosas:*

“Puede decirse que quien padece de compulsión y prohibiciones se comporta como se estuviera bajo el imperio de una conciencia de culpa de la que él... nada sabe; vale decir, de una conciencia inconciente de culpa, como se puede expressarlo superando la renuencia que provoca la conjunción de esas palabras” (p. 106).

A defasagem temporal entre o período de enunciação e o momento em que tais noções ganham pleno desenvolvimento no corpo teórico, é objeto de um interessante comentário de Freud (1933a) na 31ª Conferência:

“Desde el comienzo mismo se sustuvo entre nosotros que el ser humano enferma a raiz del conflicto entre las exigencias de la vida pulsional y la resistencia que dentro de el se eleva contra ellas, y en ningún momento habíamos olvidado a esa instancia que resiste, rechaza, reprime... sólo que en el arduo progresar del trabajo científico tampoco el psicoanálisis pudo estudiar todos los campos de manera simultánea... Al fin se hubo avanzado lo suficiente para

apartar la atención de lo reprimido y dirigirla a lo represor”
(p. 53).

Vemos que desde sempre Freud é sensível à idéia de um conflito no psiquismo, entre as exigências da vida pulsional e a instância recalcadora, estreitamente articulado ao adoecimento, ao sofrimento psíquico. Há, entretanto, um marco a ser situado neste percurso indicado por Freud, do recalcado às forças recalcadoras. Trata-se do texto *Introdução ao Narcisismo* de 1914. Seguir os desdobramentos e avanços teóricos possibilitados pelas descobertas deste texto, ou seja, o caráter libidinal do eu, bem como, a possibilidade de diferenciações a partir do eu em um eu ideal e um ideal do eu, tem para nós o valor de situar as condições de precipitação do conceito de supereu em 1923.

Procuraremos acompanhar a partir de alguns elementos de *Introdução ao Narcisismo, Luto e Melancolia e Psicologia das Massas e Análise do Eu*, o curso seguido por Freud de uma investigação mais e mais direcionada pelos impasses colocados por sua clínica, sobretudo, ao ser conjugada às reformulações de 1920. Já não é mais possível operar com as pulsões sexuais em oposição às pulsões do eu, que se desvelaram libidinais. Já não é mais possível identificar a consciência ao eu e o recalcado ao inconsciente. Em *Mais Além do Princípio do Prazer*, Freud (1920g), propõe uma nova dualidade pulsional — pulsões de vida e de morte — e em 1923 define uma segunda tópica — o eu, o isso e o supereu. Na 31ª Conferência, Freud (1933a) enuncia: “grandes sectores del yo y del superyó pueden permanecer inconcientes, son normalmente inconscientes”. (p. 65)

Antes de nos determos nos textos acima apontados para chegarmos ao conceito de supereu em 1923, cabe aqui precisar nossa opção teórica com relação a um intrincado ponto da elaboração teórica de Freud.

Trata-se dos conceitos de ideal do eu e de supereu. Embora Freud se utilize, em alguns momentos, de ambos de forma indiscriminada como, por exemplo, no próprio título do terceiro capítulo de *O Eu e o Isso — El yo y el superyó (Ideal del Yo)* — há

dois momentos onde Freud assinala uma relação entre ambos. Em *Introdução ao Narcisismo*, ao apresentar o conceito de ideal do eu, nos diz:

“No nos asombraría que nos estuviera deparado hallar una instancia psíquica particular cuyo cometido fuese velar por el aseguramiento de la satisfacción narcisista proveniente del ideal del yo, y con ese propósito observase de manera continua al yo actual midiéndolo con el ideal.” (1914c, p.92)

Vemos aqui apontada uma formação distinta do ideal do eu, no momento mesmo em que este conceito é formulado. Na 31ª *Conferência*, encontramos reafirmada esta posição de Freud, ao abordar o supereu como uma constelação estrutural que inclui dentre suas funções, a de ser portador do ideal do eu. Acompanhemos o que situa Freud (1933a):

...“nuestra postulación del superyó describe real y efectivamente una constelación estructural... Mencionaremos... una importante función que adjudicamos a ese superyó. Es también el portador del ideal del yo con el que el yo se mide...” (p.60).

Alguns parágrafos adiante, Freud reitera:

“Volvamos al superyó. Le hemos adjudicado la observación de sí, la conciencia moral y la función de ideal...” (p.62)

A abertura fornecida pela idéia do supereu como uma constelação estrutural que supõe funções inter-relacionadas, nos autoriza a avançar este campo de questões entendendo que haja pontos de conjunção e de disjunção entre o supereu e o ideal do eu. Esta perspectiva nos parece importante não apenas conceitualmente, mas também, por sua pertinência clínica.

Procuraremos trabalhar aqui, partindo desta leitura, buscando situar as condições de emergência do supereu e as conseqüências teórico-clínicas extraídas por Freud deste conceito.

1- O Eu Ideal e o Ideal do Eu

Partindo de *Introdução ao Narcisismo*, recorreremos a Lacan para melhor evidenciar certas nuances do texto de Freud, referentes ao estabelecimento de diferenciações no interior do eu — em um eu ideal e um ideal do eu. Em seguida, avançaremos com o exame das conseqüências de uma tal postulação.

Neste texto, Freud (1914c) é levado a discriminar, partindo do estudo das neuroses narcísicas e da homossexualidade (e, portanto, partindo da clínica), uma libido do eu por oposição à libido de objeto. A implicação imediata disto é que desde esta perspectiva o eu pode ser investido, desinvestido pela libido, é capaz de represamento (estase) da libido e em última instância, pode ser tratado como um objeto.

É através do exame da vida erótica dos seres humanos, “...dentro de su variada diferenciación en el hombre y en la mujer” (p.84), que Freud avança em seu estudo sobre o eu. Aponta que as pessoas encarregadas da nutrição, da proteção e do cuidado tornam-se os primeiros objetos sexuais e designa esta eleição de objeto como anaclítica. Acrescenta, porém, que através da análise se descobriu que certas pessoas elegem como objeto seu próprio eu, exibindo o tipo de eleição de objeto narcísica. Conclui:

“todo ser humano tiene abiertas frente a sí ambos caminos para la elección de objeto, pudiendo preferir uno o el otro. Decimos que tiene dos objetos sexuales originarios: él mismo y la mujer que lo crió, y presuponemos entonces en todo ser humano el narcisismo primario que, eventualmente, puede expresarse de manera dominante en su elección de objeto.” (p. 85).

Situados estes pontos, Freud se interroga sobre o destino da libido do eu, no adulto: “¿ Debemos suponer que su monto íntegro se insumió en inversiones de objeto?” (p.90). Refuta esta hipótese e se remete às contribuições fornecidas pelo estudo do recalque.

Lança mão das exigências éticas e culturais em sua correlação com o recalque, precisando que a edificação de um ideal a partir do qual o eu atual se mede, condicionaria para o eu o recalque. Freud esclarece que é sobre este eu ideal que passa a recair o amor por si próprio que outrora gozava o eu real “...el narcisismo aparece desplazado a este nuevo yo ideal...” (p.91), corroborando no âmbito da libido a impossibilidade do homem de renunciar à satisfação, advinda da perfeição narcisista. Acrescenta, entretanto, que o ser humano é empurrado em direção à renúncia da satisfação, por admoestação de terceiros e pelo “despertar de su juicio propio” (p.91). Neste ponto do texto explicita que o homem procura recuperar a satisfação renunciada “en la nueva forma del ideal de yo”. (p.91).

É importante destacar nesta densa seqüência, o ponto em que Freud (partindo das questões colocadas pelas flutuações da libido), enuncia pela primeira vez a ocorrência de diferenciações no eu em um eu ideal e um ideal do eu. Cabe ainda ressaltar o campo de conflitos esboçado por um lado, pela exigência de satisfação pulsional e por outro lado, pela necessidade de renúncia à satisfação imposta pelas exigências éticas e culturais, através da admoestação de terceiros.

Embora a distinção entre o eu ideal e o ideal do eu não tenha sido aprofundada por Freud, vários analistas reconheceram a importância teórico-clínica de diferenciá-los.

No texto *Observación sobre el Informe de Daniel Lagache*, Lacan (1966) discute algumas posições daquele autor acerca da oposição eu ideal/ideal do eu. Considera que ainda que Lagache se proponha a examinar a diferença funcional entre os dois conceitos, fornece dois termos, em última instância, recíprocos, simétricos, fundados a partir da relação intersubjetiva.

Examinando o par eu ideal-ideal do eu em outra direção, Lacan procura frisar que embora correlativos, o eu ideal e o ideal do eu são dissimétricos. Ressalta a diferença de planos em que se situam as duas formações.

Encontramos em Lacan o esforço teórico (em diferentes textos), de precisar no processo de estruturação subjetiva, a incidência de registros diferenciados — o simbólico, o imaginário e o real. As correlações entre estes registros ao longo de sua obra, ganham tonalidades específicas segundo o ângulo que Lacan as enfoca, mas também segundo o momento teórico em que as apresenta.

Deter-nos-emos em textos, de um modo geral, anteriores à década de sessenta, buscando extrair certas indicações fornecidas por Lacan com respeito às formações ideais, examinadas desde os diferentes registros.

Em *O Seminário 1. Os Escritos Técnicos de Freud*, comentando a frase de Freud (1914c) segundo a qual o ideal do eu aumenta as exigências do eu e favorece ao máximo o recalque, Lacan (1953-54) diz que a exigência do ideal do eu, “toma seu lugar no conjunto das exigências da lei”. (p.157). Trata-se aqui da lei simbólica; o ideal do eu é abordado por Lacan (1966) como uma referência simbólica desde onde são reguladas as relações com o eu ideal: “Es esta imagen, yo ideal, la que se fija desde el punto en que el sujeto se detiene como ideal del yo.” (p.788)

É, portanto, como imagem a precipitar-se, a fixar-se e mais que isto a ajustar-se a partir das insígnias do ideal do eu, que o eu ideal encontra sua definição.

Partindo da prematuração do “infans”, Lacan (1953-54) recorre ao campo da etologia para situar que a função da imagem no animal supõe a existência de certas “correspondências preestabelecidas entre a sua estrutura imaginária e o que ... importa à perpetuação dos indivíduos, eles próprios função da perpetuação da espécie.” (p.148). No humano, por outro lado, ressalta Lacan, o “pattern fundamental é imediatamente a relação ao outro” (p. 148).

Vejamos em maior detalhe:

Lacan conduz seu exame abordando desde diferentes ângulos o valor estruturante, no humano, da relação com o semelhante. Em *O Estádio do Espelho* procura especificar as particularidades da precipitação da imagem do corpo próprio, no homem. Situa que a criança entre seis e dezoito meses, frente ao espelho reage com júbilo, interesse, mostra-se engajada em uma atividade de gesticulação e de variação de posturas. Esclarece que o “infans” se rejubila por apreender no espelho (que pode ser um semelhante), uma unidade que é dissonante de sua vivência de despedaçamento. Mais do que uma constatação da criança, Lacan (1966) frisa o valor estruturante desta experiência:

“Es que la forma total del cuerpo, gracias a la cual el sujeto se adelanta en un espejismo a la maduración de su poder, no le es dada sino como **Gestalt**, es decir en una exterioridad donde sin duda esa forma es más constituyente que constituida, pero donde sobre todo le aparece en un relieve de estatura que la coagula...” (p.87-8)

Focamos acima as condições de precipitação da imagem no humano, procurando demarcar o caráter estruturante desta fixação do imaginário. Há, entretanto, dois pontos que requerem destaque em sua correlação com o ajuste do imaginário na criança.

O primeiro ponto diz respeito à consequência imediata para Lacan (1953-54), do fato do ser humano encontrar sua unidade corporal fora de si, no campo do espelho “...o homem... se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo...” (p. 96). Este fato engendra um campo de tensão onde a agressividade encontra seu lugar, na medida em que o desejo que concerne à criança, se lhe apresenta desde fora, como alteridade:

“Na origem,..., o desejo só existe no plano da relação imaginária do estado especular, projetado, alienado no outro. A tensão que ele provoca é então desprovida de saída. Quer dizer, não tem outra saída... senão a destruição do outro.” (p. 197-8)

Aqui se evidencia a importância de fazer incidir diferentes registros, para que se possa apreender certos desdobramentos da estruturação subjetiva. Vejamos, então, o segundo ponto que mencionamos acima.

O impasse que se engendra no plano estritamente dual (no qual o homem se funda como rival de si próprio), encontra um grau de resolução pela incidência de uma terceira dimensão: a dimensão simbólica.

É assim que Lacan (1966) faz intervir na própria experiência do espelho, um terceiro elemento — o Outro, ou seja, uma função (encarnada, por exemplo, pela mãe), para além dos jogos duais, especulares e que supõe a linguagem. Trata-se aqui do Outro em sua face pacificadora, de pacto, de mediatização:

“Pues el Otro en el que se sitúa el discurso, siempre latente en la triangulación que consagra esa distancia, no lo es tanto como para que no se manifieste hasta en la relación especular en su más puro momento: en el gesto por el que el niño en el espejo, volviéndose hacia aquel que lo lleva, apela con la mirada al testigo que decanta, por verificarlo, el reconocimiento de la imagen del jubiloso asumir...”
(p.658)

Vemos, portanto, que este Outro encarnado pela mãe, testemunha e ajusta a experiência do “infans” frente ao espelho, desde um campo de linguagem: “você é aquele lá no espelho”, que desvela na estrutura mesma da experiência, a multiplicidade de planos irreduzíveis a uma simetria.

É neste contexto, que requer não apenas a experiência do espelho mas também um terceiro elemento que ajuste a posição do observador frente a este espelho, que Lacan trabalha o par eu ideal-ideal do eu. O ideal do eu, simbólico, constelação de insígnias, orienta e ajusta o efeito de miragem do eu ideal. Aqui, a frase de Lacan (1953-54) segundo a qual a exigência do ideal do eu toma seu lugar no conjunto das exigências da lei, deixa clara a função, de guia, do ideal do eu: “o ideal do eu comanda o jogo de relações de que depende toda a relação a outrem (p. 165).

Vimos com o auxílio da leitura de Lacan, o valor estruturante do ideal do eu enquanto lugar simbólico, dissimétrico embora correlativo ao eu ideal. Cabe ainda ressaltar que em sua articulação teórica, Lacan se utiliza das contribuições do estruturalismo lingüístico. Desde esta perspectiva o campo da linguagem é concebido como estrutura, ordem simbólica, condição de possibilidade da cultura e, portanto, constitutivo das relações propriamente humanas. Neste sentido, a ser diferenciado da função simbólica, que uma criança detém em dado momento de sua constituição subjetiva. Esta oposição nos permite situar que mesmo antes de seu nascimento, uma criança já está incluída no discurso daqueles que a aguardam, bem como, os primeiros cuidados serão mediatizados, regulados por esta dimensão terceira, simbólica.

Interessa-nos aqui esta especificação da linguagem enquanto ordem simbólica, para introduzir a diferença entre um campo primário, a estrutura, com suas leis de implicação no interior de um sistema puramente diferencial e sua atualização em superestruturas, em redobramentos estruturais. Com isto pretendemos assinalar a incidência de planos irreduzíveis, idéia à qual retornaremos em diferentes pontos deste trabalho.

É momento de retomarmos Freud, levando em consideração o que acima expusemos, mas dando ênfase a certos aspectos.

2 - Do ideal do Eu ao Supereu

Procuramos demarcar, a partir de Lacan, que a incidência do simbólico propicia um grau de resolução do impasse que se coloca no campo estritamente dual. Articulamos o ideal do eu a esta dimensão simbólica, por oposição ao caráter privilegiadamente imaginário do eu ideal.

Importa-nos preservar aqui, nesta retomada do texto de Freud, a idéia de um grau de resolução, de pacificação produzida pela incidência do simbólico, e não uma

resolução integral, uma redução total das antinomias que se expressam na relação entre os homens.

Este ponto é fundamental para resgatarmos a direção de nosso estudo, pois, se a regulação do imaginário pelo ideal do eu, simbólico, deixa clara a função pacificadora do ideal do eu, veremos que este não se esgota nesta dimensão. Freud vai discernindo, pouco a pouco, uma face do ideal do eu que pode engendrar em suas relações com o eu, um nível de opressão e de dependência que extrapolam sua face pacificadora.

Além disto, uma certa insuficiência do ideal do eu, simbólico, para equacionar de forma integral as antinomias, expressas nas relações entre os homens no interior da cultura, nos recoloca na trilha das condições de precipitação do conceito de supereu em 1923. Veremos que o supereu supõe a idéia, possível apenas no conjunto da segunda tópica, de que algo na constituição subjetiva falha, de que nem tudo na pulsão é sexual, é libidinal. Freud sustentará este ponto através de sua postulação de uma pulsão de morte.

Voltemos agora ao texto *Introdução ao Narcisismo*. Interessa-nos ressaltar, em primeiro lugar, um aspecto que já foi situado. Trata-se do primeiro texto onde Freud (1914c) explicita claramente a possibilidade de uma parte do eu se diferenciar e se comportar para com o restante do eu, de forma coercitiva. O eu encontra-se subordinado às exigências do ideal do eu. Em segundo lugar e relacionado a este primeiro aspecto, Freud examina em um dos últimos parágrafos do texto, um ângulo segundo o qual o ideal do eu se apresenta como obstáculo ao avanço de uma análise. Trata-se da “curación por amor” (p.97), Freud explica que os neuróticos satisfazem, através de uma escolha objetal narcísica (aquilo que se gostaria de ser), algo das exigências do ideal do eu e preferem este recurso ao avanço de sua própria análise. Freud avalia que um analista nada teria a opor a isto, se esta escolha não implicasse “todos os peligros de la oprimente dependencia respecto de ese salvador” (p.98).

É importante demarcar aqui, o “tom” conferido por Freud de obstáculo ao avanço de uma análise, de oprimente dependência... parece-nos possível indicar que já em

Introdução ao Narcisismo, um certo ultrapassamento da função pacificadora do campo do ideal, é apontado.

Strachey nos informa (em nota introdutória), que o texto *Luto e Melancolia* já vinha sendo pensado por Freud desde 1914, embora tenha sido publicado em 1917. Constitui-se, portanto, como um texto que se apresenta na esteira de *Introdução ao Narcisismo* e onde Freud faz uso de suas recentes descobertas.

Trata-se de um texto denso, do qual extrairemos os elementos que explicitam os contornos radicais a que chegam as relações do eu com a instância crítica, com o eu crítico. Aqui, Freud nos diz que tratado como objeto, o eu pode ser levado à morte, ao suicídio.

Freud (1917e) procura examinar por oposição ao luto, o que se passa na melancolia. Descobre no retorno da libido ao eu (em decorrência de uma frustração ou do objeto mostrar-se indigno de amor), que esta é utilizada para erguer através da “identificación narcisista” (p.247), o objeto no eu. Explicita, então, os efeitos desta operação:

“La sombra del objeto cayo sobre el yo, quien, en lo sucesivo, pudo ser juzgado por una instancia particular como un objeto, como el objeto abandonado. De esa manera, la perdida del objeto hubo de mudarse en una pérdida del yo, y el conflicto entre el yo y la persona amada, en una bipartición entre el yo crítico y el yo alterado por identificación” (p. 246-7).

Vemos, em primeiro plano, um campo de conflitos instaurado entre duas partes do eu, uma das quais trata a outra como um objeto.

Um conceito que se destaca do texto, que ganha um lugar expressivo no conjunto dos elementos em jogo no estudo da melancolia e da neurose obsessiva, é o de ambivalência. Freud procura discriminar as diferenças expressas em cada uma destas afecções. Aponta que a melancolia toma emprestado do luto parte de suas características e a outra parte é tomada da regressão desde a eleição narcísica de

objeto, ao narcisismo. Embora Freud relacione a precipitação do estado melancólico à perda real do objeto de amor (característica do luto), indica um afrouxamento desta articulação, na medida em que a melancolia pode se apresentar frente a situações de desconsideração, desprezo ou desapontamento. Sobre isto comenta:

“La pérdida del objeto de amor es una ocasión privilegiada para que campee y salga a la luz la ambivalencia de los vínculos de amor” (p. 248).

Segue explicitando que na melancolia se travam lutas entre o amor e o ódio. Na medida em que o objeto é desinvestido (em decorrência da retração da libido), o amor se refugia na identificação narcísica e “el odio se ensaña con ese objeto substitutivo insultándolo, denigrándolo, haciéndolo sufrir y ganando en este sufrimiento una satisfacción sádica” (p.248-9). Desta forma, Freud avalia que o investimento de amor do melancólico em relação ao seu objeto sofre um duplo destino: por um lado “Ha regresado a la identificación” e por outro, sob a influência “del conflicto de ambivalencia”, regride à etapa do sadismo mais próxima a este conflito. Acompanhemos a indicação de Freud neste ponto:

“Sólo este sadismo nos revela el enigma de la inclinación al suicidio por la cual la melancolia se vuelve tan interesante y ... peligrosa”. (p. 249).

Com respeito à neurose obsessiva, assinala que o conflito de ambivalência empresta ao luto uma conformação patológica, compelindo-o a exteriorizar-se sob a forma de auto-recriminações “... a saber, que uno es culpable de la pérdida del objeto de amor, vale decir, que la quiso” (p. 248). Freud acrescenta que estes estados nos revelam “eso que el conflicto de ambivalencia opera por si solo cuando no es acompañado por el recogimiento regresivo de la libido” (p. 248), característico da melancolia.

Após este estudo comparativo, em torno da ambivalência, Freud enuncia uma importante conclusão:

“Ese automartirio de la melancolia, inequívocamente gozoso, importa, en un todo como el fenómeno paralelo de la neurosis obsesiva, la satisfacción de tendencias sádicas y de tendencias al odio que recaem sobre un objeto y ... han experimentado una vuelta hacia la persona propia” (p.249).

Esta idéia de uma satisfação envolvida no sofrimento, ganhará um novo valor com as elaborações teóricas possibilitadas pela virada de 1920. Com o estudo do masoquismo, em 1924, onde este é situado como primário ao sadismo, Freud demarcará as conseqüências, em correlação com a pulsão de morte, de um masoquismo do eu articulado ao sadismo do supereu. Voltaremos a este ponto.

Há em *Luto e Melancolia* um aspecto que nos parece surpreendente. As considerações aí desenvolvidas por Freud, só são possíveis após as descobertas de *Introdução ao Narcisismo*, ou seja, as flutuações da libido entre o eu e os objetos, a ocorrência de diferenciações no interior do eu e mais que isto, o fato de que a parte diferenciada, ideal do eu, estabeleça uma relação coercitiva para com o restante do eu. O que nos chama a atenção em *Luto e Melancolia*, é a constatação de que em nenhum lugar do texto, Freud se utiliza do conceito de ideal do eu. Fala sim, em uma instância crítica, uma instância particular e ainda em um eu crítico. Como entender esta ausência de um conceito tão importante e enunciado pouco tempo antes de *Luto e Melancolia*?

Retomando aqui a idéia de que haja pontos de conjunção e de disjunção entre o ideal do eu e o supereu, parece-nos que a natureza do que é tratado em *Luto e Melancolia* – os excessos de crueldade com que a instância crítica trata o restante do eu, ainda que de diferentes formas, na melancolia e na neurose obsessiva – desvela um ultrapassamento da função do ideal do eu.

Contra a nossa argumentação, como já apontamos anteriormente, há lugares em que Freud já tendo postulado o conceito de supereu, o utiliza como sinônimo do conceito de ideal do eu. Além disso, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud (1921c) nomeia retrospectivamente a instância crítica, reiterando em nota de rodapé, estar se referindo à *Introdução ao Narcisismo é à Luto e Melancolia*. Vejamos:

“Ya en ocasiones anteriores nos vimos llevados a adoptar el supuesto de que en nuestro yo se desarrolla una instancia así, que se separa del resto del yo y puede entrar en conflicto con él. La llamamos el “ideal del yo”, y le atribuimos las funciones de la observación de sí, la conciencia moral, la censura onírica y el ejercicio de la principal influencia en la represión” (p.103).

Vale lembrar, entretanto, que é em termos semelhantes que Freud (1933a) descreve a constelação do supereu, na *31ª Conferência*, incluindo aí a função do ideal do eu. Parece-nos digno de nota, também, que em *O Eu e o Isso*, ao voltar ao estudo da melancolia e da neurose obsessiva, agora de posse de conceitos como pulsão de morte, defusão pulsional e o próprio supereu, Freud (1923b) lance mão do conceito de supereu em grande parte das vezes em que examina os processos em jogo, em cada uma destas afecções. Vejamos alguns exemplos:

Sobre a melancolia Freud aponta que o que governa no “superyó es como un cultivo puro de la pulsión de muerte” (p. 54), aspecto que relaciona à defusão pulsional: “diríamos que el componente destructivo se ha depositado en el superyó y se ha vuelto hacia el yo” (p. 54).

Com relação à neurose obsessiva nos informa que a “desmezcla del amor en agresión ... es la consecuencia de una regresión consumada en el ello” (p.55) e acrescenta ...“este processo ha desbordado desde el ello sobre el superyó, que ahora acrecienta su severidad contra el yo inocente” (p. 55).

Com estas considerações pretendemos indicar uma certa insuficiência do conceito de ideal do eu, para traduzir os excessos de severidade, de crueldade, expressos em conflitos de cunho “hipermoral”, ouvidos por Freud na clínica.

Voltemos agora ao nosso trajeto com o texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. É um texto que já se encontra nos marcos da nova dualidade pulsional postulada em 1920. Freud (1921c) se ocupa do exame da estrutura libidinal dos grupos, estudando as condições de possibilidade das formações grupais.

Aponta os conceitos de libido e de pulsão de vida (Eros), como privilegiados para que se possa compreender os fenômenos de massa:

“... la masa se mantiene cohesionada en virtud de algún poder. ¿ y a qué poder podría adscribirse ese logro más que al Eros, que lo cohesiona todo en el mundo?” (p.88).

Mais adiante, detendo-se no exame da ambivalência enquanto presente em grande parte das relações afetivas, e também avaliando a incidência do ódio, da aversão, da repulsa, expressos no narcisismo das pequenas mas sobretudo das grandes diferenças, situa:

“... es innegable que en estas conductas de los seres humanos se da a conocer una predisposición al odio, una agresividad cuyo origen es desconocido y que se querría atribuir a un carácter elemental.” (p. 97).

Em nota de rodapé, neste ponto, remete o leitor a *Mais Além do Princípio do Prazer*, explicitando sua tentativa de enlaçar (naquele texto) a polaridade amor-ódio, com a oposição pulsão de vida – pulsão de morte.

Este enquadre do texto de 1921 nos parece importante, na medida em que a oposição pulsão de vida–pulsão de morte, não é colocada em primeiro plano neste texto, tratando-se mais de uma referência subliminar que, como vimos, nem por isto deixa de ser enunciada.

Lacan (1966) faz um interessante comentário sobre *Psicologia das Massas e Análise do Eu* que nos parece corroborar a leitura de que haja neste texto, uma abertura para situar os limites do poder de Eros na civilização:

“Pues la cuestión que abre en *Psicología de las Massas y Análisis del Yo* es la de cómo un objeto reducido a su realidad más estúpida, pero puesto por cierto número de sujetos en una función de denominador común, que confirma lo que diremos de su función de insignia, es capaz de precipitar la identificación del yo Ideal hasta ese poder débil de malaventura que muestra ser en su fondo”. (p.657)

Lacan segue colocando a seguinte questão:

“¿ Habrá que recordar, para dar a entender el alcance de la cuestión, la figura del Führer y los fenómenos colectivos que han dado a ese texto su alcance de videncia en el corazón de la civilización?” (p. 657)

Esta pontuação de Lacan ganha todo o seu alcance, se levarmos em consideração que Freud retorna ao tema das relações entre os homens, no interior da civilização, desde um ângulo bastante diferente, alguns anos depois em *O Mal Estar na Civilização*.

Neste texto, Freud (1930a) reconhece o poder unificador e apaziguador de Eros, a coesão libidinal dos grupos humanos (em primeiro plano em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*), mas sustenta que apesar deste poder, resta um mal estar irreduzível. Cabe ainda ressaltar que em *O Mal Estar na Civilização*, o conceito de supereu ganha pleno desenvolvimento no estudo conduzido por Freud.

Voltemos a alguns aspectos do texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu*. Como assinalamos, a oposição pulsão de vida–pulsão de morte, não se encontra em primeiro plano. Encontramos sim a ligação libidinal a objetos, enquanto respondendo pela barreira feita ao amor por si próprio. “El amor por sí mismo no encuentra más barrera que el amor por lo ajeno, el amor por objetos” (p. 97).

Freud se apóia nas contribuições fornecidas pelo estudo do eu, desde *Introdução ao Narcisismo*, para examinar as formações grupais mas também certos aspectos da estrutura mental, em geral. Analisa as relações entre o eu, o ideal do eu e os objetos, procurando situar em cada um dos fenômenos — hipnose, fenômeno amoroso, formação de grupos e neurose — se o objeto é mantido, abandonado e erguido no eu através da identificação, se ocupa o lugar do eu ou do ideal do eu, ou ainda como é o caso da fórmula dos grupos: **“una masa... es una multitud de individuos que han puesto un objeto, uno y el mismo, en el lugar de su ideal de yo, a consecuencia de lo cual se han identificado entre sí en su yo”** (p. 109-10).

Em um capítulo dedicado às relações entre o eu e a instância que se diferencia a partir dele — *Un grado en el interior del yo* — o duplo tipo de ligação desvelado na estrutura grupal, se torna, para Freud, ponto de partida para algumas considerações. Chama a atenção para o fato de que “el yo se vincula ahora como un objeto con el ideal del yo desarrollado a partir de él” (p.123) e acrescenta em seguida:

“...posiblemente todas las acciones recíprocas entre objeto exterior y yo-total que hemos discernido en la doctrina de las neurosis vienen a repetirse en este nuevo escenario erigido en el interior del yo.” (p.123)

Neste ponto do texto, se propõe a examinar “posibles consecuencias de este punto de vista” (p.123) e interessa-nos destacar aqui, que é em termos de conseqüências que Freud se refere às relações que possam vir a se estabelecer entre o eu e o ideal do eu. Aprofundando este prisma de que as relações entre o eu e o ideal do eu têm conseqüências, acompanhemos o que diz Freud:

“Cada una de las diferenciaciones anímicas que hemos ido conociendo supone una nueva dificultad para la función anímica, aumenta su labilidad y puede convertirse en el punto de partida de una falla de la función, de la contracción de una enfermedad” (p.123).

Já que Freud se mostra tão atento às conseqüências decorrentes do estabelecimento de diferenciações no psiquismo, cabe aqui interrogar:

Por que é que Freud em 1923, lança mão de mais um termo — o de supereu —, se já dispõe do conceito de ideal do eu, como vimos, englobando a censura, a observação de si e a consciência moral? Façamos algumas observações.

A discriminação em 1914 de uma diferenciação no eu e seu estudo nos textos sucessivos, evidenciam, pouco a pouco, que os conflitos entre o eu e a instância diferenciada a partir dele, podem ganhar uma dimensão de excessiva crueldade e severidade, de “hipermoralidade”.

Parece-nos que o cuidado e o rigor com que Freud conduz a formalização daquilo que a escuta de seus pacientes lhe relança como questão, aponta para o seu próprio confronto com um conjunto de elementos irreduzíveis ao campo dos ideais.

É no contexto específico da segunda tópica que este campo de questões encontrará outro grau de inteligibilidade, ganhando o conceito de supereu um lugar central nas considerações de Freud, sobretudo com relação às dificuldades, aos impasses, aos obstáculos colocados ao avanço das análises.

3 – O Supereu e a Identificação Primária com o Pai

Um estudo sobre o conceito de supereu apresenta dificuldades de abordagem, em decorrência de sua complexidade, de seus aspectos antinômicos. Encontramos, entretanto, de forma recorrente nos textos de Freud uma constante, um ponto de referência que é permanentemente reiterado: na base da articulação do supereu se situa a identificação primária com o pai.

Já em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* aparece apontada esta direção:

“El psicoanálisis conoce la identificación como la más temprana exteriorización de una ligazón afectiva con otra persona. Desempeña un papel en la prehistoria del

Complejo de Edipo. El varoncito manifiesta un particular interés hacia su padre..." (1921c, p.99).

Freud especifica que o pai é tomado como um ideal, como um modelo e vemos aqui afirmada a precocidade desta identificação, localizada na pré-história do Complexo de Édipo, desempenhando aí um papel, uma função. Em *O Eu e o Isso* o caráter estruturante desta identificação primária é claramente assinalado por Freud (1923b):

'...los efectos de las primeras identificaciones las producidas a la edad más temprana, serán universales y duraderos. Esto nos reconduce a la génesis del ideal del yo, pues tras este se esconde la identificación con el padre de la prehistoria personal" (p. 33).

Aqui nos parece possível indicar o ponto, por excelência, de conjunção entre o ideal do eu e o supereu na medida em que ambos encontram na identificação primária com o pai, sua condição de possibilidade. Freud segue fornecendo mais detalhes sobre a identificação primária com o pai:

" A primera vista, no parece el resultado ni el desenlace de una investidura de objeto: es una identificación directa e inmediata (no mediada), y más temprana que cualquier investidura de objeto. Empero, las elecciones de objeto que corresponden a los primeros períodos sexuales y atañen a padre y madre parecen tener su desenlace... en una identificación de esa clase, reforzando de ese modo la identificación primária". (p.33).

Importa ressaltar nesta citação, o nexo de reforçamento estabelecido por Freud entre a identificação secundária e a identificação primária, fundante, que nos é apresentada como mais precoce que qualquer investimento de objeto. Trata-se de uma identificação direta e imediata, condição de possibilidade das primeiras eleições de objeto.

Neste ponto do texto, em nota de rodapé, Freud adverte que seria mais prudente situar esta identificação “con los progenitores” (p.33), pois, pai e mãe não possuem um valor diferenciado antes que se tenha “noticia cierta sobre la diferencia de los sexos” (p.33). Esta orientação de Freud nos parece assinalar que o que está em jogo aqui é a função paterna, em seu caráter necessário, estruturante e irreduzível à pessoa que a encarna — o pai ou a mãe.

Vemos firmar-se no texto de Freud uma dimensão do pai que transcende o drama edípico, uma dimensão primária, fundante. Esta vertente se expressa na referência ao caráter direto e imediato desta identificação mas também nos diferentes momentos em que Freud sustenta um plano de transmissão, geração após geração. Um plano, em última instância, de herança ancestral no humano. Como entender, no texto de Freud, esta vertente do pai que não se esgota em uma psicogênese, na história pessoal e que, portanto, não se esgota nos avatares do drama edípico? Deixemos em aberto esta questão e avancemos com algumas indicações de Freud.

Um conceito que ganha todo o valor na apreciação de Freud sobre a identificação primária com o pai, é o conceito de ambivalência (que já apontamos anteriormente). Freud (1921c) nos informa que a identificação com o pai é ambivalente desde o início:

“Desde el comienzo mismo, la identificación es ambivalente; puede darse vuelta hacia la expresión de la ternura o hacia el deseo de eliminación” (p. 99).

Interessa-nos frisar aqui, esta dimensão de um pai amado e odiado, enquanto um aspecto necessário da constituição subjetiva. Não se trata, portanto, de um pai ou amado ou odiado. Em *O Mal Estar na Civilização*, Freud (1930a) explicita a ausência de espelhamento entre a severidade imposta na educação e a severidade expressa posteriormente pelo supereu:

“...la experiencia enseña que la severidad del superyó desarrollado por un niño en modo alguno espeja la severidad del trato que ha experimentado...un niño que ha

recibido una educación blanda puede adquirir una conciencia moral muy severa” (p.126).

Evidencia-se, nesta direção, o grau de dissimetria existente entre o que é próprio da função paterna e a conduta exibida por um pai, na educação.

Seguindo esta linha segundo a qual o pai é necessariamente portador de uma dupla face, Freud (1923b) nos diz: “Del ser superior que devino ideal del yo pendió una vez la amenaza de castración” (p.58). Vemos a contrapartida da função paterna, na medida em que engendra na criança atitudes e efeitos díspares. Trata-se de um pai que, ao mesmo tempo, é tomado como modelo, como ideal e é suposto capaz de executar a ameaça de castração, de cumprir o castigo. Cabe aqui observar que para Freud (1924d) “La mayoría de las veces, la amenaza de castración proviene de mujeres...invocando al padre o al doctor, quienes,..., consumarán el castigo” (p.182), ou seja, para Freud sequer é importante que o próprio pai exhiba uma tal ameaça. Importa sim a suposição, por parte da criança, de que o pai seja capaz de cumprir o castigo.

Aqui se faz necessário o exame de alguns elementos do texto *Problema Económico do Masoquismo e do texto Bate-se em uma Criança* para melhor situarmos o plano fantasístico. Em *O Problema Económico do Masoquismo* Freud (1924c) se detém sobre as relações da pulsão de morte com a libido. Trabalhando com os conceitos de fusão e des fusão pulsional, se interroga sobre “la proporción de las pulsiones de muerte que se sustraen de ese domeñamiento logrado mediante ligazón a complementos libidinosos”. Situa o caráter expulsivo do sadismo, o qual traduz a fusão da pulsão de morte com a libido, a serviço de Eros, dirigindo a pulsão de morte para o exterior, para os objetos.

Por outro lado, Freud indica que a operação de fusão pulsional, dirigindo para o exterior a pulsão de morte, não responde por todo o processo. Ao contrário, sustenta que “en el interior permanece, como... residuo, el genuino masoquismo erógeno” (p.170). Ao masoquismo erógeno Freud confere o caráter de originário e explicita que

este, acompanha a libido em todas as suas fases, tomando emprestado “sus cambiantes revestimientos psíquicos” (p.170).

A idéia de revestimentos psíquicos cambiáveis nos parece fundamental aqui, pois, nos permite uma aproximação da noção anteriormente apontada de um redobramento sobre uma estrutura primária. Vejamos como Freud discorre sobre os revestimentos psíquicos próprios a cada tempo da organização libidinal:

“La angustia de ser devorado por el animal totémico (padre) proviene de la organización oral; el deseo de ser golpeado por el padre, de la fase sádico-anal... la castración... interviene en el contenido de las fantasias masoquistas del estadio fálico de organización... las situaciones de ser poseído sexualmente e de parir... derivan de la organización genital definitiva” (p.170).

Desta maneira, acompanhamos, em Freud, a forma como em cada um dos modos de relação – oral, anal, fálico e genital – encontramos um revestimento psíquico correspondente – ser devorado, açoitado, castrado e possuído sexualmente pelo pai. Embora Freud situe a especificidade de cada um destes revestimentos psíquicos, interessa-nos marcar o enlace do pai com o masoquismo como o invariante que atravessa cada tempo da organização libidinal. Apreendido em um plano fantasístico, o pai é suposto capaz de cumprir o castigo iminente. Plano que supõe mas não se confunde com o plano primário de identificação com a instância paterna. Como vimos acima, trata-se de um plano de revestimentos psíquicos cambiáveis que consideramos poder ser apontado como um redobramento fantasístico sobre o campo primário.

Em *Bate-se em uma Criança*, Freud (1919e) se debruça meticulosamente sobre os três tempos da fantasia de espancamento. Enfatiza a precocidade desta fantasia – a ser situada na primeira infância – e sua abrangência pois “es confesada con sorprendente frecuencia” (p.177), por pessoas que buscaram uma análise em decorrência de um sofrimento neurótico. Freud acrescenta a sua impressão de que muito provavelmente se apresenta também em pessoas que, isentas de uma doença

manifesta, jamais recorreram ao tratamento analítico. Confere, assim, à fantasia de espancamento, amplitude no campo da neurose. Embora Freud examine, em detalhe, as particularidades da fantasia de espancamento em meninos e meninas, conclui:

“Em ambos casos la fantasía de paliza deriva de la ligazón incestuosa con el padre.” (p. 195).

Reencontramos, nesta direção, o enlace do pai no campo fantasístico, não importando que se tratem de meninos ou meninas. A referência ao pai é apontada como necessária.

O estudo de Freud se suporta na emergência da fantasia de espancamento, sob transferência, ou seja, expressa por pacientes em análise. Decanta três fases das quais a primeira – “El padre pega al niño” (p. 182) – e a terceira (anônima) “Pegan a un niño” (p.177) – são proferidas pelos pacientes, não sem dificuldades: “una inequívoca resistencia sale al paso de su tratamiento analítico”. (p.177). É interessante notar que Freud considera o grau de dificuldade como superior ao encontrado em comunicações parecidas sobre o início da vida sexual.

É em torno da segunda frase – “Yo soy azotado por el padre” (p.183) – que Freud tece considerações que a situam como a mais importante e como estritamente construída em uma análise:

“Esta segunda fase es, de todas, la más importante y grávida en consecuencias; pero en cierto sentido puede decirse de ella que nunca ha tenido una existencia real. En ningún caso es recordada, nunca ha llegado a devenir – conciente. Se trata de una construcción del análisis, mas no por ello es menos necesaria” (p.183).

Freud é levado a postular a necessidade de construção desta segunda frase, inconsciente, devido à mudança qualitativa evidenciada entre o primeiro e o terceiro tempo da fantasia. Freud conclui que “ser azotado es... una conjunción de conciencia de culpa y erotismo” (p.186). É esta conjunção que esclarece que o terceiro tempo da

fantasia de espancamento, embora tenha uma forma sádica, "la satisfacción que se gana con ella es masoquista". (p.188)

O que nos importa marcar no estudo comparativo destes dois textos é que desde o campo fantasístico, a localização da criança frente ao pai, é sempre masoquista. Variam, sim, os revestimentos psíquicos, deflagrados em cada uma das posições libidinais.

A possibilidade de situar diferentes planos e ângulos, torna mais complexo mas enriquece o texto de Freud. Até o momento buscamos discriminar aspectos próprios à função paterna em torno da identificação primária que, como diz Freud, faz parte da pré-história pessoal. Desde um outro ângulo, procuramos acompanhar os efeitos deste caráter constituinte da função paterna sobre a criança, agora enquanto um redobramento sobre o campo primário. Neste plano, o pai é apreendido em um campo fantasístico, no interior do qual se desdobram diferentes modos de relação com o pai amado e odiado. Por último indicamos a dissimetria, apontada por Freud, entre estes processos intrínsecos à constituição subjetiva e a educação exercida por um pai encarnado, que conduz a educação da criança.

As conseqüências do enlace do pai ao plano fantasístico não cessarão de ser examinadas, desde diferentes ângulos. Tomaremos, neste ponto, um eixo de articulação entre a identificação com a instância paterna e o supereu, fundamental por sua amplitude no psiquismo.

Em *O Eu e o Isso*, Freud (1923b) avança o duplo aspecto do supereu em sua relação com o eu:

"Su vínculo con el yo no se agota en la advertencia: "Así (como el padre) debes ser", sino que comprende también la prohibición: "Así (como el padre) no te es lícito ser, esto es, no puedes hacer todo lo que él hace; muchas cosas le están reservadas" (p.36).

Procurando elucidar esta dupla face da relação do supereu com o eu, Freud a relaciona aos esforços do eu em empreender o recalque do Complexo de Édipo. O pai, enquanto obstáculo à realização dos desejos edípicos, conduz o eu infantil a se fortalecer para levar a cabo a operação de recalque, “erigiendo dentro de sí ese mismo obstáculo.” (p. 36).

Em *O Mal Estar na Civilização*, Freud (1930a) esclarece que nada pode ser oculto do supereu, “no se puede ocultar ante el superyó la persistencia de los deseos prohibidos” (p.123). Desde esta perspectiva, os desejos edípicos persistentes engendram uma necessária dimensão de culpa, já que intenção e ato são equivalentes. Esta direção nos deixa entrever, como a dupla advertência assinalada por Freud nas relações do supereu com o eu – assim (como o pai) debes ser e assim (como o pai) não te é lícito ser — é, de saída, impossível de ser cumprida integralmente, já que a consequência da operação de recalque, é a persistência das moções edípicas recalçadas. Retomemos o fio seguido por Freud (1923b). Situa que o eu infantil, para conseguir empreender o recalque, toma emprestada do pai a força necessária.

“este empréstito es un acto extraordinariamente grávido de consecuencias. El superyó conservará el carácter del padre, y cuanto más intenso fue el Complejo de Edipo y más rápido se produjo su represión... tanto más riguroso devendrá después el imperio del superyó como conciencia moral, quizá también como sentimiento inconciente de culpa, sobre el yo.” (p.36).

Vemos, portanto, estabelecer-se no texto de Freud um nexó entre a instância paterna, a operação de recalque e a posterior severidade do supereu. Interessa-nos acompanhar ainda, certos desdobramentos de Freud onde algo de uma oscilação aparece em torno do desenlace edípico ideal ou normal e a operação de recalque. Em *O Sepultamento do Complexo de Édipo*, Freud (1924d) retorna à questão acima e acrescenta:

“el proceso descrito es más que una represión; equivale, cuando se consuma idealmente a una destrucción y cancelación del complejo. Cabe suponer que hemos tropezado aquí con la frontera, nunca muy tajante, entre lo normal y lo patológico”. (p. 185).

É digno de nota que Freud nos diga que o processo é mais que um recalque quando se consuma idealmente e além disto, situe a fronteira entre o normal e o patológico como nunca muito nítida. Em *Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos*, Freud (1925j) avalia:

“el Complejo de Edipo es algo tan substantivo que no puede dejar de producir consecuencias, cualquiera que sea el modo en que se caiga en él o se salga de él” (p.275).

Mais adiante analisa:

“En el caso normal — mejor dicho: en el caso ideal —, ya no subsiste tampoco en lo inconciente ningún Complejo de Edipo, el superyó ha devenido su heredero” (p.275).

Reencontramos aqui a hesitação de Freud entre o desenlace ideal e o normal, estando do lado de um desenlace ideal do Édipo a não subsistência no inconsciente do Complexo.

Partimos da necessária ambivalência engendrada na criança com relação à função paterna, um pai que é tomado como ideal e ao mesmo tempo suposto capaz de cumprir o castigo da castração. Vimos também como Freud relaciona a posterior severidade do supereu para com o eu, à força de empréstimo tomada do pai para empreender o recalque das moções edípicas. Acompanhamos ainda o hiato apontado por Freud entre o desenlace ideal do Édipo, que supõe a não subsistência do Complexo no inconsciente, por oposição a algo de um fracasso implicado pelo recalque e posterior retorno das moções pulsionais edípicas.

É em torno deste prisma segundo o qual o fracasso decorrente do recalque do Édipo encontra-se correlacionado ao pai, que queremos tecer algumas considerações. Aqui se mostra fundamental uma indicação de Freud (1923b), possível apenas no contexto da segunda tópica, sobre a ambivalência:

“La...ambivalencia... ¿ no ha de concebirse como resultado de una desmezcla? Pero ella es tan originaria que más bien es preciso considerarla como una mezcla pulsional no consumada” (p.43).

Retomado dentro da nova lógica pulsional, pulsões de vida e de morte, o conceito de ambivalência como uma fusão não consumada, nos deixa entrever, lado a lado, pulsão de vida e de morte em ação.

Voltando agora ao caráter necessariamente ambivalente da identificação primária com o pai, vemos apontado no texto de Freud, algo não libidinal integrando forçosamente a identificação com a instância paterna, algo da pulsão de morte.

Desde esta ótica podemos situar como intrínseca à constituição subjetiva, esta inserção da pulsão de morte enquanto um ponto de falha irreduzível, não libidinal, que nos permite localizar a castração propriamente dita, cujo correlato fantasístico é a face do pai suposto capaz de cumprir a ameaça de castração. Vejamos o que diz Freud (1933a) na 32ª Conferência :

“A nuestros varoncitos no se los castra por más que se enamoren de la madre en la fase del Complejo de Edipo... Ante todo, no interessa que la castración se ejecute de hecho; lo decisivo es que el peligro amenace de afuera y el niño crea en él”, (p.80).

Aqui vemos o olhar de Freud contemplando, desde o plano fantasístico, a importância da crença da criança no castigo iminente, não importando que este não se realize em lugar algum. Por outro lado, a visada fantasística não esgota a questão das

castração tal como é apontada por Freud . Em uma nota de rodapé em *A Organização Genital Infantil*, Freud (1923e) assinala:

“Con acierto se ha señalado que el niño adquiere la representación de un daño narcisista por pérdida corporal ya a raíz de la pérdida del pecho materno luego de mamar, de la cotidiana deposición de las heces, y aun de la separación del vientre de la madre al nacer. Empero, sólo cabe hablar de un complejo de castración cuando esa representación de una pérdida se ha enlazado con los genitales masculinos.” (p. 147-8).

É importante ressaltar aqui, como central na apresentação de Freud do complexo de castração, a noção de perda, de separação, de dano narcísico por perda corporal, cuja representação se enlaça aos genitais masculinos. Em *O Sepultamento do Complexo de Édipo* Freud (1924d) reexamina esta questão e acrescenta:

“ La amenaza de castración obtiene su efecto con posterioridad (nachträglich)” (p.183).

Desta forma, é somente a posteriori que a castração enquanto protótipo de uma falha primária, é interpretada, representada como perda. Concebida como este ponto de falha primário, irreduzível, a castração determina o caráter parcial das pulsões sexuais, fadadas, assim, à incessante busca de objetos substitutivos em um campo que não é todo libidinal, que inclui a pulsão de morte. Interessa-nos frisar a especificidade deste campo, marcado pela impossibilidade de satisfação total da pulsão. Por oposição a esta impossibilidade, encontramos a “interpretação” fantasística no interior do qual o pai é suposto proibir o amor incestuoso. É na vertente da proibição que a criança interpreta um ponto de impossibilidade. O pai, tomado como proibidor, vela o que da castração aponta para uma falha constitutiva.

Retomemos agora a questão anteriormente deixada em aberto, em torno da vertente do pai que não se esgota em uma psicogênese, na história pessoal. Trata-se de

uma vertente do pai referida por Freud a uma herança ancestral. De posse do que anteriormente expusemos sobre a inserção da pulsão de morte na identificação primária com o pai (através do conceito de ambivalência), parece-nos possível indicar que o que do pai se transmite geração após geração, é a castração. O pai é suporte da transmissão de um campo que não é todo libidinal.

Retornando aqui à frase de Freud segundo a qual o eu da criança toma emprestada a força do pai para empreender o recalque, esta ganha um novo valor, valor de realidade psíquica, quando comparada à seguinte indicação de Freud (1930a):

“la agresión vengativa del hijo es co-mandada por la medida de la agresión punitiva que espera del padre” (p. 125).

Vemos, portanto, no interior do plano fantasístico, a conexão que se estabelece entre o ódio dirigido ao pai e a agressão punitiva que é esperada da parte deste, enquanto reflexo do ódio que lhe é dirigido. Freud assinala as conseqüências deste enquadre, situando que “El yo del hijo tiene que contentarse con el triste papel de la autoridad – del padre – así degradada” (p. 125). Desta forma, Freud apresenta a autoridade interiorizada, como uma autoridade degradada pelo ódio que lhe é dirigido.

Procuramos indicar como a função paterna ao engendrar atitudes e efeitos díspares na criança, não responde por um desenlace edípico ideal; ao contrário, encontra-se relacionada às antinomias do herdeiro do Complexo de Édipo: o supereu.

III A Crueldade e a Severidade do Supereu para com o Eu

Procuramos apontar no capítulo anterior, em uma primeira aproximação geral do conceito de supereu, o valor dado por Freud à instância paterna, em sua função ordenadora dos diferentes avatares da estruturação subjetiva e em última instância como condição de possibilidade de precipitação do supereu ao final do Édipo.

Examinaremos agora, em maior detalhe, certos ângulos evidenciados por Freud com relação ao grau de severidade e de crueldade a que podem chegar as relações entre o supereu e o eu. É fundamental destacarmos que, por sua amplitude, a identificação primária com a instância paterna é passível de ser articulada a cada um dos aspectos que passaremos a desenvolver. Nosso interesse neste exame, em maior detalhe, é de acompanhar, no texto de Freud, as indicações por ele fornecidas quanto aos elementos que influenciam no incremento da crueldade do supereu.

Ao compararmos alguns textos, podemos constatar três linhas gerais a partir das quais Freud procura destrinchar esta questão: a gênese, a função e os efeitos do supereu no psiquismo. Trataremos em primeiro lugar de pontos que se referem à gênese e à função do supereu. Posteriormente, pontuaremos alguns aspectos relativos aos efeitos do supereu, expressos na clínica.

1- Gênese e Função do Supereu

Devido à forma dinâmica da exposição de Freud e também à complexidade do tema, cada um dos ângulos que isolamos - gênese, função e efeitos - é tratado seguindo uma argumentação que os apresenta, muitas vezes, em conjunto. Assim, neste tópico, optamos por privilegiar elementos referentes à gênese e à função do supereu enquanto entrelaçados. Recorreremos também a aspectos clínicos mas voltaremos à questão dos efeitos do supereu em um item separado. É o próprio Freud (1923b) que expressa esta dificuldade:

“Sírvan os de disculpa el carácter enmarañado de nuestro asunto: ninguno de los títulos coincide enteramente con el contenido del capítulo y cada vez que queremos estudiar nuevos nexos volvemos de continuo a lo ya tratado” (p. 49)

Há um aspecto que nos parece surpreendente na forma como Freud se refere ao supereu. De um modo geral, os termos empregados chamam a atenção por sua magnitude. Sobre suas relações com o eu, Freud aponta o supereu como um monumento recordatório da fragilidade e da dependência em que o eu se encontrou no passado, mantendo “su imperio aun sobre el yo maduro” (p. 49). Fala-nos também que o eu “se somete al imperativo categórico de su superyó” (p. 49). Qualifica o sentimento de culpa como “la expresión de una tensión entre el yo y el superyó” (1924c, p. 172).

Desprende-se do texto o caráter extremamente polarizado que Freud atribui às relações por um lado, de um supereu cruel marcado por um excesso, expresso pelo constante uso de termos superlativos – “hipersevero”, “hipermoral”, “hiperpotente” – e no outro extremo, um eu que se encontra sob o jugo, sob o império do supereu.

Antes de nos determos na análise dos aspectos que influem no incremento da severidade do supereu para com o eu, façamos certas considerações sobre um conceito-chave na investigação de Freud sobre o supereu. Trata-se do sentimento inconsciente de culpa.

Por mais problemática que seja, para Freud (1924c), a idéia de um sentimento inconsciente de culpa “Porque no corresponde llamar ”inconcientes” a los sentimientos” (p. 172), Freud não abre mão desta designação. É levado à postulá-la a partir de alguns elementos clínicos, dentre os quais se destaca a reação terapêutica negativa. Freud (1923b) se confronta com a seguinte constatação:

“Hay personas que se comportan de manera extrañísima en el trabajo analítico... no soportan elogio ni reconocimiento alguno...reaccionan de manera trastornada frente a los progresos de la cura” (p. 50).

Examina, perplexo, o que se passa nestas situações para que os pacientes piorem no curso do tratamento em vez de melhorarem. Refuta que se explique por uma atitude de desafio com relação ao analista, pois, considera que algo se opõe, neles, à cura. Por fim, conclui:

“... se llega a la intelección de que se trata de un factor por así decir ”moral”, de un sentimiento de culpa que halla su satisfacción en la enfermedad y no quiere renunciar al castigo del padecer...” (p. 50).

Importa ressaltar aqui o cunho moral deste fator, bem como a idéia de que o sentimento inconsciente de culpa envolve uma satisfação articulada ao castigo, que não se quer renunciar. Acompanhemos agora como Freud explicita a especificidade do sentimento inconsciente de culpa:

“ese sentimiento de culpa es mudo para el enfermo, no le dice que es culpable; el no se siente culpable, sino enfermo. Sólo se exterioriza en una resistencia a la curación, difícil de reducir” (p. 50)

É, portanto, a partir de seus efeitos que Freud infere e sustenta um sentimento inconsciente de culpa. Cabe ainda assinalar o valor de obstáculo ao avanço das análises, conferido por Freud à reação terapêutica negativa expresso pela dificuldade de se reduzir um tal sentimento de culpa.

Em *O Problema Econômico do Masoquismo*, Freud (1924c) retoma a discussão sobre a reação terapêutica negativa. Comenta que os pacientes não aceitam que haja um sentimento inconsciente de culpa por conhecerem o caráter torturante de um sentimento consciente de culpa ou, como Freud situa, uma consciência de culpa. Concorda, em parte, com seus pacientes e propõe que se fale então de “una necesidad de castigo” (p. 172). No conjunto do texto, esta proposta de Freud é particularmente interessante por acrescentar em seguida:

“Pero no podemos absternos de apreciar y localizar este sentimiento inconciente de culpa según el modelo del sentimiento conciente.” (p. 172).

É curioso este duplo movimento de Freud, pois se por um lado aponta a necessidade de castigo como capaz de recobrir o estado de coisas observado, por outro lado sustenta a importância do conceito de sentimento inconsciente de culpa.

Parece-nos possível compreender esta seqüência, em torno do fator moral indicado por Freud, como facetas de uma mesma questão. Há uma necessidade de castigo que é a expressão de um sentimento de culpa, inconsciente, que fixa o paciente em uma posição desde onde extrai algo de uma satisfação, na manutenção do sofrimento.

Retomemos agora o curso de nossa investigação. Freud recorre a vários argumentos para esclarecer o grau de severidade, de crueldade a que pode chegar o supereu em sua relação com o eu.

Há três pontos que nos parecem se destacar em sua análise: a desfusão pulsional, o retorno do recalcado e a renúncia à satisfação pulsional enquanto articulada à gênese da consciência moral. Detenhamo-nos em cada um destes pontos, concebendo-os como aspectos que influenciam na determinação do caráter excessivo, atribuído por Freud ao supereu.

1.1- O Retorno do Recalcado: Os Sintomas

Passemos agora ao exame dos efeitos da operação de recalque, com relação ao incremento da severidade do supereu. Indicamos anteriormente que Freud articula a posterior severidade do supereu ao recalque das moções pulsionais edípicas. Retomemos este ponto em maior detalhe e centrando nossa atenção em alguns aspectos dos sintomas, conseqüência, por excelência, da operação de recalque.

Em *O Mal Estar na Civilização*, Freud (1930a) discute a asserção segundo a qual qualquer tipo de estorvo da satisfação pulsional, poderia ter como conseqüência um

aumento do sentimento de culpa. Considera que esta idéia se ajustaria melhor se aplicada apenas às pulsões agressivas. Avalia que o aumento do sentimento de culpa, em decorrência de uma moção libidinal insatisfeita, poderia ser explicado por um rodeio, ou seja, o impedimento da satisfação erótica, provocaria uma inclinação à agressão contra a pessoa que a impediu e esta agressão teria que ser sufocada: “En tal caso, es sólo la agresión la que transmuda en el sentimiento de culpa al ser sofocada y endosada al superyó” (p. 134). Vemos aí enfatizada a implicação do supereu na transformação da inclinação à agressão, em sentimento de culpa.

Restringindo às pulsões agressivas, a derivação do sentimento de culpa, Freud lança mão desta concepção, aplicando-a à operação de recalque:

“Cuando una aspiración pulsional sucumbe a la represión, sus componentes libidinosos son traspuestos en síntomas y sus componentes agresivos en sentimiento de culpa” (p. 134).

Utilizando-se do conceito de defusão pulsional, Freud nos deixa entrever, nesta seqüência, um primeiro nexa a ser estabelecido a partir das conseqüências do recalque, com o incremento da severidade do supereu para com o eu: a transmutação, por ação do supereu, dos componentes agressivos que sucumbiram ao recalque, em sentimento de culpa. Freud se sustenta em sua clínica, para conceber esta vicissitude do recalcado e determina um peculiar enquadre dos sintomas:

“En el curso del trabajo analítico, nos hemos enterado, para nuestra sorpresa, de que acaso toda neurosis esconde un monto de sentimiento de culpa inconciente, que a su vez consolida los síntomas por su aplicación en el castigo” (p. 134).

Por um lado, cabe ressaltar a amplitude conferida por Freud ao sentimento inconsciente de culpa, a ser situado em toda neurose. Por outro lado, seguindo o fio de nossa investigação, vemos abrir-se uma conexão explícita entre o castigo e o sintoma,

segundo a qual a consolidação dos sintomas, o sofrimento sintomático consolidado, tem uma função, tem uma aplicação no castigo.

Em *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud (1926d) nos dá uma indicação que aprofunda este ponto, ao examinar a neurose obsessiva:

“Constituye un triunfo de la formación de síntoma que se logre enlazar la prohibición con la satisfacción, de suerte que el mandato o la prohibición originariamente rechazantes cobren también el significado de una satisfacción...” (p. 107)

Interessa-nos marcar este valor de satisfação, este enlace da proibição com a satisfação que evidencia uma subversão, na medida em que a proibição da satisfação libidinal deriva, ela própria, em uma satisfação de outra ordem. Comparando estas indicações de Freud, vemos decantar-se dos textos, uma série de elementos que conferem aos sintomas um enquadre que extrapola, ainda que suponha, sua face libidinal.

Demarca-se, portanto, um circuito entre o retorno do recalcado — o sintoma — e a instância recalcadora — o supereu — que se retroalimenta. Este circuito nos permite apreender a articulação entre o retorno das moções pulsionais edípicas e o incremento da severidade do supereu, ao deflagrar uma lógica que inclui os avatares das moções libidinais e das moções agressivas que, instrumentalizadas pelo supereu, propiciam uma satisfação enlaçada à proibição, no interior de um campo onde se impõe a necessidade de castigo que, por sua vez, consolida os sintomas.

1.2 – A Desfusão Pulsional

A partir da postulação de uma pulsão de morte em 1920, Freud (1923b) se mostra atento às vicissitudes de uma tal pulsão. Diferentemente de Eros que responde por “casi todo el alboroto de la vida” (p. 47), a pulsão de morte é apresentada como de

difícil apreensão... "son, en lo esencial, mudas"... (p. 47), sendo sua ação detectável, apenas a partir de sua associação com Eros.

O conjunto de elementos clínicos com os quais Freud se confronta, deflagram pontos de impasse na condução das análises. Como vimos, na reação terapêutica negativa, o paciente se encontra enlaçado por um sentimento inconsciente de culpa, a uma posição que exige a manutenção do sofrimento sem que ele se aperceba de sua própria atitude. Por outro lado, abre-se espaço para que o paciente questione a eficácia da psicanálise para o seu problema, colocando-se o risco de uma interrupção precoce de sua análise.

Fracassos desta ordem, conduzem Freud (1933a) a situar a ocorrência de defusões pulsionais que, ao permitirem uma liberação de pulsão de morte, são passíveis de traduzir os efeitos, constatados na clínica, de uma ação por vezes silenciosa para o paciente, mas que comporta sérias conseqüências:

“en efecto, las mezclas pueden también descomponerse, y a tales desmezclas de pulsiones es lícito atribuir las más serias consecuencias para la función”. (p. 97)

É importante assinalar a amplitude aqui conferida por Freud aos efeitos da operação de defusão pulsional. É em torno das condições para que uma tal defusão ocorra mas, sobretudo, em torno das conseqüências no psiquismo da defusão pulsional que Freud se deterá em diferentes textos. Abordaremos, nesta linha, algumas implicações da defusão pulsional em termos de incremento da severidade do supereu.

Freud (1923b) procura averiguar na gênese do supereu, os esforços do eu para lidar com as moções pulsionais edípicas. Como vimos anteriormente, aponta o recalque como uma das operações em jogo e concomitantemente a identificação. Acompanhemos a sua orientação:

“El superyó se la engendrado... por una identificación con el arquetipo paterno. Cualquier identificación de esta índole tiene el caracter de una dessexualización o, aun, de una sublimación... parece que a raiz de una tal trasposición se

produce también una desmezcla de pulsiones... Sería de esta desmezcla justamente, de donde el ideal extrae todo el sesgo duro y cruel del imperioso deber-ser" (p. 55)

Importa-nos ressaltar nesta citação, na direção em que estamos examinando, o estreito laço demarcado por Freud entre o caráter excessivo do supereu e a desfusão pulsional. Não se trata apenas de uma alusão mas de uma afirmação de que o viés duro e cruel do "imperioso dever-ser", é todo extraído da desfusão. É uma afirmação que corrobora a idéia de que é lícito atribuir à desfusão pulsional as mais sérias conseqüências para a função.

Freud esclarece que nem sempre a desfusão se produz por uma operação do eu. Aponta que na neurose obsessiva, a desfusão é decorrente de uma "regressión consumada en el ello" (p. 55). Imediatamente após, localiza a ação do supereu: "... este processo ha desbordado desde el ello sobre el superyó, que ahora acrecienta su severidad contra el yo inocente". (p. 55)

Esta dimensão de um eu inocente que é objeto da severidade do supereu, traz ao primeiro plano a complexa posição do supereu no psiquismo. Freud assinala dois caminhos através dos quais as moções do isso podem penetrar no eu: "... uno es el directo, el otro pasa a través del ideal del yo" (p. 56). Insiste em diferentes pontos, sobre as relações do supereu com o isso, colocando mesmo uma de suas faces como "abogado del mundo interior, del ello" (p. 37).

Vemos aí explicitar-se um ponto de "curto-circuito" que demarca um caminho direto do isso ao supereu. Esta vertente permite a Freud traduzir certos aspectos clínicos, cujos processos se dão à revelia do eu e nos quais "el superyó ha sabido más que el yo acerca del ello inconciente" (p. 52). Denota-se, desta forma, o importante elo existente entre o supereu e o isso.

Cabe assinalar ainda, que a questão é aprofundada pela complexa afirmação de Freud (1924c) segundo a qual, "En efecto, este superyo es el subrogado tanto del ello como del mundo exterior (p. 172). Esta peculiar posição do supereu nos permite apreendê-lo em sua dupla face. Por um lado, o supereu se encontra relacionado com o

conjunto das exigências éticas e culturais—ponto de conjunção com o ideal do eu. Por outro lado, se encontra implicado nas exigências de satisfação pulsional do isso—ponto de disjunção com o ideal do eu.

Voltemos agora à operação de desfusão pulsional, focando as relações do eu com as moções pulsionais. Freud (1923b) indica que o eu não se mantém neutro com respeito às duas classes de pulsões.

“Mediante su trabajo de identificación y de sublimación, presta auxilio a las pulsiones de muerte para dominar a la libido... su trabajo... tiene por consecuencia una desmezcla de pulsiones y una liberación de las pulsiones de agresión dentro del superyó” (p. 57)

Seguimos nesta seqüência o fio que conduz desde a desfusão pulsional e conseqüente liberação de uma inclinação à agressão, até a instrumentalização da agressão pelo supereu. Interessa-nos ainda assinalar, a posição do eu neste processo, ou seja, Freud esclarece que o eu em sua luta contra a libido, pode vir a padecer e mesmo a sucumbir.

Esta orientação de Freud nos permite retomar a diferenciação de planos que procuramos demarcar no primeiro capítulo: um plano primário, regulado pela castração e conseqüentemente marcado pela parcialidade da satisfação pulsional e um outro plano que configura um redobramento, fantasístico, no interior do qual a castração é interpretada como decorrente de um agente proibidor, o pai.

Vimos que nem tudo é libidinal na identificação primária com o pai. Através do conceito de ambivalência Freud inclui, lado a lado, pulsão de vida e pulsão de morte. Esta indicação aponta para a falha primária do pai que é, neste sentido, castrado.

Nesta direção, procuramos situar como a falha primária, transmitida (geração após geração) pelo pai castrado, é apreendida como um perigo potencial, no campo fantasístico, articulada ao pai proibidor. Proibição esta de uma satisfação total que encobre sua própria impossibilidade, que encobre o caráter irreduzível da castração.

É enquanto apreendido nesta lógica fantasística que o eu nos é apresentado por Freud. Por outro lado, o supereu que no declínio do Édipo é a introjeção da autoridade, sustenta esta vertente encobridora na medida em que exige a renúncia à satisfação total, incestuosa, transformando assim um efeito necessário da castração, em um dever. Acompanhemos a forma como Freud avalia a consequência extremada do trabalho do eu para dominar a libido:

“Si el yo padece o aun sucumbe bajo la agresión del superyó, su destino es un correspondiente del de los protistas, que perecen por los productos catabólicos que ellos mismos han creado” (p. 57)

Coloca-se, desta maneira, a participação do eu no circuito que o vitima. Freud (1926d) revela sempre ter acreditado que na neurose “el yo se defiende de exigencias de la libido, no de las otras pulsiones”... (p. 118). Esta atividade geral de defesa do eu frente às exigências da libido, é articulada ao perigo da castração, à sua iminência. Na medida em que as moções pulsionais edípicas (libidinais), não podem ser escondidas do supereu, incorrem em uma necessidade de castigo, expressão do sentimento inconsciente de culpa. Depreende-se, assim, a textura fantasística aqui indicada, cuja realidade é psíquica.

Esta gama de questões é enriquecida por Freud em alguns textos. Em *O Problema Econômico do Masoquismo*, Freud (1924c) procura examinar, no masoquismo, o enlace da libido com a pulsão de morte, em torno do pai. Como vimos no primeiro capítulo, o masoquismo erógeno, primário, acompanha a libido, sendo o pai o invariante em cambiáveis revestimentos psíquicos, próprios a cada tempo da organização libidinal. A posição masoquista da criança frente ao pai, é assinalada por Freud (1918b), já em seu estudo sobre o Homem dos Lobos:

“Mediante la exhibición de su conducta díscola quería obligar al padre a aplicarle correctivos y pegarle, recibiendo así de él la anhelada satisfacción sexual masoquista... Y en consonancia con la motivación del masoquismo, habría

hallado en tales correctivos al mismo tiempo la satisfacción de su sentimiento de culpa” (p. 27).

A conjunção da satisfação sexual masoquista com o sentimento de culpa é o viés que queremos ressaltar neste momento. Em *Bate-se em uma Criança*, Freud (1919e) esclarece e enfatiza a inserção da libido, o cunho erótico implicado no masoquismo, analisando o segundo tempo da fantasia de espancamento: “El padre me pega (soy azotado por el padre)” (p. 186). Sigamos a sua exposição:

“Este ser-azotado... no es sólo el castigo por la referencia genital prohibida, sino también su sustituto regresivo, y a partir de esta última fuente recibe la excitación libidinosa que desde ese momento se le adherirá y hallará descarga en actos onanistas” (p. 186).

Vemos assim, colocada, a inserção da libido neste processo, através da regressão e onde o castigo buscado além de ter uma função com relação à culpa, é o substituto da relação incestuosa com o pai. Em *O Problema Econômico do Masoquismo*, Freud (1924c) reafirma esta direção e enuncia:

“... el deseo de ser golpeado por el padre, tan frecuente en fantasías, está muy relacionado con otro deseo, el de entrar con él en una vinculación sexual pasiva... y no es más que la desfiguración regresiva de este último.” (p. 175)

Freud esclarece que o retorno contra a própria pessoa do sadismo projetado — como vimos, parte da pulsão de morte que, em um primeiro tempo, foi dirigida aos objetos a serviço de Eros — pode ter como resultado “el masoquismo secundario, que viene a añadirse al originario” (p. 170). Aqui é importante demarcar que a outra vicissitude do retorno do sadismo contra a própria pessoa, é o incremento da crueldade do supereu para com o eu.

Retornemos agora à conjunção da satisfação sexual masoquista com o sentimento de culpa, analisado por Freud como masoquismo moral. É pela via de um acréscimo secundário ao masoquismo primário que Freud encontra lugar para situar, partindo de

sua clínica, o masoquismo moral. Explicita o caráter inconsciente do masoquismo moral e designa neste, uma re-sexualização da moral, na medida em que “se abre la via para una regresión de la moral al complejo de Edipo” (p. 175).

Freud avalia que este processo conduz o homem a um agir pecaminoso. Situações desfavoráveis são buscadas, na vida, exacerbando as críticas de uma consciência moral sádica (que funciona como o poder parental que inflige o castigo), engendrando um circuito desde onde se extrai uma satisfação de outra ordem, implicada no sofrimento. Vejamos, neste ponto, um comentário de Freud (1919e) em *Bate-se em uma Criança*.

“Los seres humanos que llevan en su interior esa fantasía muestran una particular susceptibilidad e irritabilidad hacia personas a quienes pueden insertar en la serie paterna; es facil que se hagan afrentar por ellas y así realicen la situation fantaseada, la de ser azotados por el padre, produciéndola en su propio perjuicio y para su sufrimiento” (p. 192).

Freud (1924c) retoma esse conjunto de relações ordenadas pelo plano fantasístico no campo clínico. Em *O Problema Econômico do Masoquismo*, indica que uma neurose refratária aos avanços terapêuticos pode desaparecer se o paciente cair na miséria de um matrimônio infeliz, perder sua fortuna ou contrair uma grave doença orgânica. Conclui que em tais casos uma forma de sofrimento é substituída por outra e “vemos que únicamente interesa poder retener cierto grado de padecimiento” (p. 172). Mostra-se preocupado com os efeitos desta constelação sobre o curso das análises, já que há uma reação do paciente ao tratamento: reação terapêutica negativa. Como apontamos anteriormente o sentimento inconsciente de culpa, mudo para o paciente, contribui para que se instale um impasse e a própria ruptura do tratamento analítico, sem que algo da posição masoquista do paciente seja elaborado. É assim que Freud confere ao masoquismo moral, o valor de um dos maiores obstáculos aos propósitos de uma análise.

Freud diferencia o sadismo do supereu, do masoquismo do eu, através do ponto onde o acento é colocado. Considera que no sadismo do supereu, o acento recai sobre a

exacerbação (que pode ser inconsciente) da moral, que se torna mais e mais restritiva, conduzindo aos excessos de crueldade constatados, por exemplo, na neurose obsessiva. Já no masoquismo do eu, o acento recai sobre a busca (inconsciente) por parte do eu de castigo, seja do supereu, seja do destino enquanto representante derradeiro de um poder parental. É importante indicar aqui, a atividade desta busca de castigo, ou seja, para Freud o masoquista sempre oferece sua face em circunstâncias em que possa sofrer uma agressão. Diferentemente do sadismo do supereu que, por vezes, é “hiperexpresso” em uma consciência de culpa, Freud insiste sobre o caráter silencioso do masoquismo do eu, o qual pode ser inferido a partir do comportamento.

É em torno da conjunção do sadismo do supereu e do masoquismo do eu, no masoquismo moral, que Freud circunscreve as conseqüências do enlace do sentimento de culpa com a satisfação masoquista:

“El sadismo del superyó y el masoquismo del yo... se aúnan para provocar las mismas consecuencias” (p. 175).

Reencontramos, portanto, o exame de Freud em termos de conseqüências no psiquismo de certas operações. Vimos nesta seqüência a implicação tanto do supereu como do eu, em um plano fantasístico. Parece-nos possível indicar aqui que o supereu na medida em que transforma a inclinação a agredir em sentimento de culpa, tem uma função, no masoquismo moral, de sustentação, de manutenção da posição masoquista do eu.

Procuramos apontar nestes desdobramentos, como o plano fantasístico confere consistência à instância paterna, em um campo de conflitos que ao encobrir a falha originária veiculada pela identificação primária com o pai, faz surgir a região de uma outra satisfação vinculada ao sofrimento, e à qual o eu se aferra. Dito de outra forma, na medida em que a castração é interpretada como proibição, força-se em direção a uma satisfação total no campo fantasístico. Este movimento testemunha o enlace da libido com a pulsão de morte no masoquismo e se expressa na emergência desta outra satisfação articulada ao sentimento de culpa.

Voltemos agora ao supereu para localizá-lo na analogia utilizada por Freud (1923b), segundo a qual o trabalho do eu é semelhante ao de protozoários que perecem em decorrência dos produtos por eles próprios criados:

“En el sentido económico, la moral actuante en el superyó nos aparece como uno de estos productos catabólicos.” (p. 57).

A força desta analogia evidencia como o fator moral vai se revelando para Freud, em sua face excessiva, cruel — ganhando aí o supereu todo o seu alcance — um produto, no sentido de um resto, dos descaminhos pulsionais e onde a desfunção pulsional é um operador privilegiado.

1.3 – A Renúncia Pulsional Primária e a Gênese da Consciência Moral

Em *O Mal Estar na Civilização*, Freud (1930a) avança o exame da gênese da consciência moral, do sentimento moral no ser humano. Acompanharemos o trajeto, indicado por Freud, que vai das relações do amor com a renúncia pulsional até a precipitação da consciência moral no homem, buscando situar a localização do supereu nesta operação.

Iniciemos com dois pontos de conclusão assinalados por Freud:

“... asimos por fin dos cosas con plena claridad: la participación del amor en la génesis de la conciencia moral, y el carácter fatal e inevitable del sentimiento de culpa. No es decisivo, efectivamente, que uno mate al padre o se abstenga del crimen; en ambos casos uno por fuerza se sentirá culpable, pues el sentimiento de culpa es la expresión del conflicto de ambivalencia, de la lucha entre el Eros y la pulsión de... muerte”. (p. 128)

Esta citação é tão importante e possui tantas indicações que procuraremos desdobrá-la. Em primeiro lugar destacaremos a conexão estabelecida entre o sentimento de culpa, definido por Freud como a tensão entre o supereu e o eu, e as

duas classes das pulsões, através da ambivalência. Situa-se, desta forma, a culpa como um efeito inevitável de uma oposição primária — Eros e pulsão de morte — oposição esta, intrínseca à ambivalente identificação primária com o pai.

No campo fantasístico, vemos a operacionalização da culpa diretamente relacionada ao pai, aos conflitos com o pai apreendido neste plano de redobramento, desvelando o valor de realidade psíquica que a culpa possui, mas também seu caráter universal no campo da neurose, na medida em que é fatal e inevitável.

Em terceiro lugar, encontra-se demarcada a incidência do amor na gênese da consciência moral e aqui é preciso que sigamos o desenvolvimento de Freud. Procura examinar como chega a se diferenciar para a criança, o bem e o mal: “Es lícito desautorizar la existência de una capacidad originaria... de diferenciar el bien del mal” (p. 120). Comenta que o que é mau não é o daninho ou prejudicial ao eu, ao contrário, pode ser o que aspira e lhe dá contentamento. Avalia que o ser humano, entregue a seus sentimentos, não seria capaz de tal discernimento. Neste ponto do texto nos diz: “Entonces, aqui se manifiesta una influencia ajena, ella determina lo que debe llamarse malo y bueno.” e acrescenta: “... ha de tener un motivo para someterse a ese influjo ajeno.” (p. 120). Vejamos a sua conclusão:

“Se lo descubre fácilmente en su desvalimiento y dependencia de otros; su mejor designación sería: angustia frente a la pérdida de amor. Si pierde el amor del otro, de quien depende, queda también desprotegido frente a diversas clases de peligros, y sobre todo frente al peligro de que este ser hiperpotente le muestre su superioridad en la forma del castigo.” (p. 120)

Expressa-se, assim, a confluência da condição de desamparo e de dependência da criança, para a angústia frente à perda de amor. Cabe aqui enfatizar o nexos estabelecido por Freud, entre uma vertente primária da angústia (que se encontra na base da renúncia pulsional primária) e a condição de desamparo primordial do ser humano. Este enquadre da posição da criança frente àqueles que cuidam dela, permite ainda que apreendamos uma dimensão desta relação, que não se esgota no campo

narcísico, dual. Esta alteridade que influencia e determina o que seja bom e mau, nos remete à função mediatizadora, reguladora do ideal do eu, com respeito aos impasses colocados no plano narcísico. Consideramos que Freud situe aqui a função libidinal e pacificadora do ideal do eu, função esta que supõe o investimento amoroso daquele que cuida da criança e de quem ela depende. É, portanto, enquanto dependente do amor deste ser “hiperpotente”, desta alteridade, que Freud localiza a criança em seu desamparo.

Por outro lado, Freud traz à luz o reverso do amor, ou seja, na angústia frente à perda do amor, não se trata apenas dos riscos ligados à satisfação ou não de necessidades vitais. Trata-se também do perigo ligado ao castigo iminente. Aqui reencontramos, em ação, as conseqüências da identificação com a instância paterna, necessariamente ambivalente, que engendra uma atitude amorosa, mas também de ódio, correlata à face do pai suposto capaz de cumprir o castigo da castração. Dupla face sem a qual não nos é possível assimilar as conseqüências intrínsecas à condição humana.

Prossigamos com o fio da elaboração de Freud . Vimos que ele interroga o motivo pelo qual a criança se submete a uma influência alheia e acompanhamos em sua resposta a função do amor ou, mais exatamente, da angústia frente à perda do amor.

Desde esta perspectiva Freud delineia dois níveis de incidência da culpa. O primeiro, enquanto efeito imediato da angústia frente à perda do amor, que leva a uma renúncia pulsional primária, cuja conseqüência Freud assinala:

“La conciencia de culpa, es... la expresión inmediata de la angustia frente a la autoridad externa, el reconocimiento de la tensión entre el yo y esta última, el retoño directo del conflicto entre la necesidad de su amor y el esfuerzo a la satisfacción pulsional, producto de cuya inhibición es la inclinación a agredir” (p. 132).

Interessa-nos marcar que a renúncia pulsional primária, a inibição da satisfação pulsional é articulada à angústia frente à perda do amor e esta renúncia tem conseqüências, tem um produto: a inclinação a agredir.

Freud esclarece que neste nível, mau é tudo o que ameaça com a perda do amor e é preciso evitá-lo devido à angústia frente à esta perda. Aqui, o perigo ficaria restrito às situações em que se pode ser descoberto pela autoridade e incorrer no castigo. Desta forma, não cabe situar neste plano o sentimento inconsciente de culpa e sim uma dimensão primária da culpa.

O segundo nível de incidência da culpa requer para Freud uma mudança significativa, a instituição do supereu. Freud se debruça (em dois momentos diferentes do texto), sobre a operação em jogo na gênese do supereu. Inicialmente nos fala em introjeção: "... la agresión es introyectada, interiorizada" (p. 119). Mais adiante especifica tratar-se de uma identificação:

"acoge dentro de sí por identificación esa autoridad inatacable, que ahora deviene el superyó y entra en posesión de toda la agresión que, como hijo, uno de buena gana habría ejercido contra ella." (p. 125).

É importante ressaltar que a mudança significativa aqui demarcada, ou seja, a introjeção da autoridade, se resolve para Freud através da operação de identificação. Vemos também enfatizada, a instrumentalização, pelo supereu, da inclinação a agredir dirigida contra a autoridade.

Neste nível o que é bom ou mau, não mais aguarda a sua determinação desde uma alteridade. Mais do que isto, não há mais qualquer diferença entre ato e intenção, "... ante el superyó nada puede ocultarse, ni siquiera los pensamientos" (p. 121). Assim, Freud inscreve um novo enquadre do sentimento de culpa, que pode ser inconsciente e segundo o qual se é necessariamente culpado frente ao supereu.

É neste contexto que Freud problematiza a gênese da consciência moral. Diferentemente da culpa, cuja incidência é apresentada em dois tempos, a consciência

moral depende da renúncia pulsional primária e da instituição do supereu. Acompanhemos a forma como Freud (1924c) discute esta questão em *O Problema Económico do Masoquismo*:

“Lo habitual es presentar las cosas como se el reclamo ético fuera lo primario y la renuncia pulsional su consecuencia. Pero así queda sin explicar el origen de la eticidad. En realidad, parece ocurrir lo inverso, la primera renuncia de lo pulsional es arrancada por poderes exteriores, y es ella la que crea la eticidad, que se expresa en la conciencia moral” (p. 176).

O que se evidencia, em diferentes textos, é a insistência de Freud em situar a origem da consciência moral na constituição subjetiva. Freud rejeita que o sentimento moral seja um dado da subjetividade humana, que seja primário. Em uma carta a Einstein, Freud (1933b) expressa a ousadia de seu passo:

“... hemos intentado deducir toda una serie de fenómenos normales y patológicos de esta interiorización de la pulsión destructiva. Y hasta hemos cometido la herejía de explicar la génesis de nuestra conciencia moral por esa vuelta de la agresión hacia adentro.” (p. 194)

É, portanto, como heresia que Freud qualifica sua posição com relação à consciência moral. O que queremos salientar, desde esta perspectiva, é que a análise feita por Freud, em torno da consciência moral, não se configura como a exposição de etapas do desenvolvimento cronológico. Trata-se da afirmação de um conjunto de elementos que convergem para a precipitação do sentimento moral, demarcando, assim, suas condições de possibilidade.

Retornemos ao ponto onde Freud (1930a) deduz o sentimento moral da renúncia pulsional primária e agreguemos aí a localização do supereu neste processo:

“El efecto que la renuncia de lo pulsional ejerce sobre la conciencia moral se produce... del siguiente modo: cada fragmento de agresión de cuya satisfacción nos abstenemos

es asumido por el superyó y acrecienta su agresión (contra el yo)". (p. 125)

Vale assinalar, neste ponto, que a interiorização da autoridade implica, para Freud, em uma transmutação da angústia frente à castração, em angústia frente ao supereu, angústia da consciência moral. Freud (1926d), esclarece que o perigo que se delineia para o eu, pela angústia da consciência moral, é a ira do supereu, seu castigo. Acrescenta, ainda, que o eu procura se esquivar do confronto com a angústia, "ejecutando, obediente, los mandamientos, preceptos y acciones expiatorias que le son impuestos" (p. 122), ou seja, acatando os mandatos do supereu. Interessa-nos ressaltar aqui, esta face da angústia que contribui para a submissão do eu, às exigências do supereu.

Nesse contexto, vemos instaurar-se um círculo vicioso que nos deixa entrever o caráter relativo da renúncia à satisfação pulsional. Se a renúncia à satisfação pulsional se dá em um plano, situamos anteriormente a emergência em outro plano, no eu, de uma satisfação de outra ordem. Esta satisfação à qual o eu se aferra, se encontra comprometida com a necessidade de castigo, com o sentimento inconsciente de culpa, expressando, desta forma, a implicação do eu e do supereu nesta conjuntura que se retroalimenta.

Em *O Eu e o Isso*, em torno do caráter inconsciente do sentimento de culpa, Freud (1923b) nos fornece mais detalhes sobre as relações entre a consciência moral e o Complexo de Édipo:

"... gran parte del sentimiento de culpa tiene que ser normalmente inconciente, porque la génesis de la conciencia moral se enlaza de manera íntima con el complejo de Edipo, que pertenece al inconciente" (p. 52-3).

Cabe assinalar a articulação aqui estabelecida entre as moções pulsionais edípicas recalçadas e o estado inconsciente de parte da moralidade. Entretanto, interessa-nos sobretudo nesta indicação, a extensão apontada por Freud, das relações entre o complexo de Édipo e a consciência moral – se enlaçam de maneira íntima. É

exatamente esta intimidade da moralidade com as moções edípicas que nos parece desvelar o fio da argumentação de Freud. Desta forma, partindo da angústia frente à perda do amor e conseqüente renúncia primária à satisfação pulsional, Freud deriva o sentimento moral, circunscrevendo na constituição subjetiva a gênese da consciência moral.

Centrando nossas considerações em aspectos da gênese do supereu, procuramos focalizar ângulos da análise de Freud, que convergem para o incremento da severidade e da crueldade do supereu para com o eu. Vimos a quantidade de conceitos utilizados, bem como, as conseqüências indicadas por ele, a partir das operações envolvidas na gênese do supereu. Fala do recalque e suas conseqüências como retorno do recalçado. Aponta como inerente à identificação, a defusão pulsional. Apresenta a consciência moral como uma conseqüência da renúncia pulsional primária. Neste percurso, pudemos situar uma vertente primária da culpa, frente à autoridade externa, assim como, uma vertente primária da angústia. Esta vertente primária da angústia, impõe a renúncia pulsional primária e é articulada por Freud à condição de desamparo primordial, do ser humano.

Com respeito à função do supereu procuramos indicar como, pouco a pouco, se esboça no texto de Freud a implicação do supereu em um campo fantasístico, cumprindo aí a função de retroalimentar uma realidade psíquica. Esta realidade envolve uma dimensão da culpa, referida à autoridade de interiorizada, que se expressa por uma necessidade de castigo, à qual o eu se aferra. Neste circuito vimos a emergência de uma satisfação de outra ordem, no eu, que supõe o enlace da libido com a pulsão de morte. Apontamos as graves conseqüências clínicas, da conjunção do sadismo do supereu, com o masoquismo do eu, no masoquismo moral. Vimos ainda, como a angústia da consciência moral, angústia do eu frente ao supereu, contribui para a submissão do eu, às desmedidas exigências do supereu.

2 - Os Efeitos do Supereu

Reservar um ítem para abordar os efeitos do supereu no psiquismo, se constitui para nós como uma ocasião para reafirmar o lugar privilegiado da clínica, como propulsora dos avanços teóricos da psicanálise. Trata-se de reafirmar, já que, ao longo deste capítulo procuramos indicar esta dimensão, nas articulações de Freud.

Iniciemos examinando um aspecto que consideramos como uma dificuldade, em um estudo sobre o conceito do supereu. Inúmeras vezes, a partir das orientações de Freud, situamos que o supereu instrumentaliza a inclinação a agredir, se apossa da pulsão de morte, transformando-a em sentimento de culpa. Dissemos também que o supereu se torna severo, cruel, sádico para com o eu. Consideramos que este tipo de afirmação sobre a ação do supereu, contribui para uma certa personificação deste conceito. É interessante notar que este ângulo, não escapou à atenção de Freud (1933a):

“Espero ya tengan la impresión de que nuestra postulación del superyó describe real y efectivamente una constelación estructural, y no se limita a personificar una abstracción como la de la conciencia moral” (p. 60).

Encontramos, assim, a preocupação de Freud em demarcar um conjunto de relações inerentes à constelação do supereu que, como vimos no primeiro capítulo, supõe funções inter-relacionadas como a observação de si, a consciência moral e a função do ideal. Cabe interrogar, entretanto, de que forma Freud (1933a) sustenta sua asserção de que não se trata da personificação de uma abstração? Vejamos sua posição na 34ª Conferência:

“Ustedes saben que el psicoanálisis nació como terapia; ha llegado a ser mucho más que eso, pero nunca abandonó su patria de origen, y en cuanto a su profundización y ulterior desarrollo sigue dependiendo del trato con enfermos. No pueden obtenerse de otro modo las impresiones acumuladas

a partir de las cuales desarrollamos nuestras teorías” (p. 140).

Vemos, portanto, que Freud circunscreve a possibilidade de aprofundar e avançar teoricamente, no trato com os pacientes, na permanente referência à clínica, real ponto de partida das reformulações teóricas. Um exemplo desta especificidade da psicanálise é a postulação do conceito de libido do eu. Vimos que Freud enuncia este conceito com base em sua clínica, no estudo das neuroses narcísicas e da homossexualidade. Por outro lado, há conceitos que Freud sustenta, embora não sejam diretamente constatáveis na prática. É o caso de conceitos como pulsão de morte ou masoquismo primário. Sigamos o que diz Freud (1933a):

“Los fracasos que experimentamos como terapeutas nos ponen una y otra vez delante de tareas nuevas, y los reclamos de la vida real constituyen una eficaz defensa contra la hipertrofia de la especulación que, sin embargo, nos resulta imprescindible en nuestro trabajo” (p. 140).

Por um lado, vale destacar a importância conferida, por Freud, à inferência de certos conceitos, sem que isto implique em uma hipertrofia da especulação. Por outro lado, queremos enfatizar nesta orientação de Freud, a relação entre os fracassos, os obstáculos colocados pela clínica e a formulação de conceitos que embora não sejam constatáveis diretamente, traduzem um conjunto de dificuldades, de impasses com que um analista se confronta.

O que nos parece surpreendente na obra de Freud, é exatamente a sua firmeza em transformar esta dimensão de obstáculos, de fracassos, em reformulações teóricas. Sustenta a posição de quem, passo a passo, constrói um campo que, longe de ser linear, é marcado por antinomias. Freud acolhe estes aspectos como intrínsecos ao complexo campo com que lida.

Esta direção de trabalho, a partir dos obstáculos, conduz Freud a rever em 1920, o diferencial prazer–desprazer como dominante no psiquismo. O caráter privilegiadamente homeostático do princípio do prazer, cuja referência é, em última

instância, a evitação do desprazer, não mais expressa a gama de questões colocadas por sua prática. Freud é levado a incluir em suas articulações, uma outra região que se esboça, mais além do princípio do prazer. A inclusão desta outra região, acarreta a postulação de conceitos como pulsão de morte e masoquismo primário, mas também conceitos como supereu e sentimento inconsciente de culpa.

Retornando à questão acima colocada, em torno da forma como Freud fundamenta que a postulação do supereu, não se limita a personificar uma abstração, parece-nos possível afirmar que, ao contrário, este conceito traduz um conjunto de dificuldades colocadas no campo clínico.

Em *O Mal Estar na Civilização*, Freud (1930a) aponta, claramente, que o programa imposto ao homem pelo princípio do prazer, de alcançar a felicidade, não se realiza em lugar algum. Situa ainda que “el precio del progreso cultural debe pagarse con el déficit de dicha provocado por la elevación del sentimiento de culpa” (p. 130). Esta indicação nos permite, uma vez mais, assinalar a relevância conferida por Freud ao supereu, já que o sentimento de culpa é a tensão entre o eu e o supereu. Além disto vemos, indiretamente apontada, a relação entre o supereu e o déficit de felicidade, inerente à civilização.

Retomemos agora algumas pontuações sobre o supereu na neurose. Vimos anteriormente a amplitude conferida ao sentimento inconsciente de culpa, segundo Freud (1930a), a ser situado em toda neurose.

Com relação à neurose obsessiva, Freud indica o caráter, freqüentemente, “hiperexpresso” do sentimento de culpa, como consciência de culpa. Esclarece que muitas vezes o eu se rebela, pois, a imputação de culpabilidade não apresenta uma justificativa coerente para a consciência, por envolver operações que se dão à revelia do eu. Freud (1923b) comenta que nestes casos, freqüentemente o paciente “demanda al médico le ratifique su desautorización de esos sentimientos de culpa” (p. 52). Avalia que “sería insensato ceder a ello, pues de nada serviría” (p. 52). Freud nos fornece neste ponto, uma importante indicação clínica, ao definir como insensato, por

parte do analista, responder à demanda do paciente, no que se refere à culpa. Procurar amenizar a culpa, tal como se apresenta para a consciência, é desconhecer que o sentimento de culpa aponta para a tensão entre o eu e o supereu, tensão que envolve um conjunto de relações que se desdobram à revelia da consciência.

Comparando a neurose obsessiva com a neurose histérica, Freud (1930a) adverte que não se deve “sobrestimar los vínculos com la forma de neurosis” (p. 131). Explicita que também na neurose obsessiva, há certos pacientes que “no perciben su sentimiento de culpa o sólo lo sienten como un torturante malestar” (p. 131). Freud esclarece que este mal estar se deflagra quando o paciente é impedido de executar certas ações.

É com relação à histeria, que Freud (1923b) se detém sobre a pregnância do caráter inconsciente do sentimento de culpa. Indica que o eu histérico, se defende da percepção penosa com que o ameaça a crítica do supereu, mediante um ato de recalque. Neste contexto, Freud assinala que “se debe al yo, entonces, que el sentimiento de culpa permanezca inconciente” (p. 52). Segue apontando que, de um modo geral, a operação de recalque envolve o supereu. Avalia que neste caso, entretanto, o eu “se vale de esa misma arma contra su severo amo” (p. 52). Nesta seqüência, Freud conclui que o que o eu consegue na histeria é apenas “mantener lejos el material a que se refiere el sentimiento de culpa” (p. 52).

Vemos, desta maneira, que embora na histeria as relações entre o eu e o supereu ganhem outros contornos, a ação do sentimento de culpa se desdobra, inconscientemente. Em *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud (1926d) sinaliza a conexão entre o sintoma histérico e as exigências da instância moral:

“conocemos el caso en que el síntoma histérico significa al mismo tiempo el cumplimiento de un reclamo punitivo del superyó” (p. 110).

Encontramos, assim, na histeria um elo entre o sofrimento sintomático e as exigências do supereu. Embora, à primeira vista, a relação entre o rigor do supereu e a

neurose obsessiva seja mais evidente, vemos, por um lado, que o sentimento de culpa pode ser inconsciente também na neurose obsessiva, e por outro lado, que o recalque do sentimento de culpa na histeria, não interfere no rigor do supereu, que se exerce inconscientemente.

Partindo destas indicações, entendemos que no campo da neurose, as relações que se estabelecem entre o eu e o supereu, bem como, suas conseqüências, devem ser levadas em consideração, ainda que não se apresentem de forma explícita, como uma “ruidosa” consciência de culpa no relato dos pacientes.

IV – Sobre a Função e o Destino do Supereu em uma Análise

1– O Apaziguamento do Supereu: James Strachey

James Strachey se notabilizou no meio psicanalítico, como o principal tradutor e editor da obra de Freud para a língua inglesa. Este trabalho levou quase vinte anos (entre 1948 e 1966) e contribuiu para a difusão da psicanálise, independentemente das questões suscitadas, ao longo do tempo, em torno da tradução.

O trabalho desenvolvido por Strachey, entretanto, não se restringiu à organização da edição Standard da obra de Freud. Enquanto psicanalista examinou algumas questões colocadas por sua prática. Dentre suas publicações, há um artigo que se destaca, que é central em sua produção teórico-clínica e que levanta questões de grande relevância para a psicanálise. Trata-se do texto *Naturaleza de la Acción Terapéutica del Psicoanálisis*. Neste texto, Strachey (1934) aborda a interpretação psicanalítica e seus efeitos, procurando esclarecer a forma como uma análise pode conduzir a mudanças qualitativas no psiquismo.

Este texto nos interessa, particularmente, pois toda a argumentação de Strachey se suporta, por um lado, na idéia de que o analista possa ocupar o lugar de supereu (auxiliar) do paciente. Esta estratégia é exposta e defendida por Strachey. Por outro lado, aponta como meta derradeira de uma análise, alcançar uma mudança qualitativa no supereu do paciente, que passaria então de severo, cruel, para brando. Em última instância, Strachey afirma como direção de uma análise, ao longo de pequenos e inúmeros passos, o apaziguamento do supereu.

Importa-nos acompanhar, aqui, os dois fios básicos do texto de Strachey. Em primeiro lugar, a maneira como chega a situar o supereu como a via através da qual se torna possível atingir mudanças qualitativas em uma análise. Em segundo lugar — na medida em que o supereu é apontado como facilitador do processo terapêutico e ao

mesmo tempo é suposto sofrer as mudanças qualitativas visadas — procuraremos acompanhar como Strachey concebe a operacionalização de mudanças qualitativas ao nível do supereu. Com isto pretendemos reunir alguns elementos para avaliarmos certas implicações e conseqüências da direção apontada por Strachey, de um apaziguamento do supereu no curso de uma análise.

Strachey faz um recorte de alguns conceitos e indicações de Freud, sustentando o seu interesse em conduzir uma discussão teórica, sobre a natureza da ação terapêutica em psicanálise. Parte das questões colocadas pelas resistências no interior do processo terapêutico. Examina a relação entre a transferência e a sugestão, demarcando que a face positiva da transferência, amistosa, permite certo grau de influência do analista, que Strachey situa como um poder sugestivo. Por outro lado, aponta que a face negativa da transferência, bem como a transferência positiva erótica, contribuem para o incremento das resistências.

Desta forma, Strachey situa que o conjunto de problemas erguidos em torno das resistências, ganha um vulto que leva os analistas a priorizar a análise das resistências, incluindo a análise da transferência como resistência. Neste ponto, comenta não haver contradição no fato de que a transferência seja a força utilizada para empreender a análise da face de resistência da transferência.

Avalia, na seqüência do texto, que o efeito da análise da transferência, é um englobamento cada vez maior das questões na transferência, configurando-se uma neurose artificial, a neurose de transferência. Considera que em vez de dificultar o trabalho terapêutico, esta se mostra a grande oportunidade de uma análise, ou seja, na medida em que os conflitos infantis são reeditados na transferência, são passíveis de serem abordados como uma experiência atual com o analista.

É no interior deste campo de questões que Strachey procura inserir o supereu como um operador privilegiado no tratamento. De posse da idéia de que a sugestão seja um instrumento da analista para influenciar o paciente sob transferência, lança

mão do seguinte comentário de Freud (1916-17) nas *Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise*:

“El cambio decisivo... es posibilitado por un cambio en el yo, que se consuma bajo la influencia de la sugestión médica. Mediante el trabajo de interpretación, que traspone lo inconciente en conciente, el yo es engrosado a expensas de eso inconciente; por obra de la enseñanza, se reconcilia con la libido y se inclina a concederle alguna satisfacción, y su horror ante los reclamos de la libido se reduce por la posibilidad de neutralizar un monto parcial de ella mediante sublimación. Mientras más coincidan los procesos de tratamiento con esta descripción ideal, tanto mayor será el éxito de la terapia psicoanalítica”. (p. 414)

Strachey frisa na citação acima, a indicação de Freud de que a influência, a sugestão exercida pelo analista é o fator essencial da ação terapêutica da psicanálise. Segue comparando esta orientação acima com um outro comentário de Freud (1933a), agora nas *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* :

“Todavía tengo que decirles algunas palabras sobre el psicoanálisis como terapia. Quince años atrás ya les expuse su teoría, y hoy no la formularia de otro modo; ahora debo hablarles de la experiencia acumulada en el intervalo”... (p. 140)

Contrapondo as duas indicações de Freud, Strachey conclui que, em termos gerais, as mesmas posições sustentadas por Freud, quinze anos antes, se mantêm em 1933. Entretanto, chama a atenção para a importância de alguns aspectos desenvolvidos por Freud, neste intervalo, sobretudo a formulação do conceito de supereu, no conjunto do desenvolvimento teórico na área da psicologia do eu.

Antes de darmos seqüência à exposição de Strachey, um primeiro comentário nos parece aqui necessário. No intervalo entre as *Conferências Introdutórias Sobre Psicanálise* e as *Novas Conferências Introdutória Sobre Psicanálise*, encontra-se a “virada de 1920”, a demarcação de que nem tudo na pulsão é libidinal, bem como a

progressiva avaliação das conseqüências do novo dualismo pulsional: pulsões de vida e de morte. Importa-nos ressaltar, neste ponto, que tais conseqüências são amplamente discutidas por Freud quando da formulação de uma segunda tópica — eu, isso e supereu. A partir de 1914, as flutuações da libido, abarcando uma libido do eu, tornaram possível um campo de questionamentos sobre a neutralidade do eu que, ao contrário, se desvelou libidinal. Além disto, a investigação de Freud sobre as tendências masoquistas do eu, principalmente em articulação com a postulação de uma pulsão de morte, tornaram ainda mais complexa a posição do eu no psiquismo, culminando no conjunto de questões examinadas em 1924, em torno do masoquismo moral e suas graves conseqüências para a clínica.

Desta forma, vale assinalar, de posse do que expusemos nos dois primeiros capítulos, que a severidade e a crueldade do supereu não se constituem como a única conseqüência com a qual um analista se confronta na condução de uma análise. Há que se levar em consideração também, o silencioso apego do eu ao sofrimento, tanto mais importante por seu silêncio, já que encobre a peculiar satisfação extraída pelo eu, do padecimento.

Retornemos ao texto de Strachey. Após comparar as indicações de Freud de 1917 e 1933, procura localizar o supereu no conjunto das orientações com as quais busca construir sua argumentação. Assim, aponta como altamente provável que o supereu desempenhe um papel importante na produção e manutenção do recalque e das resistências. Recorre ao texto de Freud (1926d), *Inibição, Sintoma e Angústia* em uma passagem onde Freud discorre sobre as diferentes resistências, em ação, em uma análise. Acompanhem os o texto de Freud:

“... debemos librar combate contra cinco clases de resistencia que provienen de tres lados, a saber: del yo, del ello y del superyó, demostrando ser el yo la fuente de tres formas de ella, diversas por su dinámica. La primera de estas tres resistencias yoicas es la resistencia de **represión...** De ella se separa la resistencia de **trasferencia...** Es también una resistencia yoica, pero de

muy diversa naturaleza, la que parte de la **ganancia de la enfermedad...** Corresponde a la renuencia a renunciar a una satisfacción"... (p.150)

Strachey procede a leitura desta asserção de Freud, situando que não apenas a resistência do supereu, mas também duas das resistências do eu — a resistência do recalque e a resistência da transferência — se estabelecem, em geral, por temor ao supereu. Assim, na medida em que o supereu se encontra relacionado a três das cinco resistências indicadas por Freud, Strachey enuncia:

"... parece bastante probable que cuando Freud escribió... que el cambio favorable en el paciente" se hace possible por las alteraciones en el yo", debía estar pensando... en aquella porción del yo que posteriormente separó en superyó. (p. 958)

Importa-nos, neste ponto, assinalar três aspectos. Em primeiro lugar o grau de inferência feito por Strachey, ao procurar localizar a direção do pensamento de Freud, utilizando-se para isto de textos marcados por momentos diferentes da construção teórica de Freud. Em segundo lugar queremos chamar a atenção para a radicalidade com que Freud situa a terceira resistência do eu: de natureza muito diferente, relacionada ao ganho que se tem na enfermidade (grifado no texto de Freud) e que corresponde a uma aversão a renunciar à uma satisfação. Vemos enfatizada, nesta indicação, a implicação do eu na doença, bem como a extração de uma satisfação, do sofrimento. Parece-nos digno de nota que esta dimensão fique elidida do exame de Strachey. Em terceiro lugar, vimos no segundo capítulo a ênfase dada por Freud à conjunção da satisfação masoquista do eu com o sentimento de culpa, definido como a tensão entre o eu e o supereu. Desta forma, parece-nos possível apontar que a terceira resistência do eu, também se encontra relacionada ao supereu.

Voltemos ao texto de Strachey. Recorre ainda ao texto de Freud *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, referindo-se, especificamente, às passagens que se encontram no curso da discussão sobre a natureza da hipnose e da sugestão. Considera que certas passagens "sugieren... que el analista puede influir ampliamente al enfermo a través del

superyó de este” (p. 958). Lança mão da seguinte avaliação de Freud (1921c), feita em nota de rodapé:

“... las elucidaciones de esta sección nos mueven a abandonar la concepción de Bernheim sobre la hipnosis... Según Bernheim, todos los fenómenos hipnóticos deriván de un factor, la sugestión... Nosotros llegamos a la conclusión de que la sugestión es un fenómeno parcial del estado hipnótico” (p. 121).

Strachey se utiliza deste esclarecimento de Freud, segundo o qual a sugestão é um fenômeno parcial do estado hipnótico e acrescenta um outro elemento explicitado por Freud, com relação à hipnose, ao compará-la com o estado de estar amando. Acompanhemos o que diz Freud:

“El trecho que separa el enamoramiento de la hipnosis no es... muy grande... la misma sumisión humillada, igual obediencia y falta de crítica hacia el hipnotizador como hacia el objeto amado... no hay duda: el hipnotizador ha ocupado el lugar del ideal del yo”... (p. 108).

Baseando-se nas indicações de Freud, acima mencionadas, ou seja, a indicação de que uma mudança na atitude do paciente se consuma por influência do analista; de que a sugestão é um fenômeno parcial do estado de hipnose; de que na hipnose, o objeto é colocado no lugar do ideal do eu, Strachey enuncia: “... parece deducirse que el analista debe su efectividad en ciertos aspectos, al hecho de haberse colocado en lugar del superyó del enfermo” (p. 958).

Reitera esta posição, fornecendo duas linhas convergentes de argumento, que apontam para o supereu do paciente como ocupando uma posição-chave na terapia analítica. Em primeiro lugar, “es una parte de la mente en la que una alteración favorable tendría probabilidades de conducir a una mejoría general...” (p. 958). Aqui, vemos explicitada a tese de Strachey de que se faz necessária uma mudança qualitativa ao nível do supereu. Acrescenta, em seguida, a segunda linha de argumento que demarca o supereu como “... una parte de la mente especialmente expuesta a la

influencia del analista...” (p. 958), ou seja, encontramos delineada a estratégia de que um analista intervenha na esfera do supereu.

Façamos aqui uma observação em torno da imediata transposição feita por Strachey, do conceito de ideal do eu para o conceito de supereu. Procuramos trabalhar, nos dois primeiros capítulos, com a idéia, baseada nas indicações de Freud, de que os conceitos de ideal do eu e de supereu, não se superpõem, possuem pontos de conjunção e de disjunção. Parece-nos possível indicar que Strachey não enfoca a existência de particularidades de cada um destes conceitos.

Até o momento, seguimos o mapeamento elaborado por Strachey, de um campo de intervenções. Como veremos adiante, para Strachey, há um fator operativo que promove a mudança qualitativa no supereu. Trata-se de um tipo específico de interpretação — a interpretação mutativa — que se torna operativa apenas quando articulada à possibilidade do paciente, no momento próprio, de distinguir entre um objeto da fantasia e o analista. Distinção que localiza o analista como representante da realidade. Neste contexto, vale ressaltar que o poder de sugestão é, para Strachey, um instrumento do analista e não um fim da análise. A sugestão, portanto, não promove mudanças qualitativas.

Seguimos, passo a passo, os pontos levantados por Strachey no texto de Freud. Esta forma de exposição nos pareceu importante na medida em que esta dissertação se suporta em Freud, em suas elaborações sobre o supereu e suas conseqüências teórico-clínicas.

Passaremos agora a examinar a interlocução de Strachey com Alexander, Radó e M. Klein. Estes autores também se debruçaram sobre as implicações e conseqüências advindas da postulação, por Freud, de um supereu. Neste ponto, limitar-nos-emos a acompanhar o fio seguido por Strachey, em sua análise de certos conceitos destes autores, dos quais lança mão para desenvolver sua argumentação. Com isto estamos privilegiando a demarcação da direção apontada por Strachey, e utilizaremos citações colhidas de seu texto. Por outro lado, estamos cientes das importantes contribuições

destes autores com relação ao supereu, sobretudo as contribuições de Melanie Klein que não serão aprofundadas aqui.

Retomemos o texto. Strachey inicia sua exposição discutindo as idéias de Alexander (1925) no texto *A Metapsychological Description of the Process of Cure*. Neste texto é desenvolvida a teoria de que a finalidade principal de toda terapia psicanalítica deve ser “la demolición completa del superyó, y la arrogación de sus funciones por el yo” (p. 959). O uso do termo supereu é limitado às partes inconscientes do ideal do eu. O supereu é examinado como uma porção do aparato mental essencialmente “primitiva, anacrónica y apartada de la realidad, y que opera automáticamente con la uniformidad monótona de un reflejo...” (p. 959). Desde esta perspectiva, acrescida da argumentação de que qualquer função útil que o supereu desempenhe pode ser executada pelo eu, precipita-se a conclusão de que “nada se puede hacer con él sino eliminarlo” (p. 959). O tratamento analítico é suposto transcorrer em duas fases. Na primeira fase, as funções do supereu do paciente são “puestas en manos del analista” (p. 959) e na segunda fase, passam novamente para o paciente, “pero esta vez la ejerce su yo” (p. 959).

Após a exposição destes elementos do texto de Alexander, Strachey comenta que o ataque total ao supereu parece ser de validade discutível. Considera que a abolição do supereu, ainda que fosse possível, envolveria a perda de um grande número de atividades mentais, altamente desejáveis. Por outro lado, retém da teorização de Alexander um aspecto, a idéia de que o analista “assume temporariamente las funciones del superyó del paciente” (p. 959) e que ao fazê-lo “consigue modificarlo en algún sentido” (p. 959). Strachey avalia que este ponto sustentado por Alexander, é compatível com suas próprias formulações.

Strachey avança examinando algumas passagens do texto *The Economic Principle in Psycho-Analytic Technique*, elaborado por Radó (1925). Strachey se detém nos pontos do texto que expressam que o sujeito hipnotizado, introjeta o hipnotizador como um supereu parasita, que retira a energia e assume as funções do supereu original do sujeito hipnotizado. Nesta constelação apresentada, se destaca a

natureza instável e temporária de toda a situação, ou seja, um comando em extrema oposição com o supereu original, pode desencadear a expulsão do supereu parasita. Além disto, ao final do estado hipnótico termina a influência do supereu parasita e o supereu primitivo retoma as suas funções.

Strachey pondera que alguns detalhes da teoria de Radó podem ser discutíveis mas sublinha dois ângulos. Em primeiro lugar, situa que a descrição de Radó enfatiza uma vez mais a idéia “del superyó como punto de apoyo de la psicoterapia” (p. 959). Em segundo lugar, considera tratar-se de uma teoria que chama a atenção, para a importante diferença existente entre a hipnose e a psicanálise, no que diz respeito à durabilidade dos efeitos. Assim, a hipnose atua essencialmente de um modo temporário, aspecto evidenciado pela descrição de Radó. Strachey segue contrapondo que uma análise, ao contrário, na medida em que busca influenciar o supereu do paciente, aspira efeitos de maior alcance e permanência, “principalmente a un cambio integral en la naturaleza del superyó mismo del paciente” (p. 960).

Reencontramos aqui o lugar central concedido por Strachey ao supereu na condução de uma análise. O supereu é ao mesmo tempo o elemento através do qual o analista intervém e em última instância, o elemento que sofre uma mudança integral em sua natureza, ao término do processo analítico.

É no pensamento de Melanie Klein (1932) que Strachey busca subsídios para desenvolver sua teorização sobre a natureza da ação terapêutica. Procura demarcar a maneira como chega a se estabelecer no neurótico um círculo vicioso, busca determinar as raízes de um tal círculo vicioso, no interior do qual o “yo se encuentra expuesto, por una parte, a la presión de un ello salvaje y por la otra, a un superyó igualmente cruel” (p. 961). Acompanhemos, em detalhe, a exposição que Strachey faz das idéias de Klein:

“... durante el período de desarrollo libidinal de un niño, en el que se encuentra bajo el dominio de sentimientos de agresión oral, sus sentimientos hacia el objeto externo serán agresivo-orales; luego introyectará el objeto, y este objeto

introyectado actuará a su vez (a la manera de un superyó), con respecto al niño, en sentido agresivo oral. El próximo paso será la nueva proyección hacia el objeto externo, de este objeto introyectado oral-agresivamente, por lo que aquél parecerá ser agresivo oral. El hecho de percibir al objeto externo como peligroso y destructivo hace que los impulsos del ello adopten hacia dicho objeto una actitud aun más agresiva y destructiva, como autodefensa. De esta manera se establece un círculo vicioso.” (p. 961).

Strachey efetua a transposição desta lógica de projeções e introjeções que se sucedem, para o campo transferencial. Explicita que apenas em uma análise é possível estabelecer um corte, uma brecha neste círculo vicioso. Aponta que na neurose, em decorrência de uma série de fatores, não ocorre a evolução da libido até a etapa genital, “en la que predominan los impulsos positivos” (p. 961). Ao contrário, há uma fixação em um nível pré-genital, que responde pelo fato de que “los objetos fantaseados del neurótico en el mundo exterior serán predominantemente peligrosos y hostiles” (p. 963). Acrescenta que mesmo os objetos fantaseados “bons”, serão bons segundo o modelo arcaico e infantil, possuindo pouco contato com a realidade. Avalia que somente um corte no círculo vicioso neurótico, pode permitir a instauração de um círculo benigno tornando possível que a evolução da libido siga seu curso normal.

Argumenta que devido às peculiaridades da situação analítica e ao comportamento do analista, no momento em que um paciente neurótico estabelece relações com um novo objeto na análise, se cria uma nova conjuntura. Retoma, neste ponto, a idéia exposta por Radó de um supereu parasita e a ajusta ao contexto de uma análise, propondo que “en el análisis, el paciente tende a convertir al analista en un “superyó auxiliar”” (p. 962). Strachey aponta que esta introjeção do analista, tende a permanecer definitivamente separada do restante do supereu do paciente e tende a persistir, pois, não atua na mesma direção que o restante do supereu. Esclarece ainda que isto se aplica, não apenas com relação ao supereu severo mas também com relação ao supereu tolerante já que, ainda que o supereu auxiliar seja amável, não o é no

mesmo sentido arcaico que “las imágenes buenas que el paciente ha introyectado” (p. 964).

Conclui que a característica mais importante do supereu auxiliar é que seu conselho, dirigido ao eu, se encontra firmemente baseado em “consideraciones reales y contemporáneas”... (p. 964) diferentemente do supereu original que se suporta na fantasia. Pondera que, assim como o supereu parasita na hipnose, a introjeção do analista como supereu auxiliar, também se constitui como uma situação instável, passível de ser desarticulada. Por outro lado, calcula que desde este lugar o analista tem algum poder, alguma autoridade para influenciar o paciente.

Strachey entende que seja esta autoridade, ainda que limitada, que coloca nas mãos do analista a arma decisiva para o progresso do trabalho terapêutico: a interpretação. Conceitua, então, um tipo específico de interpretação, a interpretação mutativa, que possui algumas peculiaridades que a diferenciam das demais. Vejamos as principais características da interpretação mutativa:

1) É necessariamente uma interpretação transferencial na medida em que, como supereu auxiliar, o analista “autoriza” uma pequena quantidade de impulso do isso a se tornar consciente e simultaneamente, o analista é objeto deste impulso do isso.

2) Deve incidir sobre o que Strachey nomeia “el punto de urgencia” (p. 978), ou seja, deve abordar o impulso do isso que seja urgente no momento, de tal forma que o paciente possa experienciar a interpretação como algo atual.

3) É regida pelo princípio das doses mínimas, ou seja, dada a instabilidade de sua posição enquanto supereu auxiliar, o analista não pode lidar com grandes quantidades de energia do isso.

4) Transcorre em duas fases:

A) Fase em que o paciente é levado, pelo analista, a se tornar consciente de uma quantidade particular de energia do isso, como sendo dirigida ao analista.

B) Fase em que o paciente é levado, pelo analista, a se dar conta de que esta energia é dirigida a um objeto arcaico da fantasia e não a um objeto externo real. Aqui

Strachey situa como crucial, o senso de realidade do paciente, "su habilidad para distinguir entre su objeto fantaseado y el analista real" (p. 970)

Strachey ressalta que as alterações em uma análise, são extremamente graduais. Resultam do somatório de um imenso número de pequenos passos, "cada uno de los cuales corresponde a una interpretación mutativa" (p. 968) É assim que Strachey concebe a paulatina instauração de um círculo benigno, no lugar do círculo vicioso. Vejamos em suas próprias palavras:

"En síntesis, se establecerá un círculo benigno en lugar del vicioso, y finalmente el desarrollo libidinal del paciente continuará hasta el nivel genital, mientras que su superyó sera comparativamente suave, como en el caso del adulto normal, y su yo tendrá un contacto con la realidad relativamente sin deformación" (p. 962).

Acompanhamos, assim, a forma como Strachey chega a situar mudanças qualitativas no supereu do paciente que, desde esta ótica, passa de severo, cruel, para brando, suave. Além disto, vemos assinalado como efeito das mudanças produzidas no supereu, o contato do eu com a realidade, relativamente sem distorções.

Retornemos agora à algumas considerações que expusemos anteriormente, visando comparar as conclusões de Strachey com as indicações de Freud. Freud demarca nas relações do eu com o supereu, a implicação de ambos em um contexto fantasístico que se perpetua, em torno da consistência assumida pelo poder parental que é suposto proibir e castigar, seja pelas desmedidas exigências do supereu, seja pelos poderes do destino.

Examinamos os aspectos que influenciam no incremento da severidade do supereu para com o eu. Vimos como Freud aponta como consequência da defusão pulsional, a liberação e a operacionalização da pulsão de morte pelo supereu. Com relação aos sintomas, acompanhamos a ação do supereu que transmuda as moções agressivas que sucumbem ao recalque, em sentimento de culpa. Situamos ainda como Freud deduz a gênese da consciência moral, da renúncia pulsional primária.

Assinalamos que esta renúncia é imposta pela angústia frente à perda do amor e tem como produto, a inclinação a agredir. Esta inclinação a agredir é assumida pelo supereu e dirigida contra o eu.

A partir das relações com o supereu, situamos que se instaura para o eu uma necessidade de castigo, expressão do sentimento inconsciente de culpa, que deriva em uma satisfação de outra ordem, implicada no sofrimento e à qual o eu se aferra.

Sob o conceito de masoquismo moral, vimos como Freud avalia as conseqüências, na neurose, do enlace da libido com a pulsão de morte, no masoquismo. A conjunção da satisfação sexual masoquista com o sentimento de culpa, é avaliada por Freud como uma re-sexualização da moral, uma regressão da moral ao complexo de Édipo que não interessa nem à moral, nem ao homem. Situações desfavoráveis são buscadas na vida, exarcebando as críticas de uma consciência moral, tornada sádica, que retroalimenta a necessidade de castigo de um eu, tornado masoquista, aferrado ao sofrimento. Freud insiste sobre o caráter inconsciente do *masoquismo moral*.

Este conjunto de relações ordenadas pelo plano fantasístico, se configura, para Freud, como um dos mais poderosos obstáculos ao avanço de uma análise, já que o que importa é a manutenção de um certo grau de sofrimento, do qual o eu não quer abrir mão. Por um lado, se o ponto culminante desta discussão se encontra em *O Problema Econômico do Masoquismo*, texto de 1924, por outro lado, reencontramos a atenta preocupação de Freud em 1937, em *Análise Terminável e Interminável*, um de seus últimos artigos:

“Provisionalmente nos inclinamos frente al hiperpoder de las potencias ante las cuales vemos naufragar nuestros empeños. Ya conseguir influjo psíquico sobre el masoquismo simple pone a dura prueba nuestro poder.”
(p.245)

Vemos, portanto, que Freud indica o masoquismo como colocando uma dura prova ao poder da psicanálise, sustentando até os textos mais tardios, as antinomias do

campo com que lida, não recuando em tornar explícitos os obstáculos suscitados por sua prática. Por outro lado, constatamos a tentativa de equacionamento deste campo de problemas e questões por parte de alguns analistas. Consideramos que a argumentação de Strachey, se encontre nesta direção.

O texto elaborado por Strachey em 1933, é posterior à grande parte das elaborações de Freud sobre a conjunção das exigências do supereu com a satisfação masoquista do eu, entretanto, surpreendentemente, Strachey não aborda a questão do masoquismo. O texto de Strachey é posterior, inclusive, ao *Mal Estar na Civilização*, onde Freud claramente aborda, desde diferentes ângulos, um mal estar irreduzível, conferindo destaque a conceitos como supereu, pulsão de morte, sentimento de culpa, necessidade de castigo, angústia da consciência moral e desfusão pulsional. Com isto, pretendemos chamar a atenção para o fato de que Strachey faz um recorte no pensamento de Freud, que não traduz a complexidade do universo teórico-clínico que Freud examina.

Encontramos um exemplo da omissão da questão do masoquismo, na argumentação de Strachey, em seu exame sobre a passagem do texto de Freud (1926d), *Inibição, Sintoma e Angústia*. Vimos que nesta passagem, Freud enumera as resistências intrínsecas à análise e indica como uma das resistências do eu, o ganho com a enfermidade, correspondente à aversão a renunciar à uma satisfação. Embora Strachey esteja se debruçando sobre esta parte do texto, não apenas não relaciona esta resistência do eu, ao supereu (objeto de seu exame naquele momento), como nem sequer menciona a dimensão masoquista do eu.

Desta forma, tendo por base as articulações de Freud que procuramos expor anteriormente, parece-nos importante avaliar, em termos de conseqüências, uma direção de análise que se proponha a “calar”, apaziguar o supereu.

Freud ressalta que parte das operações que envolvem um fator moral, o sentimento de culpa, o caráter restritivo da moralidade, se dão fora da consciência, são inconscientes. Além disto, chama a atenção para a oposição entre o caráter ruidoso da

consciência de culpa, "hiperexpresso" na consciência em alguns casos, e o silencioso apego do eu ao sofrimento. Adverte quanto ao fato de que a busca de castigos, pelo eu, por parte de um poder parental – seja do supereu, seja a partir do confronto com pessoas que possam ser inseridas na série paterna, seja do destino – muitas vezes só pode ser inferida a partir do comportamento, já que o eu desconhece seu próprio apego à doença. Vejamos neste ponto o que situa Vidal (1992), nos comentários que faz sobre a questão do masoquismo, em seu artigo intitulado *Masoquismo Originário: Ser de Objeto e Semblante*:

“Inibido, desvalorizado, o eu diz não estar à altura da demanda desmesurada do supereu. O neurótico conduz o paradoxo de sua divisão a um impasse. O mesmo risco corre a psicanálise que, reconhecendo a crueldade do supereu, atua no sentido de apaziguá-lo; essa intervenção... oferece saídas de adaptação ao eu sofredor confinando-o numa posição perigosamente masoquista.” (p. 141)

Interessa-nos ressaltar este ângulo de que uma direção de análise que atue no sentido de apaziguar o supereu, desconhece a outra parte implicada, silenciosa mas que se satisfaz com a manutenção de um certo grau de sofrimento, advindo não apenas do rigor do supereu. Nesta direção em que se busca fornecer ao eu uma saída adaptativa, exclui-se a possibilidade de que algo desta posição masoquista seja elaborado, aspecto que pode comportar graves conseqüências clínicas, já que Freud insiste sobre o fato de que parte das operações que envolvem um fator moral, é inconsciente. Assim, um supereu apaziguado e um eu adaptado podem encobrir, um eu que busca castigos, sob o jugo do supereu, ambos operando à revelia do eu consciente.

2 – O Ultrapassamento do Campo Regulado pela Instância Moral: Jacques Lacan

É sob a insígnia de um “retorno a Freud” que Lacan procura demarcar certas balizas que permitam formalizar e resgatar o campo aberto por Freud. Procuraremos

apontar certos elementos, utilizados por Lacan, para melhor situarmos a discussão por ele conduzida, em torno da necessidade de afirmar planos que não se superpõem. Trata-se de um plano primário, regulado pela castração e marcado pela negatividade do desejo, que é sempre insatisfeito, e um plano de redobramento, fantasístico, regulado, finalmente, pela instância moral, a constelação do supereu. Nesta direção, Lacan se empenha em localizar uma vertente da moral, não implicada nas exigências do supereu.

2.1 – O Sujeito do Desejo: Uma Outra Vertente da Moral

Assinalamos no primeiro capítulo, o fato de que Lacan se utiliza do estruturalismo lingüístico. Talvez pudéssemos falar mais de uma apropriação do que de uma utilização, na medida em que há certos pontos fundamentais de ruptura entre o pensamento de Lacan e o estruturalismo. Vejamos em maior detalhe.

Freud (1910a) delimita os processos psíquicos próprios ao inconsciente e acrescenta que “Entre estos procesos psíquicos recién discernidos se han destacado la **condensación y el desplazamiento**” (p. 31). Lacan (1955-56) retoma esta indicação de Freud e identifica a condensação e o deslocamento, à metáfora e a à metonímia respectivamente: “... o que Freud chama a condensação, é o que se chama em retórica a metáfora, o que ele chama o deslocamento é a metonímia”. (p. 252). Assim, Lacan circunscreve as operações de metáfora e metonímia como leis simbólicas que dispõem as relações entre os elementos, os significantes, no inconsciente. Vemos aqui o ponto de partida da formalização lacaniana, do inconsciente freudiano. Nesta via, Lacan enuncia que “O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem” (p. 139). Aponta ainda que o inconsciente não é o primordial, nem o instintual e “...lo único elemental que conoce son los elementos del significante (1966, p. 502). Esta perspectiva é plena de conseqüências. Ao situar o inconsciente como estruturado como linguagem, em certo sentido, Lacan esvazia o inconsciente de

conteúdos latentes e a priori, subvertendo a idéia de algo profundo que, em uma análise, é trazido à consciência.

Já que de elementar, o inconsciente só conhece os elementos do significante, vemos em primeiro plano a noção de significante. Aqui é importante esclarecermos que desde o referencial estruturalista, o significante não tem valor em si, ganha sentido, ganha valor posicional, apenas por oposição a outros significantes e daí, o mínimo é sempre de dois significantes. Neste contexto, Lacan afirma a primazia do significante sobre o significado, pois, o significado, nesta ótica, é sempre efeito da combinatória significante. A implicação imediata disto é que os sentidos produzidos em uma análise, não apontam para o resgate de uma história já definida. Ao contrário, expressam uma construção onde os efeitos de significação são sempre parciais. Dada a polissemia do significante, abre-se um leque de significações que Freud já havia situado, sob o conceito de sobredeterminação. Lacan retoma a sobredeterminação como uma característica geral das formações do inconsciente.

Para os lingüistas que avançaram o debate aberto por Saussure (1973) no *Curso de Lingüística Geral*, a lingüística opera no campo da linguagem, visando extrair da língua os limites da combinatória significante. Aqui encontramos o primeiro ponto de ruptura de Lacan com o estruturalismo lingüístico, ou seja, a psicanálise opera no campo da linguagem, visando situar um sujeito – o sujeito do inconsciente. Examinaremos este ponto.

Os estruturalistas prescindem de um sujeito, na medida em que entendem que as oposições significantes, respondem pelos efeitos de significação. Esta direção culmina na postulação de um eu estritamente gramatical, como enuncia Benveniste (1966): “Eu não pode ser identificado senão pela instância de discurso que o contenha e só por ela.” (p. 173).

Lacan, por outro lado, norteado por sua clínica, é levado a sustentar um sujeito. Entretanto, é importante ressaltar que a questão do sujeito é examinada por Lacan,

desde a linguagem, não se tratando, portanto, de um eu psicológico. Acompanhemos o que diz Lacan (1976):

“... Não é só porque o material do inconsciente é um material lingüístico... que o inconsciente se estrutura como linguagem. A questão levantada pelo inconsciente é uma questão que toca no ponto mais sensível da natureza da linguagem: é a questão do sujeito” (p. 200).

Vemos, portanto, que o sujeito é apresentado como uma questão levantada pelo inconsciente que, estruturado como linguagem, não elide uma dimensão subjetiva que se impõe. Aqui se faz necessária a distinção entre um plano de enunciado que se realiza na cadeia falada, como um eu agente, e um plano de enunciação, expresso também na cadeia falada (não se tratando, portanto, de algo profundo, latente), mas subtraindo-se a ela. Lacan chama a atenção para o fato de que os tropeços, as falhas, as irregularidades da cadeia falada, de um modo geral, mas também a distância constatável entre o que é enunciado e a posição tomada por aquele que enuncia, frente ao seu enunciado, demarcam uma dimensão de enunciação que deflagra estar ali presente um elemento, que não se conta mais do que por faltar, por descompletar a cadeia. Uma subjetividade que não é passível de ser eliminada, cuja insistência deve ser acolhida em uma análise.

Trata-se, desta forma, de uma necessidade privilegiadamente clínica, a insistência de Lacan em sustentar um sujeito da experiência analítica, diferenciado do eu consciente, do eu psicológico. Neste sentido, um sujeito inassimilável a um eu agente, a uma alma, a uma natureza humana. Como vimos, Lacan interroga o sujeito desde o campo da linguagem. Localiza-o entre significantes, como efeito da cadeia, como evanescente, testemunho da divisão subjetiva. Assim, Lacan opera com a lógica dos significantes visando, contudo, o sujeito. Um sujeito sem substância, pontual, nada além de uma posição subjetiva entre significantes.

Esta via conduz Lacan (1966) a definir o significante como o que “representa al sujeito para otro significante” (p. 799), e onde o sujeito não é redutível ao significante

que o representa. Aqui, encontramos um segundo ponto de ruptura de Lacan com o estruturalismo. Para os estruturalistas, a estrutura se configura como um todo solidário que reúne, virtualmente, todos os elementos e possibilidades combinatórias. Lacan, por outro lado, é levado por sua experiência clínica, a apontar a inconsistência da estrutura simbólica.

A ausência de um significante último que responda pelo sujeito, já que o significante o representa para um outro significante segundo um valor estritamente posicional, configura para Lacan a irredutibilidade do sujeito ao campo dos significantes, embora o sujeito se situe e se constitua em relação a este campo. Lacan aponta a ausência deste significante último, como uma descontinuidade inerente à estrutura simbólica. Em outros termos, uma descontinuidade que é inerente ao campo do Outro, enquanto lugar do código, tesouro dos significantes. É neste ponto de ruptura, de inconsistência do Outro, que Lacan circunscreve o sujeito, mas também o seu desejo. Acompanhemos Lacan (1959-60):

“É na medida em que o sujeito se situa e se constitui em relação ao significante, que nele se produz essa ruptura, essa divisão, essa ambivalência em cujo nível se situa a tensão do desejo” (p. 380).

Desta maneira, na clínica, a cada efeito de sentido produzido, por exemplo, frente a uma intervenção do analista, testemunha-se um resíduo que permite que uma nova pergunta se formule: “ele me diz isto, mas, o que quer dizer ele com isto?” Fato clínico que evidencia que o significante de um, não recobre diretamente o significante do outro. Esta dissimetria, expressa por este resíduo metonímico que insiste, permite que o paciente siga interrogando em um campo onde o conteúdo das respostas encobre, um modo de relação com o significante que, em última instância, não permite dizer tudo. A estrutura comporta um ponto que resiste à significação, compatível com o sujeito do inconsciente, onde Lacan situa a tensão do desejo. É, conseqüentemente, como desejante, sujeito do desejo, que Lacan articula o sujeito na neurose, precisando a

relação do desejo com o conjunto dos significantes, através da demanda. Vejamos a orientação de Lacan (1963-64):

“... o desejo se situa na dependência da demanda – a qual, por se articular em significantes, deixa um resto metonímico que corre debaixo dela, elemento que não é indeterminado, que é uma condição ao mesmo tempo absoluta e impegável, elemento necessariamente em impasse, insatisfeito, impossível, desconhecido, elemento que se chama desejo...” (p. 146).

Encontramos aqui explicitada, a relação do desejo com a demanda, a dependência em que o desejo se encontra da demanda, na medida em que ao se articular em significantes, a demanda veicula este resto metonímico que corre debaixo dela. Importa-nos frisar, também, nesta citação, o cunho do desejo como um elemento em impasse, insatisfeito. Esta negatividade do desejo, cuja relação com objetos substitutivos é sempre marcada pela impossibilidade, ao mesmo tempo relança o movimento em direção a outros objetos da demanda. Sigamos Lacan (1959-60):

“... o desejo nada mais é do que a metonímia do discurso da demanda. É a mudança como tal. Insisto – essa relação propriamente metonímica de um significante ao outro que chamamos de desejo, não é o novo objeto, nem o objeto anterior, é a própria mudança de objeto em si.” (p. 352).

Delineia-se, assim, a via como o desejo referido a um sujeito, se engancha através da demanda sem, entretanto, se equacionar no campo das demandas, ultrapassando-as. De tal forma que Lacan é levado a situar o desejo como “desejo de desejar.” (p. 370).

Após seguirmos a demarcação de Lacan de um sujeito do desejo, constituído em relação ao significante, bem como a marca própria do desejo, de ser sempre insatisfeito, aprisionado no deslizamento metonímico da rede significante, é fundamental localizarmos aqui o conceito de castração, conceito freudiano correlativo à postulação de Lacan da inconsistência da estrutura simbólica.

Lacan ressalta a diferença de planos em que se encontram o Complexo de Édipo e o Complexo de castração, no pensamento de Freud. Como vimos anteriormente, a visada de Freud sobre a castração não se esgota no plano fantasístico. Freud aponta a castração – operando a posteriori – como o protótipo de um dano narcísico por perda corporal. Esta dimensão de uma separação primária de parte de si próprio, cuja representação é enlaçada aos genitais masculinos, obtém seus efeitos retroativamente, conferindo valor de perda à separação das fezes, do seio, da mãe ao nascer.

Lacan retoma e aprofunda a castração como ponto de falha primário, irreduzível da condição humana, cujo valor de perda é conferido apenas posteriormente. É como simbólica que Lacan situa a castração, enquanto correlativa à inconsistência do Outro, à ausência de um significante último que responda pelo sujeito. Neste sentido, compatível com o desejo deste sujeito, desejo este dependente do significante, através da demanda como assinalamos acima. Vemos aqui afirmada uma vertente da castração, depurada de sua apreensão nos conflitos em que a instância paterna é suposta capaz de cumprir o castigo da castração. Uma vertente da castração referida ao aprisionamento do sujeito do desejo, no campo da linguagem, onde este é assujeitado às leis do significante, às leis do inconsciente.

Desta forma, para Lacan o complexo de castração não pode ser situado no mesmo plano do drama edípico, já que este traduz um plano de redobramento, fantasístico, que vela, encobre a castração enquanto primária, fundante.

É momento de aprofundarmos esta oposição entre um plano primário e um plano de redobramento, seguindo algumas orientações de Lacan em *O Seminário 7. A Ética da Psicanálise*. A diferenciação que procuramos marcar entre o sujeito do desejo e o eu consciente, nos parece essencial nas articulações que se seguem.

Vimos em Freud a complexa posição do eu no psiquismo. Seguimos sua análise, sobretudo em termos de conseqüências, de certas operações em que o eu se encontra implicado. Acompanhamos seu confronto, em textos tardios de sua obra, não apenas com as desmedidas exigências do supereu, mas também com o apego do eu ao

sofrimento, de onde extrai uma satisfação. Além disto, acompanhamos como a dimensão moral no ser humano, é derivada por Freud da renúncia pulsional primária, onde a angústia tem um papel determinante. Vimos como o supereu se encontra diretamente implicado na transformação da inclinação à agredir, produto da renúncia pulsional, em sentimento de culpa. Apontamos ainda como a culpa (consciente ou inconsciente) opera como motor da manutenção da posição masoquista do eu.

Procuramos demarcar como esta conjuntura se sustenta em um plano que visa em última instância, encobrir a castração, forçando (no campo fantasístico) em direção a uma satisfação total que jamais se realiza. As desmedidas exigências do supereu encontram seu lugar, no interior desta lógica que supõe que a satisfação incestuosa é possível e não se realiza em decorrência da proibição exercida pela autoridade interiorizada.

Lacan abre sua discussão no *Seminário 7*, debruçando-se sobre esta gama de questões e procurando abrir uma outra linha de argumentação em torno da questão moral. Vejamos a sua orientação:

“... a experiência moral não se limita ao aspecto de resignar-se a perder o que não tem jeito... Ela não está unicamente ligada a esse lento reconhecimento da função que foi definida, autonomizada por Freud sob o termo de supereu, e à exploração de seus paradoxos, que chamei de essa figura obscena e feroz, sob a qual a instância moral se apresenta quando vamos procurá-la em suas raízes” (p. 16).

Interessa-nos examinar nesta citação, além da indicação dos paradoxos inerentes à função do supereu, a afirmação de Lacan de que a experiência moral não se limita ao aspecto de resignar-se a perder o que não tem jeito. Parece-nos encontrar-se aqui, uma referência de Lacan à avaliação de Freud em *Análise Terminável e Interminável*, sobre a posição tanto do homem como da mulher, frente ao rochedo da castração. Retomemos algumas considerações de Freud.

Neste texto, Freud (1937c) se debruça, dentre outros aspectos, sobre os limites e o poder da psicanálise. Avalia os obstáculos colocados pela realidade psíquica ao desfecho de uma análise. Aponta a emergência de dois temas que, apesar da diversidade de seus conteúdos, são correspondentes. Trata-se na mulher, da inveja do pênis, "el positivo querer – alcanzar la posesión de un genital masculino" (p. 252) e no homem, do protesto masculino, "la revuelta contra su actitud pasiva o femenina hacia otro hombre" (p. 252). Freud esclarece que os dois temas têm como referência o complexo de castração e considera esta posição derradeira frente à castração, como inultrapassável em uma análise. Situemos o que diz Freud:

"... uno tiene la impresión de haber atravesado todos los estratos psicológicos y llegado, con el deseo del pene y la protesta masculina, a la "roca de base" y, de este modo, al término de su actividad." (p. 253).

É portanto, como intransponível que Freud apresenta a castração, apreendida no campo fantasístico, o rochedo da castração. Tratando-se, assim, de um obstáculo imposto pela própria articulação fantasística, ao desfecho de uma análise. Importa-nos, entretanto, seguir a forma como Freud expressa as dificuldades com que o analista se confronta neste ponto, para retomarmos o comentário de Lacan. Vejamos a apreciação de Freud:

"en ningún momento del trabajo analítico se padece más bajo el sentimiento opresivo de un empeño que se repete infructuosamente, bajo la sospecha de "predicar en el vacío", que cuando se quiere mover a las mujeres a resignar su deseo del pene por irrealizable, y cuando se pretende convencer a los hombres de que una actitud pasiva frente al varón no siempre tiene el significado de una castración." (p. 253).

Vemos, desta forma, a avaliação de Freud segundo a qual é infrutífera a tentativa do analista, de convencer ou de influenciar o paciente em seu confronto com a castração (vale assinalar, ainda desde uma ótica fantasística), no sentido de que se

resigne a perder o que não tem jeito. Neste ponto reencontramos o comentário de Lacan, para quem este aspecto não esgota o problema. Lacan questiona esta posição como o termo último de uma análise. Considera, ao contrário, que é preciso que haja um ultrapassamento deste campo fantasístico, regulado, em última instância, pela constelação do supereu, em direção à uma região marcada pela castração simbólica, onde o ato seja regulado pelo desejo que o habita. Direção que procuraremos desenvolver a partir das pontuações de Lacan.

É nas orientações de Freud que Lacan busca demarcar uma outra vertente da moral, que permita aprofundar o campo aberto por Freud. Na *31ª Conferência*, Freud (1933a) conclui apontando como propósito de uma análise, a seguinte frase: “Donde Ello era, yo debo devenir” (p. 74). Vejamos como Lacan (1959-60) procede a leitura desta asserção de Freud:

“A experiência moral em questão na análise é também aquela que se resume no imperativo original que propõe o que se poderia chamar, no caso, de a ascese freudiana esse *Wo Es war, soll Ich werden* [Onde o Isso era, Eu devo advir], a que Freud chegou...” (p. 16).

Assim, Lacan confere o valor de imperativo à asserção de Freud e aponta como intrínseca à análise, uma dimensão de ascese. Nesta via, Lacan abre uma vertente do dever, não articulada ao “imperioso dever-ser” do supereu. Uma vertente do dever relacionada à insistência do sujeito do desejo.

Lacan segue explicitando que este eu que deve advir onde o isso era, não é outra coisa senão aquilo cuja raiz já temos nesse eu, que se interroga sobre o que quer, que coloca para si mesmo esta questão. Por um lado, encontramos aqui assinalada a própria divisão subjetiva e por outro lado, a indicação de Lacan de que o paciente em análise, sob transferência, se encontra implicado em um trabalho que relança a pergunta sobre o desejo. Relançamento que abre espaço para a emergência de uma pergunta no lugar dos imperativos freqüentemente estranhos, cruéis, que lhe são propostos por sua experiência mórbida. Acompanhemos Lacan:

“Deve ele submeter-se ou não ao imperativo do supereu, paradoxal e mórbido, semi-inconsciente e que... revela-se cada vez mais em sua instância na medida em que a descoberta analítica progride, e que o paciente vê que se enveredou em sua via?” (p. 16).

Neste enquadre, vemos indicada, no campo clínico, a possibilidade de se transformar em questão, a experiência mórbida articulada pela instância moral. Além disto, vemos também uma abertura para a demarcação de mais de uma posição subjetiva frente aos mandatos do supereu. Cabe assinalar aqui que, desde esta ótica, a mudança se produz como uma mudança de posição subjetiva e não como uma mudança no supereu, como propõe Strachey.

Vimos em Freud o quanto a dimensão moral pode se tornar mais e mais restritiva, bem como, o sentimento de culpa pode ser "hiperexpresso" como consciência de culpa. Estas constatações clínicas, enunciadas pelo paciente quando conscientes (já que nem sempre o são), expressam a força do conflito moral que causa sofrimento e por vezes é o que conduz o paciente à análise.

É partindo destas questões, colocadas na e pela experiência, que Lacan empreende sua investigação sobre o que é que norteia a ação de um analista na direção de um tratamento:

“Se há uma ética da psicanálise – a questão se coloca – é na medida em que, de alguma maneira... a análise fornece algo que se coloca como medida de nossa ação” (p. 374).

Observamos que é sob a forma de questão que Lacan avança, procurando delinear a forma como um analista pode se orientar, ao se confrontar com as antinomias, os impasses, discernidos por Freud, na condução de uma análise. Esta dimensão de impasses, conduz Lacan a formular uma série de críticas aos analistas, que consideram que uma análise possa promover a normalização psicológica. Acompanhemos Lacan:

“A perspectiva teórica e prática de nossa ação deve reduzir-se ao ideal de uma harmonização psicológica? Devemos, na esperança de fazer nossos pacientes acederem

à possibilidade de uma felicidade sem sombras, pensar que a redução pode ser total da antinomia que o próprio Freud articulou tão poderosamente?" (p. 363).

Assim, os ideais de normalização, de harmonização psicológica, de conduzir o paciente ao estágio de maturação genital da libido, que proporcionaria uma "relação justa com o real" (p. 362), são apontados por Lacan como um nível de trapaça que comporta uma moralização racionalizante. Lacan suporta suas críticas aos analistas, no desenvolvimento teórico de Freud (1930a) em *O Mal Estar na Civilização*, mais especificamente na indicação de Freud, de que quanto mais virtuoso um homem é, mais severo e desconfiado é o seu comportamento. Sobre isto Lacan diz:

"a forma sob a qual a instância moral se insere concretamente no homem, e que absolutamente não deixa de ser racional em seu dizer, essa forma que ele chamou de supereu, é de uma economia tal que se torna mais exigente quanto mais sacrifícios se lhe prestam." (p. 363).

Aqui nos parece possível retomar as conseqüências de uma direção de análise que pretenda "calar", apaziguar o supereu, bem como fortalecer o eu. Na medida em que o eu e o supereu se encontram implicados em operações que não se esgotam na consciência, ou seja, parte destas operações é inconsciente, uma análise que vise o apaziguamento do supereu, o fortalecimento do eu consciente (procurando melhor instrumentá-lo em seus conflitos com o supereu e o isso), elide todo um campo de conflitos e de operações que se desenrolam silenciosamente. Neste sentido, podemos pensar que um eu adaptado, um supereu brando, podem encobrir o confinamento do eu, em uma posição masoquista frente a um supereu sádico, mais e mais exigente.

Retornemos ao texto de Lacan. É com relação à análise dos futuros analistas, a análise didática, que Lacan aprofunda suas críticas. Considera fundamental que um analista tenha se confrontado, em sua própria análise, com a face trágica da condição humana, incompatível com ideais de conforto individual. Nesta linha, Lacan opõe aquilo que é demandado por um paciente, ao procurar uma análise – a felicidade – àquilo que o analista pode oferecer, ou seja, um desejo prevenido. Lacan esclarece que

um desejo prevenido quer dizer que o analista “não pode desejar o impossível” (p. 360).

Em “*O Mal Estar na Civilização* Freud (1930a) examina a incompatibilidade entre o programa imposto ao homem pelo princípio do prazer, de alcançar a felicidade, e sua realização, ”... se diría que el propósito de que el hombre sea “dichoso” no está contenido en el plan de la “Creación”” (p. 76). Lacan se apóia na avaliação de Freud e defende a idéia de que o pensamento de Freud não avaliza, não permite que um analista desconheça a complexidade do psiquismo humano, a irredutibilidade de um mal estar que Freud bordeia em diferentes textos e através de conceitos como pulsão de morte, compulsão à repetição, supereu, sentimento de culpa e masoquismo. Conceitos que são examinados desde uma perspectiva para além do princípio do prazer.

Retomemos aqui a questão colocada por Lacan sobre o que é que norteia a ação do analista. Vimos que não se trata de compartilhar com o paciente de um ideal de harmonização psicológica. Vimos também que não se trata de apaziguar o supereu e fortalecer o eu consciente. Vimos ainda que não se trata de conduzir o paciente a se resignar a perder o que não tem jeito. Que direção é apontada por Lacan?

É aqui que a diferenciação de planos, entre um plano primário, regulado pela castração simbólica e um plano de redobramento fantasístico, regulado pela instância moral, ganha todo o seu valor na argumentação de Lacan. Demarca diferentes ângulos que o levam a estabelecer uma discriminação de campos, irredutíveis um ao outro. Delineia a oposição entre o que nomeou serviço dos bens, ou seja, “bens privados, bens de família, bens da casa e outros bens que igualmente nos solicitam” (p. 363) e uma região onde se desdobra a relação de um homem com seu próprio desejo:

“O ordenamento do serviço dos bens... não resolve... o problema da relação atual de cada homem, nesse curto espaço de tempo entre seu nascimento e sua morte, com seu próprio desejo...” (p. 364).

Esta diferenciação de planos, sua irredutibilidade, atravessa todo o texto. Lacan sustenta a importância de um ultrapassamento, de um campo ao outro, ao longo do

percurso de uma análise. Procurando marcar alguns pontos de sua elaboração, Lacan toma como suporte o texto trágico. Encontra em Sófocles, certos elementos que lhe permitem estabelecer alguns pontos de aproximação entre o percurso do herói trágico, Édipo, e o percurso de uma análise. Seguiremos a leitura que Lacan propõe das peças Édipo-Rei e Édipo em Colono. De posse desta leitura retomaremos, posteriormente, a idéia de um ultrapassamento, em análise, do campo regulado pela instância moral.

2.2 – Édipo: Um Percurso

Partindo de algumas pontuações de Lacan, procuraremos acompanhar os descaminhos da personagem de Sófocles, Édipo, nas peças Édipo-Rei e Édipo em Colono, utilizando a tradução de Gama Kury (1989). Buscaremos situar diferentes momentos da trajetória do herói. Recorreremos também a Vernant (1977) e a Junito Brandão (1990) com o intuito de elucidar certas nuances do texto trágico.

É importante reafirmar que Lacan lança mão do texto trágico, para situar uma dimensão da moral não implicada no “imperioso dever-ser” do supereu, cuja inserção em um campo fantasístico procuramos assinalar nos dois primeiros capítulos. Desta forma, seguir as orientações de Lacan sobre o texto trágico, tem para nós o valor de aprofundar a idéia de uma diferenciação de planos: um plano primário regulado pela castração e marcado pela negatividade, pela insatisfação intrínseca ao desejo e um plano de redobramento, fantasístico, regulado, finalmente, pela instância moral, o supereu. Cabe ainda assinalar que nas articulações que se seguem, limitar-nos-emos às indicações de Lacan (1959-60) em *O Seminário 7. A Ética da Psicanálise*.

Lacan procura estabelecer alguns elos entre o percurso do herói e o percurso de uma análise. Ressalta, entretanto, em vários momentos, que uma tal utilização do texto trágico tem, tão somente, valor de suporte, de referência que permita construir algumas articulações.

Vejamos como Vernant (1977) demarca a relação entre o homem e o seu ato na perspectiva trágica:

“Na perspectiva trágica, o homem e a ação se delineiam não como realidades que se poderiam definir ou descrever, mas como problemas. Eles se apresentam como enigmas cujo duplo sentido não pode ser nunca fixado ou esgotado” (p. 23).

Esta enigmática relação entre o homem e a ação, tão pregnante no texto trágico, é apontada por Lacan como intrínseca ao universo de questões da psicanálise. A ação do homem é a resultante da interferência de uma multiplicidade de planos, não é unívoca. Requer deciframento e por isto mesmo a prática clínica encontra o seu lugar, ou seja, o sentido da ação, seja ela normal ou mórbida, pode ser interrogado ao longo de uma análise, pode ser interpretado. Acompanhemos Lacan:

“... a psicanálise procede por um retorno ao sentido da ação. Eis o que justifica por si só, que estejamos na dimensão moral. A hipótese freudiana do inconsciente supõe que a ação do homem... tem um sentido escondido para o qual se pode dirigir. Nessa dimensão, a noção é concebida, de início, a partir de uma... decantação, isolamento de planos.” (p. 374).

Encontramos nesta citação o fio da argumentação de Lacan, ou seja, sustentando-se em uma dimensão moral, Lacan procura localizar, ancorado em Freud, através de uma decantação de planos irreduzíveis um ao outro, uma região onde o ato se encontre regulado pelo desejo que o habita. Argumentação que procuraremos explicitar. Acompanhemos agora, no texto trágico, a trajetória de Édipo.

Édipo em três momentos

Vejamos como Vernant (1977) situa a posição de Édipo:

“Como, instalado em sua personagem de decifrador de enigmas e de rei justiceiro, convencido de que os deuses o inspiram, proclamando-se filho da Týchē, da sorte, Édipo poderia compreender que, para si mesmo, ele é esse enigma cujo sentido só adivinhará ao descobrir que é o contrário do que acreditava ser: não o filho da Týchē, mas sua vítima, não o justiceiro, não o rei salvador de sua cidade, mas a poluição abominável que a está fazendo perecer?” (p. 28).

Levando-se em consideração a complexidade acima apontada, procuraremos examinar os desdobramentos do percurso de Édipo em três momentos que se sucedem, mas que se diferenciam entre si.

Primeiro Momento: Um Campo de Desconhecimento

Neste primeiro momento, Édipo se encontra instalado em uma determinada posição, desde onde interpreta o mundo que o cerca, desde onde decifra o que lhe é proposto em sua jornada. Trata-se de um campo de sentido único, que se configura como um campo, por excelência, de desconhecimento. Édipo aí se move, sem atinar para qualquer nível de equivocidade, de ambigüidade. Ao contrário, se orienta em um plano que lhe parece estável e sob seu controle. É o que podemos constatar através da forma como o herói encaminha suas primeiras dúvidas à respeito de sua origem em Édipo-Rei:

“Foi numa festa, um homem que bebeu demais
embriagou-se e logo, sem qualquer motivo,
pôs-se a insultar-me e me lançou o vitupério
de ser filho adotivo. Depois revoltei-me;
a custo me contive até findar o dia.
Bem cedo, na manhã seguinte, procurei
meu pai e minha mãe e quis interrogá-los.”

(Versos 928-934, p. 59)

Esta seqüência nos parece “colocar em cena” um esboço de questão sobre sua própria verdade, que se traduz por sua inquietação articulada ao seu impulso de interrogar seus pais, interrogá-los sobre sua origem. Acompanhemos, entretanto, o desdobramento deste instante de angústia do herói:

“Ambos mostraram-se sentidos com o ultraje,
mas ainda assim o insulto sempre me doía;
gravara-se profundamente em meu espírito.
Sem o conhecimento de meus pais, um dia
fui ao oráculo de Delfos mas Apolo
não se dignou de desfazer as minhas dúvidas;
Anunciou-me claramente, todavia,
maiores infortúnios, trágicos, terríveis;
eu me uniria um dia à minha própria mãe
e mostraria aos homens descendência impura
depois de assassinar o pai que me deu vida.
Diante dessas predições deixei Corinto
guiando-me pelas estrelas, à procura
de pouso bem distante, onde me exilaria
e onde jamais se tornariam realidade”

(Versos 935-950, p. 59-60)

Vemos nestes versos como Édipo elide toda e qualquer dimensão enigmática, equívoca da resposta do deus. Não se inquieta com o silêncio de Apolo e interpreta sua palavra como se ela trouxesse a resposta à questão em torno de sua origem. Delineia-se, portanto, uma forma de relação com o saber, característica deste primeiro tempo da jornada de Édipo. Relação com o saber que é voltada, sobretudo, para o reconhecimento, a escalada do poder e a manutenção do mesmo. Édipo como aquele que decifra enigmas, liberta Tebas da Esfinge (a “cruel cantora”), através de sua arte, sua habilidade, seu conhecimento.

Como assinala Lacan, o herói está no início do drama, no auge da felicidade. Após estancar a questão aberta em torno de sua origem, se orienta por seu discernimento dos fatos que o rodeiam. É interessante notar que nesta direção, Édipo galga posições, atinge seus ideais, torna-se o rei. Lacan chama a atenção para o fato de

que atingindo a felicidade, “a felicidade conjugal, e a de seu ofício de rei, de ser o guia de uma comunidade feliz, é com sua mãe que ele dorme” (p. 365).

Esta complexa constelação na qual Édipo se encontra inserido, nos fornece a ocasião para ilustrarmos a forma como o eu consciente se move em um campo de desconhecimento, que não é incompatível com os ideais, quaisquer que sejam eles, mas que elide as questões que lhe são próprias, particulares. Questões que tocam à sua própria inserção, sua própria posição no campo do Outro.

Ao conduzir sua análise sobre o que nomeou “serviço dos bens” – região que comporta os ideais humanos – apontando suas antinomias, Lacan situa que não se trata de negar ou de desprezar o campo dos bens. Trata-se, por outro lado, de conhecer o limite disso, no que se refere ao campo aberto à investigação sobre o desejo.

Retornando ao percurso de Édipo, vemos que há neste conhecimento do qual o herói faz uso e se regozija com isto, uma função de profundo desconhecimento que só o distancia daquilo que lhe é efetivamente próprio, enquanto descendente dos Labdácidas e de certa forma determinado por esta ascendência. É por estar instalado neste plano de desconhecimento–conhecimento, que o que lhe é dito de forma cifrada (pelo oráculo de Delfos), é ouvido de forma inequívoca, suspendendo a questão sobre a sua origem.

Segundo Momento: Um Herói Não Recua, Afirma Ativamente

A relação de Édipo com o saber, é um fio que perpassa toda a sua história, de Édipo-rei até Édipo em Colono. Assim, ao procurar elucidar (de acordo com o oráculo recente), quem é o assassino de Laio, o herói é advertido, em diferentes pontos de sua investigação, no sentido de que suspenda suas perguntas, pare de interrogar. É persistindo nesta via, confiante em sua apreciação dos fatos, que Édipo encontra, pouco a pouco, um outro campo de sentido que revela a sua profunda ignorância quanto à uma verdade que vai se impondo. Vejamos o que diz Lacan:

“... Sófocles no-lo mostra aferrado à sua própria perda por sua obstinação em resolver um enigma, querendo a verdade. Todo mundo tenta retê-lo, particularmente Jocasta, que lhe diz a cada instante – Agora basta, sabe-se o suficiente. Mas, ele quer saber, e acaba sabendo.” (p. 330).

A insistência de Édipo, sua obstinação em saber, não se detendo frente à nenhuma das súplicas daqueles que o cercam – fato que no desenrolar da trama, adquire proporções e implicações irreversíveis – vai situando um ponto de ruptura com o seu anterior posicionamento. Édipo, o decifrador de enigmas, vai se tornando, para si próprio, o enigma que carece de deciframento.

Demarcamos, até então, diferentes posicionamentos do herói, sua insistência, seu desejo de saber. Isto significa que haja uma unidade psicológica do herói trágico? Qual o estatuto desta insistência, desta afirmação de Édipo? Vernant (1977) esclarece que indagar sobre a maior ou menor unidade de caráter das personagens trágicas é colocar mal o problema. Antes, está em jogo na tragédia a relação entre o herói e a ação, enquanto determinada por uma multiplicidade de planos que engendra um valor de enigma, conseqüentemente, passível de ser interrogado:

“Quais são as relações desse homem com os atos sobre os quais o vemos deliberar em cena, cuja iniciativa e responsabilidade ele assume, mas cujo sentido verdadeiro o ultrapassa e a ele escapa, de tal sorte que não é tanto o agente que explica o ato, quanto o ato que, revelando imediatamente sua significação autêntica, volta-se contra o agente, descobre quem ele é e o que ele realmente fez sem o saber?” (p. 19).

Vemos, desta forma, que o herói trágico se localiza mais do lado do efeito do ato, do que de um agente que o realize. O ato na medida em que revela sua significação autêntica e, portanto, indissociável do campo da linguagem, precipita a posição do herói trágico no mundo. Aqui, nos parece possível retomar a via avançada por Lacan de uma subjetividade que não é passível de ser eliminada. Trata-se de uma posição subjetiva que não se confunde com um eu agente, com uma unidade psicológica: o

sujeito do inconsciente, sujeito do desejo, efeito da cadeia significativa mas irreduzível a esta. Nesta via, Lacan interroga o sentido oculto da ação, o desejo que a habita.

É momento de retornarmos à questão acima colocada: qual o estatuto da insistência, da afirmação de Édipo? Vimos que o herói não é o agente, o ato o ultrapassa. Vernant nos fornece a indicação desta resposta, ao apontar que o herói trágico não é o agente, mas por outro lado não é passivo. Há uma atividade que lhe é própria, ou seja, o herói afirma o seu percurso, não recua. De posse da noção de uma tal atividade, examinemos o momento em que Édipo se cega.

Lacan avalia que, em certo sentido, Édipo não fez Complexo de Édipo. Ele apenas matou um homem que encontrou na estrada e que ignorava ser seu pai. Crime que se realiza no momento mesmo em que Édipo fugia das predições do oráculo, “Foge daqueles que acredita serem seus pais, e querendo evitar o crime, ele o encontra” (p. 365). Também em relação à sua mãe, Jocasta, Édipo ignorava seus laços sanguíneos com aquela que se tornou sua esposa. Desde esta perspectiva, Lacan interroga o sentido do tratamento que Édipo se inflige, o ato de cegar-se, já que ele se pune por uma falta que não cometeu. Lacan aponta que em seu ato, Édipo “renuncia àquilo mesmo que o cativou”, (p. 365). Analisa que ludibriado, tapeado pelo seu próprio acesso à felicidade, Édipo “Para além do serviço dos bens... entra na zona onde procura o seu desejo.” (p. 365).

Freud (1939a) confere ao cegamento que Édipo se impõe, o valor de uma auto-punição, “... la ceguera que Edipo se inflige como castigo...” (p. 189n). Entretanto, Lacan chama a atenção para esta outra vertente de sentido:

“se ele se arranca do mundo pelo ato que consiste em cegar-se, é que somente aquele que escapa das aparências pode chegar à verdade. Os antigos sabiam disso – o grande Homero é cego, Tirésias também” (p. 371).

É interessante notar que Tirésias possuía o dom da “mântica” e seu nome em grego significa vidente. Há ainda em Édipo-Rei, um trecho de seu discurso que nos

parece reafirmar a direção apontada por Lacan, ou seja, a atividade de sua ruptura com o que é das aparências:

“se houvesse ainda um meio de impedir os sons
de me chegarem aos ouvidos eu teria
privado meu sofrido corpo da audição
a fim de nada mais ouvir e nada ver”

(Versos 1638-1641, p. 90)

Procuramos situar a leitura de Lacan, segundo a qual Édipo avança sem recuar, em uma região distinta daquela na qual se encontrava, não mais norteado por seus antigos ideais. Édipo transpõe, ultrapassa este campo de desconhecimento em direção à sua própria verdade, movido pelo desejo de saber “a chave do enigma do desejo” (p.370).

Terceiro Momento: Alguma Elaboração

Édipo em Colono se traduz como o momento final do percurso do herói. Cego e fragilizado fisicamente, o que encontramos, paradoxalmente, é um Édipo irreduzível, afirmativo. Lacan ressalta o fato de que embora tenha se despojado do antigo poder, nem por isto Édipo abre mão dos direitos que sua posição lhe confere, “... tendo Édipo renunciado ao serviço dos bens, nada no entanto é por ele abandonado da preeminência de sua dignidade sobre esses mesmos bens” (p. 365).

Neste ponto nos parece interessante comparar esta posição do herói com a do homem comum, através de uma das questões com que Freud se confronta em sua investigação sobre a moral. Trata-se dos efeitos sobre o homem da má sorte, ou seja, Freud (1930a) aponta que enquanto a vida transcorre tranqüilamente, “su conciencia moral es clemente y permite al yo emprender toda clase de cosas” (p. 122). Entretanto, quando o infortúnio sobrevém, o homem “... se mete dentro de sí, discierne su pecaminosidad, aumenta las exigencias de su conciencia moral, se impone abstinencias y se castiga mediante penitencias” (p. 122). Freud atribui este efeito ao fato de que o

destino é encarado como o derradeiro representante da instância parental. Na medida em que sobrevém a infelicidade, isso significa que não se é amado por esses poderes supremos. Assim, sob a ameaça da perda do amor, o homem se submete à representação dos progenitores no supereu, que se torna mais exigente.

A comparação da posição do herói frente ao infortúnio, com a do homem comum, deixa clara a ausência deste traço no herói que, ao contrário, avança exigindo tudo o que lhe é de direito, amaldiçoando seus inimigos, com uma firmeza dissonante de sua fragilidade física e sem se confundir com o plano que, em parte, o determina, ou seja, sem se confundir com os desígnios dos deuses.

Esta comparação nos permite situar dois aspectos. Em primeiro lugar, vimos como Freud assinala que enquanto tudo transcorre bem, a consciência moral é clemente e permite ao eu empreender todo o tipo de coisas. Esta orientação de Freud nos parece compatível com a idéia de que o campo dos ideais é, finalmente, regulado pela instância moral. Em segundo lugar e em relação com este primeiro aspecto, acompanhamos a forma como, capturado em uma lógica fantasística, o homem se norteia pela realidade psíquica, no interior da qual o infortúnio é também ocasião para o incremento das exigências do supereu.

Há um outro aspecto fundamental neste terceiro momento do percurso do herói. Em seus discursos, podemos acompanhar sua própria leitura daquilo que durante um longo período de sua vida apenas experienciou. Alguma construção, alguma elaboração do que por ele foi vivido, encontra lugar em seu discurso e não mais em ato. Voltaremos a este ponto.

Acompanhemos inicialmente o esclarecimento de Gama Kury (1989) sobre o que ocorre entre o momento em que Édipo se cega e sua chegada ao bosque de Colono. Lacan assinala este tempo como uma região intermediária, entre o serviço dos bens e a zona onde Édipo procura seu desejo.

Após cegar-se Édipo continuou a viver em Tebas onde Etéocles e Polinices, seus filhos, disputavam o trono da cidade. Envolvidos em sua disputa, ambos

“mostraram-se insensíveis em relação ao imenso infortúnio do pai que, por causa disso, os amaldiçoou” (p. 12). Revoltados com a maldição lançada sobre eles, Etéocles e Polinices expulsaram Édipo de Tebas e este, guiado por sua filha Antígona, após vagar pela Grécia como mendigo, chega às imediações de um bosque em Colono, local determinado pelos deuses onde terminaria sua vida.

O local ao qual Édipo chega é consagrado às deusas Eumênides, “filhas do solo e das Sombras impenetráveis” (verso 44, p. 105). Por encontrar-se em área sagrada, Édipo é inicialmente interpelado por um habitante da região e em seguida por um grupo de anciãos que, após saberem sua “identidade” lhe ordenam: “Tens de partir! Sai já deste lugar!” (Verso 234, p. 115). Frente à uma tal ordem, Édipo não se intimida, argumenta, não cede às pressões que sofre. Se por um lado, está em sua atitude acatando às determinações dos deuses, por outro lado o faz de forma irreduzível, persuadindo os anciãos.

Vemos também a irreduzibilidade de Édipo, em seu confronto com Creonte que – após ter ciência do recente oráculo, segundo o qual a terra onde repousasse o corpo de Édipo seria abençoada pelos deuses – aparece em Colono com um contingente de soldados e o propósito de levá-lo para as imediações de Tebas. Édipo, advertido por sua filha Ismene (que se juntara a eles em Colono), das reais intenções de Creonte, as revela àqueles que os ouvem em seu confronto, bem como se opõe às mesmas de forma enérgica, conquistando a proteção daqueles que o acolheram.

Uma vez mais, Polinices o procura com o mesmo propósito, ou seja, levá-lo consigo para obter o apoio dos deuses em sua luta contra seu irmão Etéocles. Édipo se nega a apoiá-lo e reafirma a maldição que outrora havia lançado sobre os filhos. Lacan chama a atenção para o fato de que esta maldição “... engendra a seqüência catastrófica onde se inscreve Antígona” (p. 303), ou seja, a maldição lançada por Édipo se relaciona aos trágicos destinos de Etéocles, Polinices e Antígona. Lacan assinala o fato de que o herói trágico não conhece nem o temor nem a piedade. Édipo explode em sua ira, em sua vingança, não se deixando persuadir nem mesmo por seu filho. Amaldiçoa seus inimigos e promete bênçãos àqueles que o acolheram.

Um esclarecimento se faz aqui necessário, a respeito da noção de Hamartía que significa falta ou ainda como propõe Lacan, “erro de julgamento” (p. 313). O cunho religioso de uma tal noção, sua transmissibilidade, geração após geração, fica bastante evidente no mito de Édipo, como explicita Junito Brandão (1990):

“Laio, todavia, herdeiro, não apenas do trono de Tebas mas sobretudo de algumas mazelas de caráter religioso de seus antepassados, particularmente de Cadmo, que matou o dragão de Ares, e de Lábdaco, que se opôs ao deus do êxtase e do entusiasmo, cometeu grave hamartía na corte de Pêlops. Desrespeitando a sagrada hospitalidade, cujo protetor era Zeus e ofendendo gravemente Hera, guardiã severa dos amores legítimos, raptou o jovem Crísipo, filho do hospedeiro.” (p. 236-37).

Vemos aqui explicitada a forma como a Hamartía ultrapassa um determinado descendente, avançando geração após geração: Cadmo, Lábdaco, Laio, Édipo, Etéocles, Polinices e Antígona. É Ismene quem expressa esta cadeia, ao referir-se à problemática sucessão do Trono de Tebas: “a tara antiga que segue a raça maldita.” (verso 393, p. 122). Por outro lado, o mito aponta uma reconciliação possível com os deuses, um a um. É o caso de Édipo, como novamente expressa Ismene: “Agora exaltam-te os deuses que te puniram.” (Verso 424, p. 123). Desta forma, ao final de seu percurso, Édipo é acolhido pelos deuses em sua morte apoteótica.

Detenhamo-nos agora em um aspecto que apontamos anteriormente e que nos parece essencial neste terceiro momento da jornada do herói. Trata-se do posicionamento de Édipo frente à multiplicidade de planos que marcaram sua trajetória. Examina em longos discursos, o que foi seu próprio percurso. Posiciona-se frente aos desígnios dos deuses, assume a falta transmitida, não a renega, mas, de certa forma, distancia-se dos atos que cometeu. Vejamos alguns versos de seu discurso, proferido em resposta aos insultos de Creonte:

“Teus lábios lançam contra mim assassinatos
núpcias, desgraças, tudo que tenho sofrido
Agora explica-me: se por meio do oráculo

a voz de um deus disse ao meu pai que um filho seu
 um dia o mataria, como poderias
 condenar-me por essa morte justamente,
 a mim, que ainda não tinha sequer nascido,
 que nenhum pai havia até então gerado,
 que nenhum útero de mãe já concebera?
 A respeito de minha mãe – de tua irmã –
 Sim, ela era minha mãe – que desventura!
 Ambos desconhecíamos toda a verdade
 e essa mãe me deu os filhos que tivemos
 para sua vergonha! Ao menos uma coisa
 eu sei: difama-nos deliberadamente
 Mas, não quero que me atribuam como crimes
 nem esse casamento nem o assassinio
 de um pai, que me lanças ao rosto sem cessar”

(Versos 1107-8; 1117-23; 1131; 1136-40; 1143-45, p.
 156-7)

Neste intenso discurso, interessa-nos, sobretudo, a maneira como Édipo discerne o que é colocado, determinado pelo oráculo antes mesmo de seu nascimento – na linha da maldição de sua família – daquilo que lhe pode ser ou não imputado. É ciente de sua inserção na descendência maldita, mas ao mesmo tempo não se confunde com este plano que o ultrapassa. Édipo engendra alguma distância entre o que lhe é predestinado e o que lhe é atribuível. Aspecto que vemos claramente expresso em sua recusa de que lhe atribuam como crimes, os atos que marcaram sua história. É neste hiato que nos parece possível localizar a posição do herói.

Em seu infortúnio, Édipo constrói um saber sobre algo do que foi experienciado, elabora algo do que até então foi vivido: sua própria história. Neste sentido, parece-nos que é somente em Édipo em Colono que Édipo-Rei ganha todo o seu alcance, pela boca do herói. Sustenta uma posição que não se reduz aos desígnios dos deuses, na medida em que constrói um saber sobre a sua localização neste campo que o antecede. Saber que é referido a uma verdade particular atingida por Édipo, através de seu desejo de saber sobre seu desejo, como situa Lacan. Em estreita proximidade com a morte,

Édipo define sua versão de um texto parcialmente prescrito, acrescentando a este texto uma pontuação própria, ou seja, o que é de sua inserção e o que não é. Afirmativo até o último momento, como se ouve pelo mensageiro que transmite a sua morte.

“Logo depois de ele ter a satisfação
de sentir-se como queria, e no momento
em que nada mais desejava, reboaram
os trovões de Zeus Infernal...”

(Versos 1905-1908, p. 182)

Vimos como o mensageiro anuncia o momento da morte do herói quando este nada mais desejava. Lacan chama a atenção para esta dimensão, situando que “Édipo nos mostra onde pára a zona limite da relação com o desejo” (p. 367). Aqui se faz necessário que examinemos este ângulo, de uma zona limite da relação com o desejo, dentro do contexto em que Lacan sustenta uma decantação de planos, bem como o ultrapassamento de um campo ao outro, como inerentes ao percurso de uma análise.

2.3 – A Reordenação das Relações com a Lei

A indicação de Lacan (1959-60) segundo a qual o herói trágico nos mostra o ponto limite da relação com o desejo, integra uma série de desdobramentos articulados em torno da idéia de que “a função do desejo deve permanecer numa relação fundamental com a morte” (p. 364). Façamos algumas considerações sobre este ponto.

Vimos que a demanda veicula, ao se articular com os significantes, um resto metonímico que insiste, o desejo, e que, por outro lado, instaura uma dimensão de sentido, para além do que a demanda formula. O permanente relançamento em direção a outros objetos da demanda que, como tais, perpetuam este campo de sentido obscurecido, leva Lacan a assinalar que a pergunta em torno da realização do desejo, só pode ser concebida em uma perspectiva absoluta, ou seja, tendo como referência seu ponto limite. Acompanhemos Lacan:

“... o desejo, se forma como o que suporta essa metonímia, ou seja, o que quer dizer a demanda para além do que ela formula. E é por isso que a questão da realização do desejo se formula necessariamente numa perspectiva de juízo final” (p. 353).

Desta forma, Lacan interroga o que pode querer dizer para um homem ter realizado seu desejo, a não ser tê-lo realizado ao final. É neste sentido que Lacan aponta a “invasão da morte na vida” (p. 353) como o que confere dinamismo ao tema da realização do desejo. É importante ressaltar que Lacan, nesta linha de argumentação, circunscreve a relação do homem com sua própria morte na vida, como uma experiência na e pela linguagem. Assim, após levantar a questão em torno da forma como um homem, um vivente, pode atingir o conhecimento de sua própria relação com a morte, Lacan responde:

“... pela virtude do significante e sob a forma mais radical. É no significante, e uma vez que o sujeito articula uma cadeia significativa, que ele sente de perto, que ele pode faltar à cadeia do que ele é” (p. 354).

Desta maneira, a relação do homem com sua própria morte é situada como uma experiência no campo da linguagem. Nesta direção, parece-nos possível apontar a relação do homem com a sua própria morte como o seu confronto com a ausência de um significante último que o defina integralmente. Em última instância, seu confronto com a inconsistência do campo do Outro, com a castração simbólica.

Aqui encontramos o cerne da discussão sustentada por Lacan. O confronto com a castração simbólica é indicado como o ponto a que uma análise deve conduzir um sujeito. Para Lacan, o plano regulado pela instância moral, retroalimenta os conflitos com a instância paterna, onde a castração é interpretada como um castigo iminente e não como intrínseca à condição humana. Nesta via, Lacan aponta a importância, em uma análise, de um ultrapassamento deste plano fantasístico, que obscurece a relação do sujeito com o seu desejo, em direção à uma verdade particular, concernente à localização deste sujeito em um campo que o antecede, o campo do Outro. Localização

esta que lhe é apontada, através de significantes (que, portanto, só ganharão valor a posteriori), antes mesmo de seu nascimento e que confere a especificidade de sua inserção no campo do Outro. Sigamos Lacan:

“... o desejo nada mais é do que aquilo que suporta o tema inconsciente, a articulação própria do que faz com que nos enraizemos num destino particular...” (p. 383).

Encontramos, nesta citação, o desejo do homem como o que suporta sua peculiar relação com um campo que, em parte, o determina. O mito de Édipo, utilizado por Lacan, expressa este aspecto de forma bastante clara. Vimos que o período em que Édipo conduz sua vida, ignorando sua inserção na cadeia dos labdácidas, seus ascendentes, coincide com o tempo em que realiza, em ato, as predições do oráculo. Por outro lado, a construção de um saber sobre o seu percurso, em uma região onde procura o seu desejo, lhe permite engendrar alguma distância entre o que lhe é predestinado e o que lhe é atribuível. O herói pontua em seu discurso o que é e o que não é de sua inserção nesta cadeia que o antecede. Finalmente, posiciona-se frente a este campo que, em parte, o determinou. Vejamos o que diz Lacan:

“O que o sujeito conquista na análise... é sua própria lei... Essa lei é, primeiramente, sempre aceitação de algo que começou a se articular antes dele nas gerações precedentes...” (p. 360).

Vemos, desta forma, que Lacan discrimina uma dimensão da lei, particular, referida ao desejo de um sujeito, diferenciada da lei interiorizada quando do declínio do Édipo, o supereu. Como vimos, o supereu se encontra implicado, assim como o eu, em um campo onde se procura a qualquer preço, ainda que ao preço da satisfação extraída do sofrimento, elidir a castração simbólica, transformando sua irreduzibilidade em um castigo atribuível à instância moral. Acompanhemos a avaliação de Lacan:

“... há, bem freqüentemente, naquilo que o homem se impõe como deveres, apenas o temor dos riscos a correr... o que a análise articula é que, no fundo, é mais cômodo

sujeitar-se ao interdito do que incorrer a castração”
(p. 367).

É interessante comparar esta avaliação de Lacan com um comentário de Freud em *Inibição, Sintoma e Angústia*, sobre as relações do eu com o supereu, na neurose obsessiva. Freud assinala que a hostilidade do supereu é a situação de perigo da qual o eu procura se subtrair. Freud se interroga sobre o motivo pelo qual o eu teme o supereu e explica que o castigo do supereu “es un eco del castigo de castración” (p. 122). Situemos a análise de Freud (1926d):

“Así como el superyó es el padre que devino a personal, la angustia frente a la castración con que este amenaza se ha trasmudado... en una angustia de la conciencia moral. Pero esa angustia está encobierta; el yo se sustrae de ella ejecutando, obediente, los mandamientos, preceptos y acciones expiatorias que le son impuestos” (p. 122).

Em primeiro lugar, queremos enfatizar a proximidade da abordagem deste ângulo por Lacan, ao demarcar que freqüentemente o que o homem se impõe como deveres, encobre o temor dos riscos a correr, sobretudo o risco da castração. Em segundo lugar, cabe ressaltar, nesta citação, a angústia da consciência moral. Freud a define como correlativa à angústia de castração e referida ao supereu, ou seja, angústia do eu frente ao supereu. Além disto, acompanhamos o esforço do eu para se subtrair ao confronto com a angústia, submetendo-se às exigências do supereu. Neste sentido, a angústia frente ao supereu, angústia da consciência moral, tem uma função no recuo, na submissão do eu às desmedidas exigências do supereu.

Por outro lado, vimos no segundo capítulo, o caráter primário conferido por Freud à angústia. Freud deriva a gênese da consciência moral, da renúncia pulsional primária, a qual se impõe em decorrência da angústia, angústia frente à perda do amor. Freud especifica a angústia como articulada à situação de desamparo e de dependência em que se encontra a criança, frente àqueles que se ocupam dela. Desta forma, vemos no texto de Freud, a estreita conexão entre a angústia e a condição de desamparo do ser humano. Em um adendo à *Inibição, Sintoma e Angústia*, Freud se debruça sobre a

natureza do perigo envolvido na angústia, articulando-a, uma vez mais, ao desamparo e reiterando a função de sinal no eu, da angústia:

“Llamése situación de peligro a aquella en que se contiene la condición de... expectativa. Esto quiere decir: yo tengo la expectativa de que se produzca una situación de desvalimiento... Por eso anticipo ese trauma, quiero comportarme como si ya estuviera ahí, mientras es todavía tiempo de extranarse de él.” (p.155).

Lacan enfatiza, nesta indicação de Freud, o valor da angústia como proteção contra o estado de desamparo, bem como sublinha sua face expectante, enquanto sinal da espera de uma situação de desamparo que se delineia:

“É propriamente isso o que Freud, falando da angústia, designou como o fundo onde se produz seu sinal, ou seja, Hilflosigkeit, [desamparo]... onde o homem, nessa relação consigo mesmo que é sua própria morte... não deve esperar a ajuda de ninguém.” (p. 364).

Inicialmente, é importante retomarmos aqui o que explicitamos acima, sobre a relação do homem com sua própria morte, como uma experiência no campo da linguagem, através de seu confronto, em uma análise, com a ausência de um significante último que o defina integralmente – confronto com a castração simbólica. Consideramos que a referência de Lacan ao desamparo como uma região onde o homem, na relação com sua própria morte, não deve esperar a ajuda de ninguém, seja uma outra forma de situar o confronto do homem com a castração simbólica. Além disto, partindo destas articulações, acreditamos que, para Lacan, seja a angústia que sinalize, sob a forma expectante, o ponto de confronto com a inconsistência do Outro, com a castração simbólica. Este ponto é expresso pela região do desamparo, região para além do perigo delineado pela angústia. Assim, Lacan aponta que “A angústia já se desenvolve deixando um perigo delinear-se, enquanto que não há perigo no nível da experiência última do Hilflosigkeit” (p. 364). Acompanhamos aqui a demarcação de um outro campo, para além da angústia como proteção, sendo que a angústia nos

parece poder ser localizada, como uma região intermediária entre o campo regulado pela instância moral e o campo regulado pela castração simbólica, expresso pelo desamparo.

No momento mesmo em que Lacan se debruça sobre os efeitos no homem, decorrentes de sua captura em uma região regulada pela instância moral, passa a examinar aspectos da gênese do supereu no declínio do Édipo. Assim como Freud, Lacan sublinha a função do ódio na gênese do supereu. Explicita o papel da ambivalência (conceito cuja importância assinalamos anteriormente), na interiorização em jogo no declínio do Édipo – ambivalência com relação ao pai:

“... se incorporamos o pai por sermos tão malvados conosco mesmos, é talvez por termos, contra esse pai, muitas recriminações a fazer” (p. 368).

Vale retomar aqui a orientação de Freud (1930a) em *O Mal Estar na Civilização*, segundo a qual a agressão vingativa que a criança gostaria de exercer contra o pai é acolhida pelo supereu, através da identificação:

“El yo del hijo tiene que contentarse con el triste papel de la autoridad – del padre – así degradada” (p. 125).

Desta maneira, tanto Freud quanto Lacan, enfatizam a função da atitude da criança frente ao pai, uma atitude ambivalente, onde o ódio tem efeitos sobre o produto desta operação, ou seja, a autoridade interiorizada é uma autoridade degradada pelo ódio que lhe é dirigido e que passa a ser instrumentalizado e perpetuado pelo supereu.

Lacan avança esta dimensão situando por um lado o ódio e por outro lado o temor, como as balizas que sustentam o homem nesta região. E aqui podemos localizar a angústia da consciência moral, do lado do temor do eu frente ao supereu. Esta constelação que se retroalimenta, conduz o homem a um permanente recuo frente às questões que concernem ao seu desejo, submetendo-o às exigências do supereu.

Lacan confere, neste enquadre, o valor de uma posição à culpa, ou seja, entre o ódio e o temor “reside para o homem comum o exercício de sua culpa, reflexo de seu

ódio pelo criador... que o fez criatura tão fraca e insuficiente” (p. 371). Cabe ressaltar que, em uma análise, a culpa ganha um outro valor, ou seja, para Lacan (1959-60), sob transferência, o sujeito é culpado de “ter cedido de seu desejo” (p. 382). A culpa, neste sentido, é indissociável de uma pergunta sobre o desejo, sobre a conformidade ou não do ato, com o desejo que o habita. Já que o sentimento de culpa expressa a tensão entre o eu e o supereu, podemos pensar, desde esta perspectiva, que o supereu, em uma análise, assinala uma posição de recuo frente ao desejo e, nesta medida, deve ser “ouvido” e não “calado” no curso do tratamento. Vemos assim, em uma análise, algo de uma reordenação das relações com a lei, onde a culpa e o supereu, passam a ser referidos à lei do desejo e não mais à lei interiorizada.

É assim que Lacan aponta a importância de que uma análise desestabilize a constelação fantasística em que o eu e o supereu se encontram implicados, tendo como direção permitir que o sujeito atinja a região onde o ato se encontre regulado pelo desejo que o habita e não pelo temor dos riscos a correr. Como vimos, uma região à qual o homem chega, confrontando-se com a castração simbólica, em uma análise.

Cabe ainda indicar, que a transposição feita por Lacan desta constelação para o campo de uma análise, o leva a apontar a angústia como um elemento privilegiado neste franqueamento, neste ultrapassamento. Como vimos, para Lacan a angústia sinaliza o ponto de confronto com a inconsistência do Outro. Nesta direção, frente à angústia torna-se possível, por uma lado, um recuo do eu, retroalimentando os conflitos com o supereu e por outro lado, abre-se uma via, em análise, para além da angústia da consciência moral, para além dos conflitos com a autoridade interiorizada.

Aqui, é interessante retornarmos ao ponto indicado por Freud (1937c) como inultrapassável em uma análise, o rochedo da castração. Freud aponta que tanto o homem como a mulher se mantêm em uma posição reivindicatória, com relação ao pai que fez tão mal as coisas. Freud explicita esta situação, indicando as dificuldades colocadas na própria transferência, no caso do homem:

“El hombre no quiere someterse a un sustituto del padre, no quiere estar obligado a agradecerle, y por eso no quiere aceptar del médico la curación” (p. 253).

Desta forma, se instala um impasse colocado pelo plano fantasístico, ao desfecho da análise. Para Lacan, o avanço em uma região de confronto com a inconsistência do Outro, permite algo de um esvaziamento desta dimensão fantasística, no interior da qual o pai amado e odiado é suposto proibir e castigar. O acesso à castração simbólica, instaura para o sujeito a pergunta sobre o desejo que o habita. Assim como no mito de Édipo, o desejo de saber sobre o enigma do desejo, sustenta e suporta uma direção de ultrapassamento.

Acompanhamos em Freud, que a renúncia pulsional primária frente à angústia, se encontra diretamente relacionada com a gênese da consciência moral. Vimos também que a renúncia pulsional tem um produto: a inclinação a agredir. Acompanhamos ainda, a forma como esta inclinação a agredir é instrumentalizada pelo supereu contra o eu. Vale a pena registrarmos, seguindo este fio, um comentário de Freud (1950a) no *Projeto para uma Psicologia Científica*, segundo o qual “el inicial desvalimiento del ser humano es la fuente primordial de todos los motivos morales” (p. 363). Desta maneira, já em 1895 encontramos o estreito elo, no pensamento de Freud, entre a lei interiorizada, os motivos morais e a condição de desamparo do ser humano. De posse destas orientações de Freud, consideramos digno de nota que Lacan procure intervir, através da angústia – em sua relação com o desamparo, com a castração simbólica – neste ponto onde se articula o plano de redobrimento fantasístico, no interior do qual vigora a lei interiorizada, a lei degradada. Entendemos que seja neste sentido que Lacan aponte como viável um ultrapassamento que permita uma posição subjetiva, articulada a uma lei particular, indissociável da castração simbólica e reguladora do desejo.

V – CONCLUSÕES

Este estudo encontra aqui, digamos assim, seu ponto parágrafo. Acreditamos que as questões que procuramos desenvolver, embora permitam alguns pontos de conclusão, evocam uma abertura para o levantamento de outras questões referidas a este tema. Retomaremos agora, alguns aspectos que foram abordados anteriormente.

Partindo da escuta de usuários de drogas, do intenso mal estar expresso pelos pacientes que, em dado momento, nos endereçaram o fracasso de sua relação com as drogas, procuramos interrogar junto à teoria psicanalítica: que constelação pode responder pelo inequívoco assujeitamento ao uso abusivo de drogas, pelo uso imperativo, diferenciado, no discurso dos pacientes, de um uso prazeroso?

Encontramos dentre os conceitos elaborados por Freud, dentro de uma lógica que supõe um além do princípio do prazer, a constelação do supereu englobando funções inter-relacionadas, como a observação de si, a consciência moral e a função do ideal. A idéia de uma constelação do supereu, nos permitiu trabalhar com a noção de pontos de conjunção e de disjunção entre o supereu e o ideal do eu. Esta discriminação nos possibilitou examinar, em que medida o conceito de supereu se articula aos conflitos de cunho "hipermoral" com que Freud se confronta em sua clínica, irreduzíveis ao campo dos ideais.

Procuramos assinalar a convergência de Freud para o conceito de supereu, desde suas postulações em *Introdução ao Narcisismo*, ou seja, uma libido do eu por oposição à libido de objeto, a ocorrência de diferenciações no eu e ainda, o fato de que a parte diferenciada a partir do eu, ideal do eu, se comporte para com o restante do eu, de forma coercitiva.

Ressaltamos que Freud conduz sua investigação, procurando extrair conseqüências de suas postulações e, nesta direção, acompanhamos certas orientações de Freud em *Luto e Melancolia* e em *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, que

abrem espaço para a formulação de um novo conceito, em uma segunda tópica – o supereu.

Apontamos a importância da identificação primária com o pai, direta, imediata e anterior a qualquer eleição de objeto, como condição de possibilidade da precipitação do supereu, ao final do Édipo. Procuramos discriminar diferentes planos de incidência da instância paterna, ou seja, a dimensão primária, a dimensão fantasística – como um plano de redobramento sobre a dimensão primária – e ainda a dissimetria existente entre o pai que conduz a educação da criança e os aspectos inerentes à identificação com a instância paterna. Neste percurso salientamos a importância do conceito de ambivalência. Para Freud, a identificação com o pai é ambivalente desde sempre, a ambivalência integra a identificação primária com o pai. Vimos como a ambivalência supõe pulsão de vida e de morte, lado a lado, e com isto assinalamos através da inserção da pulsão de morte, um ponto de falha, não libidinal, intrínseco à identificação primária com o pai e compatível com a irreduzibilidade da castração, enquanto primária.

Por um lado, situamos que a identificação primária com o pai, transmite geração após geração, este ponto de falha irreduzível que é a castração primária, intrínseca à condição humana. Por outro lado, procuramos indicar os inevitáveis efeitos desta ambivalente identificação, sobre a criança. O pai amado e odiado, apreendido em um plano de redobramento, fantasístico, é suposto capaz de cumprir o castigo da castração, aqui interpretada desde este plano. Vimos como Freud assinala a posição da criança frente ao pai, como uma posição sempre masoquista, onde o pai é o invariante de cambiáveis revestimentos psíquicos, que acompanham cada tempo da organização libidinal.

Analisamos os aspectos que influenciam na severidade do supereu para com o eu. Acompanhamos como Freud destaca a defusão pulsional, como um operador privilegiado, já que tem como consequência a liberação e a instrumentalização da pulsão de morte, pelo supereu. Os sintomas, efeito por excelência da operação de recalque, também cumprem um papel no incremento da crueldade do supereu. Por ação

do supereu, as moções agressivas que sucumbem ao recalque, se transmudam em sentimento de culpa, que se expressa por uma necessidade de castigo que perpetua o sofrimento sintomático por sua aplicação no castigo. Vimos ainda que Freud deduz a gênese da consciência moral, da renúncia pulsional primária, a qual se impõe em decorrência da angústia frente à perda do amor. Freud situa que a inibição da satisfação pulsional tem como produto a inclinação a agredir, que é assumida pelo supereu e dirigida contra o eu. Cabe ressaltar que na gênese da consciência moral, podemos localizar uma vertente primária da angústia, frente à qual se impõe a renúncia pulsional primária. Vimos o nexos estabelecido entre a vertente primária da angústia e a condição de desamparo primordial do ser humano.

Além disto, seguimos o fio do pensamento de Freud sobre as tendências masoquistas do eu, que derivam, a partir das relações com o supereu, em uma satisfação de outra ordem, implicada no sofrimento. Neste contexto, assinalamos a função da angústia frente ao supereu, angústia da consciência moral, como relacionada à submissão do eu, frente ao supereu.

Salientamos como esta conjuntura se retroalimenta e apontamos a avaliação de Freud de que o sadismo do supereu e o masoquismo do eu se ligam, para produzir as mesmas conseqüências. Abre-se um caminho da moral ao complexo de Édipo, descrito como uma re-sexualização da moral, o masoquismo moral, que não interessa nem à moral e nem ao homem. O eu, tornado masoquista, sob a influência do supereu, tornado sádico, busca castigos de um poder parental e extrai uma satisfação de seu padecimento, incrementando e perpetuando a severidade, a crueldade do supereu.

Chamamos a atenção para o valor, conferido por Freud ao masoquismo moral, de um dos maiores obstáculos ao avanço de uma análise. O caráter inconsciente do sentimento de culpa, o torna mudo para o paciente, que não se sente culpado e sim enfermo. Nesta via, abre-se a possibilidade de um questionamento da eficácia da psicanálise para o seu caso e a ruptura precoce da análise, sem que algo desta posição masoquista seja elaborado.

Apontamos como este plano fantasístico visa, em última instância, encobrir a castração, enquanto falha primária. No interior de um campo onde o poder parental é suposto proibir e castigar, transforma-se um ponto de irreducibilidade, inerente à condição humana, em uma proibição ordenada e perpetuada pela instância moral. O aprisionamento nesta lógica fantasística, é apontado por Freud em seus textos mais tardios como um impasse, inclusive ao desfecho da análise.

Partindo da exposição de Freud sobre este campo de problemas e questões, acompanhamos alguns desdobramentos examinados por James Strachey e Jacques Lacan.

Para Strachey, uma análise deve intervir na esfera do supereu, tornando-o brando, suave, apaziguando-o. Considera que esta modificação no supereu, produz efeitos sobre o eu, que passa a ter um contato menos distorcido com a realidade. Nossa crítica à argumentação de Strachey, girou em torno da absoluta exclusão de seu exame da face masoquista do eu, largamente discutida por Freud. Procuramos avaliar, em termos de conseqüências, a direção de análise proposta por Strachey. Situamos que, levando em consideração as orientações de Freud, um supereu apaziguado e um eu adaptado podem encobrir, finalmente, um eu que busca castigos, sob o jugo do supereu, ambos operando silenciosamente, à revelia do eu consciente. Desta forma, dissemos que se trata de uma direção de tratamento, que pode comportar graves conseqüências clínicas, já que Freud insiste sobre o fato de que parte das operações que envolvem um fator moral, é inconsciente.

Lacan encaminha sua argumentação, em outra direção. Parte da total inadequação do programa do princípio do prazer, o qual impõe a busca de alcançar a felicidade que, entretanto, como assinala Freud, não está contida no "plano da Criação". Sustentando o caráter irreducível de um mal estar na civilização, Lacan procura demarcar uma outra vertente da moral, não implicada no "imperioso dever-ser" do supereu e referida à lei do desejo.

Lacan opõe o complexo de castração ao complexo de Édipo, aprofundando a diferença de planos em que os dois se encontram. A castração simbólica como um plano primário, correlativo à inconsistência da estrutura simbólica, à incompletude do Outro, e o drama edípico como um plano de redobrimento, fantasístico, sobre a estrutura primária. Esta oposição permite a Lacan demarcar regiões distintas da experiência clínica. Procura balizar suas articulações, tomando como suporte o texto trágico. Examina o percurso do herói trágico, Édipo, nas peças Édipo-Rei e Édipo em Colono, de Sófocles. Traça alguns elos entre a trajetória do herói e o percurso de uma análise.

Vimos como Lacan situa que Édipo, no início da peça, se move em uma região de desconhecimento, no interior da qual atinge seus ideais. Esta região, entretanto, obscurece um outro campo de sentido, que diz respeito à sua inserção em um campo que o antecede, ou seja, a cadeia dos Labdácidas, seus ascendentes. Lacan transpõe esta seqüência para o plano da análise, afirmando uma dimensão da lei que é particular, referida ao desejo de um sujeito, na medida em que lhe é apontada uma determinada localização no campo do Outro. Nesta direção, opõe um plano, em última instância, regulado pela lei interiorizada, o supereu, a um plano regulado pela lei do desejo, particular e indissociável do confronto com a castração simbólica, em uma análise.

Apontamos como a angústia é um conceito privilegiado. Vimos que Freud a articula ao desamparo primordial, que é a fonte de todos os motivos morais do ser humano. Lacan retoma esta dimensão do desamparo, situando-o como uma região de confronto com a castração simbólica. Neste enquadre, a conexão entre a angústia e o desamparo, confere à angústia, o valor de uma proteção frente à uma situação de desamparo que se delineia. Por outro lado, indicamos que a angústia frente ao supereu, angústia da consciência moral, favorece o recuo do eu, frente ao supereu. Esta dupla face da angústia – em sua articulação com o desamparo, enquanto plano de confronto com a castração simbólica, mas também, cumprindo um papel no recuo do eu frente ao rigor do supereu – contribui tanto para perpetuar o campo regulado pela lei interiorizada, como abre uma via de ultrapassamento e desta forma, de acesso à

castração simbólica, possibilitando o confronto com a ausência de um significante último que responda pelo sujeito. Neste sentido, localizamos a angústia como uma região intermediária entre o plano regulado pela lei interiorizada e o plano regulado pela lei do desejo.

Assinalamos a circunscrição deste ultrapassamento, por Lacan, em uma análise, bem como a reordenação, sob transferência, das relações com a lei. Por oposição à lei interiorizada, instaura-se a referência à lei do desejo. Vimos como implicação imediata disto, a indicação de Lacan de que, em uma análise, o sujeito é culpado de ter cedido com relação ao seu desejo. Esta dimensão da culpa, é indissociável de uma pergunta sobre o desejo e diferenciada da culpa, como reflexo do ódio dirigido à autoridade interiorizada. Vale ressaltar que assim como discriminamos acima, uma dupla face da angústia, aqui vemos demarcada uma dupla vertente da culpa, ou seja, referida à lei interiorizada e, em análise, referida à lei do desejo.

Seguindo este fio, dissemos que também o supereu, em uma análise, na medida em que é estreitamente ligado à problemática da culpa, sinaliza algo sobre o desejo frente ao qual o sujeito cedeu. Desde esta perspectiva, apontamos a importância de que o supereu seja "ouvido" e não "calado", apaziguado, no curso de uma análise. Ainda que o supereu sinalize o recuo do sujeito, frente ao seu desejo, trata-se de uma referência à lei do desejo.

Neste ponto a que nosso estudo nos conduziu, cabe retomarmos alguns aspectos de nossa própria clínica com usuários de drogas.

Para alguns pacientes, o uso abusivo de drogas retorna sob a forma de intenso sofrimento psíquico. O que nos parece fundamental nos relatos destes pacientes, é o cunho fortemente moral do conflito que se trava. Seus relatos referem o caráter imperativo de sua prática aditiva, as auto-recriminações, a intensa culpa por insistir no uso e ainda, pequenas injunções que se presentificam para a consciência como, "Cheira!" ou "sobe o morro!". Consideramos que a presença destes elementos no relato dos pacientes, nos deixa entrever o campo em que este conflito "hipermoral" se

desenrola. Trata-se de um eu que se diz impotente, culpado, frente ao uso de drogas que se impõe e que, se por um lado, envolve prazer, um dos pacientes nos lembra de que se trata de "... um prazer infernal...", que implica em grande sofrimento. Além disto, o caráter imperativo do uso de drogas, as pequenas injunções que se apresentam para a consciência, as ruidosas auto-recriminações e a torturante consciência de culpa, deflagram a ação de um supereu assolador, que perpetua o assujeitamento à prática aditiva.

Há inúmeros fatores que, freqüentemente, cercam a ida de um usuário de drogas ao analista. É o caso, por exemplo, dos aspectos ligados à materialidade das drogas, das demandas diversas dos familiares ou de solicitações de parecer da escola, da justiça ou da empresa. Estes fatores são trazidos ao primeiro plano, sob a forma de uma urgência que requer encaminhamento imediato. Entendemos que as articulações apresentadas nesta dissertação, nos permitem apontar que este contexto em que o paciente se apresenta, não deve nos conduzir a perder de vista, o caráter eminentemente moral do conflito que se trava para o usuário de drogas. Colocar o acento na materialidade das drogas ou em outros aspectos, nos parece contribuir para alienar, ainda mais, o sujeito ao significante drogado, em vez de levá-lo a interrogar a inserção deste significante em sua vida.

Na clínica de um modo geral, não apenas no atendimento a usuários de drogas, nos confrontamos com situações extremadas, que envolvem grande sofrimento e deflagram a conjunção da satisfação masoquista do eu, com uma consciência moral (por vezes audível para a consciência), mais e mais exigente. Estas situações nos parecem apontar para a importância de que, em análise, o sujeito possa ser conduzido à relação com seu próprio desejo, que supõe o confronto com a castração simbólica. Este confronto com a inconsistência do Outro, permite que o sujeito não se deixe capturar da mesma forma, por um plano de conflitos onde a autoridade interiorizada ganha consistência, sustentando o homem, como diz Lacan, entre o ódio e o temor, onde exerce sua culpa, sua impotência frente ao poder parental.

A dimensão de impossibilidade que a castração simbólica comporta, permite ao sujeito, frente à inconsistência deste campo que o antecede, extrair alguma potência, afirmar algo de seu desejo, ainda que não como agente, não de forma voluntarista, já que, como vimos, o sujeito é assujeitado às leis do significante, às leis do inconsciente. Uma vez mais o mito de Édipo situa este plano, ao apontar que o herói não é o agente de seu ato, que é determinado por uma multiplicidade de planos, mas nem por isto é passivo.

Vimos como Édipo afirma seu percurso, com uma energia dissonante de sua fragilidade física, em uma região, como diz Lacan, onde procura seu desejo. Édipo constrói um saber sobre sua inserção na cadeia dos Labdácidas, engendrando alguma distância entre o que lhe é predestinado e o que lhe é atribuível. Em seu discurso situa o que é e o que não é de sua inserção nesta cadeia, sem se deixar enganar pelos insultos de Creonte, que pretende situá-lo como agente de seus atos: um criminoso. Édipo refuta que seja esta a sua implicação, ainda que não renegue, que acate a sua inserção na "raça maldita".

Por oposição à clareza com que o herói se orienta, neste ultrapassamento de um plano à outro, salientamos como o homem, capturado em uma lógica fantasística, se deixa enganar quanto à natureza de sua implicação nos rumos de sua vida. Freud examina este ângulo, indicando que frente à má sorte, o homem confere ao destino o valor de um poder parental e diante do risco de perder a proteção deste poder, se diz culpado e se submete às injunções do supereu, que se torna mais exigente.

Os impasses colocados pelo plano fantasístico (tanto ao avanço quanto ao desfecho de uma análise), expressam a importância de que, sob transferência, haja uma reordenação das relações com a lei, instaurando por oposição à lei interiorizada, a referência à lei do desejo. Como vimos, em análise, a culpa mas também o supereu, sinalizam algo da posição do sujeito frente ao seu desejo, conduzindo-o a formular uma pergunta, que insiste, sobre o desejo que habita a ação.

É assim que uma paciente, em análise, cuja referência às drogas persiste, embora não o consumo, diz: "... eu fico me cobrando: porque você fez isso se não queria?..." Vemos aqui assinalados, alguns aspectos. Em primeiro lugar, a própria divisão subjetiva, através da dissonância entre "... eu fico me cobrando..." e "... Porque você fez isso se não queria?..." Em segundo lugar, a formulação de uma pergunta em torno da relação entre o ato (o que foi feito) e o desejo (o que se quer ou não se quer). Em terceiro lugar, a articulação desta pergunta como uma cobrança, que insiste, nos deixa entrever a ação do supereu, referido, neste momento de sua análise, à lei do desejo.

Consideramos que a referência à lei do desejo, permite, por um lado, a construção de algum saber sobre a particularidade da inserção das drogas na vida de um sujeito. Por outro lado, possibilita algum esvaziamento do conflito "hipermoral" que é trazido em um primeiro tempo do tratamento. Cabe ressaltar, que estamos aqui contrapondo a idéia de um esvaziamento, decorrente de uma reordenação das relações com a lei, a um apaziguamento que nos parece deixar intactas, as complexas relações que se estabelecem, silenciosamente, entre o eu e o supereu.

VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, F.** (1925) - A Metapsychological Description of The Process of Cure. *International Journal of Psychoanalysis*, v. 6, p. 6-34
- BENVENISTE, E** (1966) - La Naturaleza de los Pronombres. in *Problemas de Lingüística General I*, México, Ed. Siglo Veintiuno, 1980.
- BRANDÃO, J. S.** (1990) - *Mitologia Grega III*. Rio de Janeiro, Ed. Vozes.
- FREUD, S.** (1900a) - *La Interpretación de los Sueños*. Obras Completas. vol. IV e V, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1989.
- _____ (1907b) - *Acciones Obsesivas y Prácticas Religiosas*. Obras Completas, vol. IX, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1986.
- _____ (1910a) - *Cinco Conferencias sobre Psicoanálisis*. Obras Completas, vol. XI, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1988.
- _____ (1914c) - *Introducción del Narcisismo*. Obras Completas, vol. XIV, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1989.
- _____ (1916-17) - *Conferencias de Introducción al Psicoanálisis*. Obras Completas, vol. XVI, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1989.
- _____ (1917e) - *Duelo y Melancolia*. Obras Completas, vol. XIV, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1989.
- _____ (1918b) - *De la Historia de una Neurosis Infantil*. Obras Completas, vol. XVII, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1988.
- _____ (1919e) - *Pegan a un Niño. Contribución al Conocimiento de la Génesis de las Perversiones*. Obras Completas, vol. XVII, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1988.

- _____ (1920g.) - *Más Allá del Principio de Placer*. Obras Completas, vol. XVIII, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1989.
- _____ (1921c) - *Psicología de las Masas y Análisis del Yo*. Obras Completas, vol. XVIII, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1989.
- _____ (1923b) - *El Yo y el Ello*. Obras Completas, vol. XIX, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1989.
- _____ (1923e) - *La Organización Genital Infantil (una Interpolación en la Teoría de la Sexualidad)*. Obras Completas, vol. XIX, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1989.
- _____ (1924c) - *El Problema Económico del Masoquismo*. Obras Completas, vol. XIX, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1989.
- _____ (1924d) - *El Sepultamiento del Complejo de Edipo*. Obras Completas, vol. XIX, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1989.
- _____ (1925j) - *Algunas Consecuencias Psíquicas de la Diferencia Anatómica entre los Sexos*. Obras Completas, vol. XIX, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1989.
- _____ (1926d) - *Inibición, Síntoma y Angustia*. Obras Completas, vol. XX, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1988.
- _____ (1930a) - *El Malestar en la Cultura*. Obras Completas, vol. XXI, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1988.
- _____ (1933a) - *Nuevas Conferencias de Introducción al Psicoanálisis*. Obras Completas, vol. XXII, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1989.
- _____ (1933b) - *¿ Por qué la Guerra? (Einstein y Freud)*. Obras Completas, vol. XXII, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1989.

_____ (1937c) - *Análisis Terminable e Interminable*. Obras Completas, vol. XXIII, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1986.

_____ (1939a) - *Moisés y la Religión Monoteísta*. Obras Completas, vol. XXIII, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1986.

_____ (1950a [1895]) - *Proyecto de Psicología*. Obras Completas, vol. I, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1988.

_____ (1950a [1897]) - Carta 79. *Fragmentos de la Correspondencia con Fliess*. Obras Completas, vol. I, Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1988.

KLEIN, M. (1932) - *El Psicoanálisis del Niño*. Buenos Aires, Asociación Psicoanalítica Argentina, 1948.

KURY, M.G. (1989) - *A Trilogia Tebana. Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona*. Rio de Janeiro, J. Zahar Ed., 1990 (tradução do texto de Sófocles, do grego, e apresentação de Gama Kury).

LACAN, J. (1953-54) - *O Seminário 1. Os Escritos Técnicos de Freud*. Rio de Janeiro, J. Zahar Ed., 1983.

_____ (1955-56) - *O Seminário 3. As Psicoses*. Rio de Janeiro, J. Zahar Ed., 1985

_____ (1959-60) - *O Seminário 7. A Ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro, J. Zahar Ed., 1988.

_____ (1963-64) - *O Seminário 11. Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro, J. Zahar Ed., 1979.

_____ (1966) - *Escritos I*. México, Ed. Siglo Veintiuno, 12ª Edição, 1984.

_____ (1966) - *Escritos II*. México, Ed. Siglo Veintiuno, 16ª Edição, 1991.

- _____ (1976) - Da Estrutura como Intromistura de um Pré-requisito de Alteridade e um Sujeito Qualquer. in MACKSEY, R. e DONATO, E (org.) - *A Controvérsia Estruturalista*. São Paulo, Ed. Cultrix.
- RADÓ, S.** (1925) - The Economic Principle in Psycho-Analytic Technique. *International Journal of Psychoanalysis*. v. 6, p. 35-44.
- SAUSSURE, F.** (1973) - *Curso de Lingüística Geral*. 5ª Edição, São Paulo, Ed. Cultrix.
- STRACHEY** (1934) - Naturaleza de la Acción Terapéutica del Psicoanálisis. *Revista de Psicoanálisis*, v. 5, n. 4, p. 951-983, 1948.
- VERNANT, J. P. e VIDAL-NAQUET, P.** (1977) - *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo, Livraria Duas Cidades.
- VIDAL, E. A.** (1992) - Masoquismo Originário: Ser de Objeto e Semblante. Pulsão e Gozo. *Publicação da Escola Letra Freudiana*, ano XI, nº 10/11/12, Rio de Janeiro, Ed. Dumará.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Glória Maria Castilho, intitulada Impasses Clínicos: Um Estudo Sobre o Supereu, e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:

Terezinha Féres Carneiro

Dra. Terezinha Féres Carneiro
Orientadora / PUC-RJ

Circe Navarro Vital Brazil

Dra. Circe Navarro Vital Brazil / PUC-RJ

Leticia Martins Balbi

Dra. Leticia Martins Balbi / UFF

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 28 de abril de 1994.

Jurgen Heye

Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de
Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas